

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

LAUDEREIDA ELIANA MARQUES MORAIS

MEMÓRIA ARQUIVADA: produção literária/científica do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR- (1976 a 1999)

João Pessoa
2012

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

M827m Moraes, Laudereida Eliana Marques

Memória arquivada: produção literária/científica do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR – (1976-1990) – João Pessoa, PB, 2012.

221f : il. ; 30cm

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2012.

Orientadora: Francisca Arruda Ramalho

1. Produção científica2. Produção literária3. Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional4. Memória

I Título

CDU 002.2:061

LAUDEREIDA ELIANA MARQUES MORAIS

MEMÓRIA ARQUIVADA: produção literária-científica do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional- NDIHR (1976 a 1999)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), linha de pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação em cumprimento as exigências para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: prof. Dra. Francisca Arruda Ramalho

João Pessoa

2012

LAUDEREIDA ELIANA MARQUES MORAIS

MEMÓRIA ARQUIVADA: produção literária-científica do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional- NDIHR (1976 a 1999)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), linha de pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação em cumprimento as exigências para obtenção do grau de mestre.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Francisca Arruda Ramalho
Orientadora

Prof. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Examinadora Interna

Prof. Dra. Maria da Vitória Barbosa Lima
Examinadora Externa

Carlos Xavier de Azevedo Netto
Examinador Interno Suplente

Edison Ferreira de Macêdo
Examinador externo Suplente

A **Maria de Lourdes Machado Maul** (*in memoriam*), minha
Mãe, **dedico**, em nome de todas as Marias.

AGRADECIMENTOS

Queria ter a certeza de que, apesar de minhas renúncias e loucuras, alguém me valoriza pelo que sou, não pelo que tenho... Que me veja como um ser humano completo, que abusa demais dos bons sentimentos que a vida lhe proporciona, que dê valor ao que realmente importa, que é meu sentimento...e não brinque com ele. E que esse alguém me peça para que eu nunca mude, para que eu nunca cresça, para que eu seja sempre eu mesmo. Não quero brigar com o mundo, mas se um dia isso acontecer, quero ter forças suficientes para mostrar a ele que o amor existe [...].

MÁRIO QUINTANA

Entendo Mário Quintana, nessa citação, e me vejo nela com os meus defeitos e desejos. Portanto, neste espaço que, talvez, seja o mais democrático de uma dissertação, quero fazer os meus agradecimentos a Deus, com o desejo de que Ele abençoe a todos.

Agradeço ao meu pai, pois sou filha de Deus, e o meu nome é amor.

Agradeço a Deus pela mulher/criança que sou. Abençoadas sejam as dificuldades de minha vida, que me tornaram o que eu sou hoje.

Agradeço a Deus por minha tribo espiritual, porquanto sem eles, não teria forças para continuar e a eles agradeço os banhos de cachoeira, a luz espiritual que me alimenta e acalma e a força para continuar a lutar. Abençoada seja a minha tribo!

Agradeço a Deus pelas minhas filhas, luz dos meus olhos, razão do meu viver. Abençoadas sejam Giulliana e Izabel Maria, minhas filhas, por terem escolhido nascer de mim.

Agradeço a Deus pelo meu Neto, Guilherme Marques, luz e alegria de minha vida, por talvez não entender que eu não podia assistir a filmes com ele nem brincar de barraca. E por não entender, insistiu e, nessas horas, eu pude entender o quanto é belo o amor de uma criança e ter um descanso merecido. Abençoado seja aquele que nasceu do ventre da minha filha!

Agradeço a Deus a oportunidade de estar no mesmo espaço de tempo de Madrinha Unezi Macedo de Lira e de Mário Barbosa de Lira. Abençoada seja a família que escolhi!

Agradeço a Deus pelas amigas que ele colocou em meu caminho, sem as quais eu não conseguiria sobreviver nesta vida nem em outra, quando voltarmos a nos encontrar em outra encarnação. A abençoada seja a amizade de Lucimary Fonseca e Olívia Sá.

A Deus, agradeço por minha saúde mental.

Agradeço a Deus por existirem pessoas como Maria da Vitória Barbosa Lima, amiga, irmã, exemplo de vida. Abençoada seja a tua existência. Vitória, se eu fosse agradecer com palavras, não caberia aqui.

Agradeço a Deus por me conceder conhecer as queridas amigas do G9+. Abençoadas sejam por existirem em minha vida, em especial, Irene Fernandes, Laura Baracuh, Gloriete Pimentel, Zeluiza Formiga e Rosa Godoy.

Agradeço a Deus pelas filhas que ele colocou em meu caminho, a Kelly Cristiane Queiroz Barros e a Ivânia Lúcia de Oliveira Luna Celani. Obrigada! Abençoadas sejam pelo carinho e pela consideração!

Agradeço a Deus por minhas amigas que são irmãs de alma - Ana Virgínia de Melo e Djane de Almeida Queiroz. Que vocês sejam abençoadas!

Agradeço a Deus por duas pessoas especiais, que Ele colocou em meu caminho, sem as quais isso tudo não teria começado. Abençoados sejam Bernardina Freire, amiga e parceira, e Carlos Xavier, “chefe” e amigo.

Agradeço a Deus pelos colegas do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR, em especial, a Marinalva Clementino da Silva, por me achar chata e, mesmo assim, gostar de mim. Que todos sejam abençoados!

Agradeço a Deus por ter sido acolhida, como aluna, pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação – PPGCI. Abençoados sejam a coordenadora e seus secretários!

Agradeço a Deus pelo corpo Docente do PPGCI e pelas horas de aprendizagem. Abençoados sejam os professores que se dedicam a ensinar e a educar!

Agradeço a Deus pelos colegas de Pós-graduação em Ciência da Informação. Abençoados sejam aqueles que sabem dividir carinho e conhecimento, em especial, Thaís, Kelly, Cida, Cláudio e Rosilene Agapito;

Agradeço a Deus por todos os que, de alguma maneira, contribuíram para que eu pudesse cursar esse Mestrado. Abençoados sejam!

Agradeço a Deus, principalmente, pelo Presente que ele me deu nesta caminhada: conhecer uma pessoa especial, a minha orientadora. Abençoada seja Francisca de Arruda Ramalho, pela paciência, pelo carinho, pelo jeito de ensinar, pelo jeito de falar, pelo jeito de orientar e, principalmente, pela confiança em mim depositada e por me aceitar como orientanda.

Senhor, escutai a minha Prece! Amém.

Neste amplo espectro, e, em cada um de seus âmbitos, duas dimensões são indispensáveis de serem captadas e, portanto, de serem componentes da Memória e da História: a atuação de seus agentes; e os modos de pensar a política e de implantá-la, de forma situada, em cada temporalidade social.

Não contemplar tais aspectos significa, mais do que aviltar a Memória e a História por lacunas, omissões, esquecimentos ou ocultações, não refletir sobre o movimento em toda a sua abrangência de múltiplos aspectos, que trazem, de um modo ou de outro, implicações políticas para o seu fazer-se. (SILVEIRA, 2008, p. 186)

RESUMO

Segundo Ricœur (2007), a memória arquivada é a inscrição do discurso, do testemunho, das coisas passadas e ditas; refere-se à vontade de guardar e conservar, através da escrita, o passado no nosso presente e futuro. Nesse contexto, através deste trabalho, realizou-se uma pesquisa documental, com o objetivo de descrever e analisar a produção literária científica do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), órgão suplementar da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e caracterizar suas práticas de produção e disseminação da informação. O estudo envolveu a análise de publicações, de documentos administrativos e a realização de entrevistas com gestores do Núcleo e da UFPB. A análise dos dados mostrou que, como instituição-memória, o NDIHR tinha como prática disseminar a informação através de publicações sobre a história regional e local. Nessas publicações, prevaleceram trabalhos com autorias únicas e a colaboração de autores com formação acadêmica em História e Biblioteconomia. Conclui-se que o NDIHR se constituiu em um órgão de vanguarda na Universidade Federal da Paraíba, com a introdução de uma nova concepção de História e novos métodos de pesquisa.

Palavras-chave: Memória arquivada. Informação histórica e historiográfica. Socialização da informação. Produção literária científica. Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional. Universidade Federal da Paraíba.

ABSTRACT

According to Ricoeur (2007), the memory is the registration of the speech, of the testimony and of the past and said things, refers to the desire to save and preserve through writing the past in our present and future. In this context, in this work, we did a documentary research to describe and analyze the scientific literature of the Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), a supplementary agency of Universidade Federal da Paraíba (UFPB), and characterize their practices with production and information dissemination. The study involved the analysis of publications, official documents and interviews with managers at the Núcleo and College. The analysis of data showed that, as an institution of memory, NDIHR was to practice the information dissemination through publications on regional and local history, prevailing in such publications work on only one authorship and collaboration of authors with academic training in History and Librarianship. It is concluded that the NDIHR became an organ of the vanguard at the Universidade Federal da Paraíba with the introduction of a new conception of history and new research methods.

Keywords: Archived memory. Historical information and historiography. Socialization of Information. Scientific Literary Production. Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional. Universidade Federal da Paraíba.

LISTAS DE SIGLAS

ADUFPB/JP	Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba – Seção João Pessoa
AEPB	Arquivo Eclesiástico da Paraíba
ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
ANPUH	Associação Nacional de História
CCT	Centro de Ciências e Tecnologia– Campinas
CEDOP	Centro de Documentação e Publicações Populares
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNPU	Comissão Nacional de Política Urbana
CNDU	Comissão Nacional de Desenvolvimento Urbano
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DAU/MEC	Departamento de Assuntos Universitários– Ministério da Educação e Cultura
DC/UFPB	Departamento Cultural/Universidade Federal da Paraíba
DCSE/UFPB	Departamento de Ciências Exatas/ UFPB
DH/UFPB	Departamento de História/UFPB
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
FAPE	Fundo de Apoio a Pesquisa e ao Ensino
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FGV/RJ	Fundação Getúlio Vargas/ Rio de Janeiro
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FNDCT	Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FUFMT	Fundação Universidade Federal do Mato Grosso
PED	Programa Estratégico de Desenvolvimento
FUNDAJ	Fundação Joaquim Nabuco -
IAB/PB	Instituto de Arquitetos do Brasil - Paraíba
IBAM	Instituto Brasileiro de Administração Municipal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFCS/UFRJ	Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
MCS/UFCE	Mestrado em Ciências Sociais – Universidade Federal do Ceará
NDIHR/UFPB	Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – Universidade Federal da Paraíba
NEAU/UFPB	Núcleo Experimental de Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal da Paraíba

NEIM/UFBA	Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - Universidade Federal da Bahia
NHII/USP	Núcleo de História Indígena e do Indigenismo/Universidade de São Paulo
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PLANOR	Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras
PBDCT	Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
PUR/UFRJ	Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro
REDOR	Rede Feminina Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero
SEPLAN– PB	Secretaria do Planejamento -Paraíba
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNIFEM	Fundo das Nações Unidas para o Desenvolvimento das Mulheres

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Organograma do NDIHR.	56
Ilustração 2: Organograma do NDIHR (1997).	59
Ilustração 3: Capa dos Cadernos de Estudos Regionais	87
Ilustração 4: Capas dos Textos UFPB/NDIHR	92
Ilustração 5: Capas dos <i>Debates regionais</i>	97
Ilustração 6: Capa dos <i>NDIHR/Documento</i> .	101
Ilustração 7: Capa do Guia do Arquivo Eclesiástico da Paraíba – AEPB - da Arquidiocese da Paraíba	103
Ilustração 8: Capa dos instrumentos de pesquisa do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano	105
Ilustração 9: Capa da coletânea <i>Arquivos privados: instrumentos de pesquisa</i>	106
Ilustração 10: Capas da produção dos materiais didáticos sobre a história local	107
Ilustração 11: Capas de publicações da história local	108
Ilustração 12: Capas da série Material Didático - <i>História Temática da Paraíba</i> .	110
Ilustração 13: Capas dos livros publicados pelo NDIHR	112
Ilustração 14: Funções dos periódicos primários	121

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Evolução da Legislação do NDIHR	55
Quadro 2: Linhas temáticas propostas no Projeto de Implantação, 1976.	62
Quadro 3: Estágio inicial de implantação das Linhas Temáticas do NDIHR	63
Quadro 4: Projetos executados nas Linhas Temáticas do NDIHR	67
Quadro 5: Projetos e propostas de levantamento/recuperação de fontes históricas	72
Quadro 6: Acervos organização pelo NDIHR	73
Quadro 7: NDIHR/UFPB: publicações (1976-1999) Existentes no NDIHR	80
Quadro 8: Formação acadêmica e função dos funcionários do NDIHR	84
Quadro 9: Fases de desenvolvimento da história do NDIHR	85
Quadro 10: Produção do NDHIR, segundo data de início e regularidade das publicações	86
Quadro 11: Identificação das publicações dos Cadernos de Estudos Regionais.	88
Quadro 12: Relação de temáticas em cada volume dos <i>Cadernos de Estudos Regionais</i>	92
Quadro 13: <i>Série Textos UFPB/NDIHR</i> (1983-1994), segundo o ano e o número de publicações	93
Quadro 14: <i>Textos UFPB/NDIHR</i> : Temáticas por número publicado	94
Quadro 15: Formação das autorias nos <i>TEXTOS UFPB/NDIHR</i>	96
Quadro 16: Relação de temáticas em cada volume dos Debates Regionais	99
Quadro 17: Relação da Série <i>NDIHR/DOCUMENTOS</i>	102
Quadro 18: Relação das produções por linhas de pesquisa	111
Quadro 19: Formação acadêmica dos autores nas publicações do NDIHR	116
Quadro 20: Gestores e a produção do NDIHR	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentual dos Textos UFPB/NDIHR por linha temática	95
Gráfico 2: Formação dos autores dos <i>Textos UFPB/NDIHR</i>	97
Gráfico 3: Áreas de atuação dos autores dos <i>Debates Regionais</i>	100
Gráfico 4: Categorias dos autores	114
Gráfico 5: Autoria por gênero	115
Gráfico 6: Autoria por formação	115
Gráfico 7: Linhas temáticas que prevaleceram nas publicações.	117
Gráfico 8: Autores com mais produção.	118
Gráfico 9: Autoria única e múltipla	118
Gráfico 10: Autoria e coautoria da publicações do NDIHR	119
Gráfico 11: Quantificação da produção do NDIHR por gestão	120

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 OBJETIVOS	21
1.1.1 Objetivo geral	21
1.1.2 Objetivos específicos:	21
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
2.1 Técnicas de coleta de dados	24
2.2 Técnicas de análise de dados	26
3 CAMINHOS TEÓRICOS: INFORMAÇÃO, MEMÓRIA, HISTÓRIA E SOCIALIZAÇÃO INFORMACIONAL	29
3.1 INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO CONTEMPORÂNEA	29
3.2 MEMÓRIA ARQUIVADA: o NDIHR como socializador da Informação	34
3.2.1 O rio Lethe e o rio Mnemosyne: o esquecimento e a memória	34
3.2.2 Clio, filha de Mnemosyne: <i>história, filha da memória</i>	38
3.2.3 A memória arquivada: <i>o NDIHR</i>	40
4 MEMÓRIA, PESQUISA HISTÓRICA, CULTURA E PODER: OS NÚCLEOS DE DOCUMENTAÇÃO	43
4.1 A CULTURA POLÍTICA E OS CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO VOLTADOS PARA A PESQUISA HISTÓRICA	44
4.2 O LUGAR DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E DA MEMÓRIA: NDIHR/UFPB	49
4.2.1 Para além das estruturas	56
4.2.2 Executando as finalidades dos Programas Permanentes do NDIHR	59
4.2.2.1 Programa de pesquisa	60
4.2.2.2 Programa de Documentação e Memória Regional	67
4.2.2.3 Programa de ensino e extensão	74
4.2.2.4 Programa de publicação e divulgação	76
5 MEMÓRIA DISSEMINADA: PUBLICIZAÇÃO, DISSEMINAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO INFORMACIONAL	78
5.1 A PRODUÇÃO DO NDIHR	78
5.1.1 Periódicos	86
5.1.1.1 Cadernos de Estudos Regionais	87
5.1.1.2 Textos UFPB /NDIHR	92
5.1.1.3 Debates regionais	97
5.1.2 Série Instrumentos de Pesquisa	100

5.1.2.1. Instrumentos de pesquisa do NDIHR ou a série NDIHR/DOCUMENTAÇÃO	101
5.1.2.2. Instrumentos de pesquisa do Arquivo Eclesiástico da Paraíba (AEPB) da Arquidiocese Paraibana	103
5.1.2.3. Instrumentos de pesquisa do IHGP	105
5.1.2.4 Arquivos privados	106
5.1.3 Livros	106
5.1.3.1. Série Materiais didáticos e as histórias locais	107
5.1.3.2 Coleção História Temática da Paraíba	110
5.1.3.3 Livros avulsos	112
5.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS AUTORES	113
5.2.1 Autores mais produtivos	117
5.3 GESTORES E PUBLICAÇÕES	119
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: NAS ÁGUAS DO LETHE OU DO MNEMOSYNE?	124
REFERÊNCIAS	129
APÊNDICES	136
APÊNDICE A:	137
1. Inventário das pesquisas e produtos do Programa de Documentação e Memória Regional (1976- 1999) - Projetos de referência realizados	138
2. Linhas Temáticas e Projetos de Pesquisa (1976-1999)	144
APÊNDICE B:	148
1. INVENTÁRIO DO PROJETO: Operação Especial Pesquisa Histórica (NDIHR – PROJETO RONDON - OPERAÇÃO ESPECIAL PESQUISA HISTÓRICA) – 1976	148
2. INVENTÁRIO DO PROJETO: Cadastro das Entidades Paraibanas - 1987	148
APÊNDICE C: Inventário da Produção do NDIHR (1976-1999)	153
APÊNDICE D: Inventário dos Cadernos de Estudos Regionais	169
APÊNDICE E: Inventário dos Textos NDIHR	174
APÊNDICE F: Inventário dos Debates Regionais	178
APÊNDICE G: Inventário dos Instrumentos de Pesquisa	187
APÊNDICE H: Inventário dos Materiais Didáticos	192
APÊNDICE I: Inventário dos TEXTOS NDIHR: publicação e coordenação	197
APÊNDICE J: Inventário dos coordenadores do NDIHR	199

1 INTRODUÇÃO

Entender a informação como artefato é, antes de mais nada, um meio de enfatizar que ela é espacial, temporal, morfologicamente contextualizada e, principalmente, que essa contextualização não é obra de um acaso estatístico.

LEILA S. PACHECO

O objeto de estudo desta pesquisa foi a análise da produção literária científica elaborada pelos pesquisadores do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), órgão suplementar da Universidade Federal da Paraíba. Tal escolha deveu-se à minha atuação no Núcleo no tempo da Graduação, como estagiária voluntária, posteriormente, como bolsista de aperfeiçoamento e, finalmente, como arquivista, trabalho que desenvolvo até o presente momento.

A ideia de se criar o NDIHR foi sendo construída a partir de 1975, na gestão do Reitor Prof. Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque (1976-1980), que tinha como uma de suas principais diretrizes “a associação ensino e pesquisa, [...] o que implicava modificar algumas práticas do ensino superior anacrônicas, [...] e de encaminhar a Universidade para um esquema empresarial, capaz de viabilizar um processo de adequação da mão-de-obra ao mercado capitalista em expansão no Nordeste” (SILVEIRA, 1980, p. 250). Entre as dificuldades enfrentadas e que a Universidade Federal da Paraíba e o Núcleo enfrentariam, situava-se a falta de estrutura para realizar pesquisas.

O NDIHR foi criado em 1976, com o objetivo de realizar estudos e pesquisas interdisciplinares sobre temas relevantes para se compreender o processo histórico regional; identificar, referenciar e/ou organizar arquivos e conjuntos documentais, com base nas áreas temáticas das suas atividades de pesquisa sobre movimentos sociais urbanos, estrutura de poder, questão agrária, sexo e relações de gênero, educação e sociedade, entre outros; promover eventos e/ou participar deles, com o objetivo de disseminar conhecimentos e promover a atualização científica da história regional e local; prestar assessoria técnico-científica a estudiosos, instituições governamentais e a setores da sociedade civil; publicar e divulgar os trabalhos produzidos nas áreas de atuação do NDIHR e por outros estudiosos.

As ações desse núcleo de documentação geraram e ainda geram um acervo de documentos produzidos por seus programas de ações e pela ação administrativa do órgão. Vale acrescentar

que, no acervo do NDIHR, existe uma diversidade de documentos em seus diversos suportes, resultado de 35 anos de atividades ininterruptas, que vêm possibilitando ao Núcleo exercer seu papel de socializador e disseminador das informações de suas pesquisas, por meio de suas publicações.

O acervo documental, em variados aspectos, suscitou o interesse por abordá-lo pela perspectiva da Ciência da Informação, que também nos permite perceber os artefatos e a informação construída pelo homem como elemento de memória. Como recorte temporal, adotamos o período de 1976 a 1999, que se justifica pelo início da produção da instituição (1976), com a publicação dos ***Cadernos de Estudos Regionais***, ano 1, volume 1, e seu encerramento em 1999, com a produção da coleção denominada ***História Temática da Paraíba***, quando sua produção é interrompida.

A problematização da pesquisa consiste no seguinte questionamento: Como se configura a produção literária científica do NDIHR e se caracterizam suas práticas de produção e disseminação da Informação?

Esses problemas conduziram à elaboração das seguintes hipóteses: O NDIHR é um núcleo socializador de informação literária científica para a comunidade interna e externa à UFPB, e as fases de desenvolvimento da Instituição influenciaram o número e a temática de produções literárias científicas produzidas e disseminadas por elas.

A pesquisa desenvolvida tem sua importância vinculada ao trabalho desenvolvido pelo NDIHR na produção e na disseminação/publicização de informações literárias científicas, identificação e geração de novas fontes de informação para salvaguardar a memória histórica e a cultura regional e paraibana, de acordo com a premissa da gestão do Reitor Prof. Lynaldo Cavalcanti, que era de “induzir uma política, social, cultural e educacional para a região”¹.

Para alcançar esses seus objetivos, o NDIHR utilizou a estratégia de aglutinar professores de diversas áreas. Para isso, formou equipes de pesquisadores para, através de projetos, desenvolverem pesquisas temáticas que diferem dos objetos de estudo tradicionais. O Núcleo também se preocupou em recuperar fontes documentais até então fora do alcance de inúmeros pesquisadores e inaugurou uma nova Historiografia sobre a História local e regional. Sua estrutura parte das atividades fins da Universidade Federal da Paraíba, ou seja, Ensino, Pesquisa e Extensão, das quais se originaram o Programa de Pesquisa; o Programa de Documentação e Memória Regional; o Programa de Ensino e Extensão e o Programa de Publicação e Divulgação.

¹ UFPB/NDIHR. Implantação..., [1975], p. 3-35.

O **Programa de Pesquisa** age através das linhas temáticas constituídas por grupos de pesquisadores formados por professores de Graduação e de Pós-graduação e alunos de graduação (bolsistas de iniciação científica ou voluntários), que são capacitados com treinamento teórico e metodológico;

O **Programa de Ensino e Extensão** tem como objetivo aprofundar o conhecimento de ensino – pesquisa – aprendizagem, oferecendo capacitação através de cursos, simpósios, palestras, seminários, conferências, etc.; o **Programa de Documentação e Memória Regional** se constitui na prospecção de fontes documentais e num conjunto de ações com vistas a referenciar, organizar e preservar acervos documentais que possam servir de suporte para a pesquisa e sua disseminação; o **Programa de Publicação e Divulgação** complementa o círculo, publica e divulga, através do intercâmbio, todo o trabalho realizado e dá ao aluno e ao pesquisador a oportunidade de mostrarem a outras comunidades, acadêmicas e não acadêmicas, o trabalho que desenvolvem.

Juntos, os programas do NDIHR proporcionam uma gama de serviços que dão acesso às informações contidas nas fontes documentais e nos resultados elaborados por cada projeto de pesquisa, com o fim de preservar a memória/história regional, divulgar a informação e gerar conhecimento científico. Vale salientar que não existe um estudo específico sobre o NDIHR, sobre sua história ou sobre suas produções. Há duas entrevistas cedidas pela Professora Rosa Maria Godoy Silveira, uma das fundadoras do NDIHR – uma, feita quando a instituição completou vinte anos e utilizada para um projeto de organização do acervo do próprio Núcleo (SILVEIRA, 21.05.1998), e outra, concedida a Adeilma Bastos (SILVEIRA 17.07.2007).

Assim, esta pesquisa também tem sua relevância por ser um estudo inédito que, para além da história de um “lugar de memória” (NORA, 1993), criado para suprir a falta de um espaço institucionalizado para pesquisa, consiste em revelar todo um processo que inclui a produção, a reprodução e a reelaboração de memórias coletivas/sociais, locais e regionais e mostrar como essas informações recuperadas são disseminadas/publicizadas. Essa é uma forma de contribuir para a socialização da cultura histórica regional e paraibana.

O acesso a todo o acervo e à produção literária científica existente no NDHIR revela, ainda, que, para além da preocupação com a memória e o respeito à cultura, esse órgão exerce funções fundamentadas no direito do cidadão à informação.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar as ações do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), órgão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como um Núcleo de pesquisa produtor e disseminador de produção literária científica, entre os anos de 1976 e 1999.

1.1.2 Objetivos específicos:

- a) Caracterizar o NDIHR como uma instituição-memória socializadora de informação histórica e historiográfica, para os usuários internos e externos à Universidade Federal da Paraíba;
- b) Compreender a atuação desse Núcleo, através de suas ações preservadas na produção literária científica e em sua documentação administrativa;
- c) Analisar sua produção literária científica, em consonância com as linhas de atuação e de pesquisa e seus respectivos pesquisadores;
- d) Identificar as características e as modalidades de disseminação/publicização da sua produção literária científica.

Esta dissertação está constituída por esta Introdução, pela metodologia, por mais três capítulos e as considerações finais. Na Introdução, apresentam-se o objeto de estudo e os objetivos. No segundo capítulo, estão os caminhos dos procedimentos metodológicos.

No Capítulo três, intitulado **CAMINHOS TEÓRICOS: INFORMAÇÃO, MEMÓRIA, HISTÓRIA E SOCIALIZAÇÃO INFORMACIONAL**, estabelecem-se as bases teóricas deste estudo, os conceitos de *informação, conhecimento, sociedade do conhecimento contemporâneo, Memória, produção literária científica, disseminação/socialização da “Informação Histórica e Historiográfica”* e seu emprego na órbita da Ciência da Informação.

Ao longo do estudo, introduziram-se os conceitos de conhecimento e de sociedade do conhecimento contemporâneo, para perceber que ela se preocupa com o que deve revelar ou que informação ocultar.

O subitem **MEMÓRIA E SOCIALIZAÇÃO** é composto de três partes: a primeira, denominada de **O rio Lethe e o rio Mnemosyne**, trata da lembrança e do esquecimento; em seguida, temos **Clio, a filha de Mnemosyne**, que simboliza a relação entre memória e história; e a última parte, **a Memória arquivada**, refere-se ao estudo dos Núcleos de Documentação como fontes de informação e socialização cultural. Sua fundamentação teórica é baseada nos estudos de Halbwachs (2006), Ricœur (2007), Silveira (2008), entre outros.

O Capítulo quatro, denominado **MEMÓRIA, PESQUISA HISTÓRICA, CULTURA E PODER: CRIAM-SE OS NÚCLEOS DE DOCUMENTAÇÃO**, compõe-se de dois subitens: **A CULTURA POLÍTICA E OS CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO VOLTADOS PARA A PESQUISA HISTÓRICA**, em que se busca reconstruir a conjuntura social da criação dos Núcleos de Pesquisa no Brasil, e **O LUGAR DA PRODUÇÃO E DA MEMÓRIA: o NDIHR**, que reconstrói a história da instituição a partir de sua estruturação e de sua produção.

No Capítulo Quinto, intitulado **A MEMÓRIA DISSEMINADA: publicação, disseminação e socialização informacional**, tecem-se as análises sobre a produção científica do NDIHR, fundamentadas nas categorias: projetos, produção, autores, título, temáticas, entre outras.

As **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, que denominamos de **NAS ÁGUAS DO LETHE OU DA MNEMOSYNE?**, fecham as análises do mapeamento sobre as produções literárias científicas do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional e procura-se verificar se a Universidade Federal da Paraíba – UFPB – beberá, de agora em diante, com a atual fase de um de seus principais núcleos de pesquisa, nas águas do Lethe ou da Mnemosyne.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A escolha dos caminhos metodológicos da pesquisa e da sua análise recaiu, particularmente, nas ideias de Aróstegui (2006) e Bardin (2000), contudo, outros autores contribuíram para a pavimentação dos caminhos metodológicos trilhados na pesquisa.

Segundo Aróstegui (2006), toda pesquisa envolve um conjunto de regras metodológicas escolhidas pelo pesquisador para obter um conhecimento específico sobre o objeto em estudo. Ele refere que a pesquisa

[...] é um procedimento para obter conhecimento através de determinados passos que asseguram que aquilo que se pretende conhecer seja explicado e [...] formulam-se hipóteses, analisa-se de forma sistemática a realidade que se refere às hipóteses – e se experimenta como ela, quando possível – e propõe explicações dos fenômenos e soluções aos problemas observados. (ARÓSTEGUI, 2006, p. 421)

Partindo do pressuposto de que uma boa pesquisa implica bom emprego das regras metodológicas, concorda-se que a metodologia é um “[...] conjunto de processos pelos quais se torna possível desenvolver procedimentos que permitam alcançar um determinado objetivo” (FIORESE, 2002, p. 25). Além das regras metodológicas, como afirma Fiorese (2002), a metodologia é um caminho que se traça em uma pesquisa com base científica para alcançar um determinado objetivo e uma disciplina. Barros (2002, p. 3) define a metodologia “[...] como uma disciplina que se relaciona com a epistemologia. Consiste em estudar e avaliar os vários métodos disponíveis, identificando suas limitações ou não em nível das implicações de suas utilizações”.

Nesta pesquisa, o uso das abordagens qualitativa e quantitativa se justifica na medida em que se complementam em sua realidade interativamente dinâmica e excluem qualquer dicotomia, afinal, “[...] um bom método será sempre aquele que, permitindo uma construção correta dos dados, ajude a refletir sobre a dinâmica da teoria. Portanto, além da apropriação ao objeto da investigação e de oferecer elementos teóricos para a análise, o método tem que ser operacionalmente exequível” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 239).

Assim, usa-se a abordagem da análise qualitativa dos dados das fontes primárias (os documentos administrativos e os documentos frutos das pesquisas da Instituição) para historiar a criação do NDIHR, órgão que surge com a proposta de criar uma nova metodologia de pesquisa e modificar as normas sedimentadas pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano na escrita da História e mapear todas as suas publicações.

Na pesquisa quantitativa, aplicam-se a tabulação, a indexação, a estatística (descritiva e inferencial), a “análise textual quantificada” e as técnicas gráficas para medir as relações ou intervir em um fenômeno histórico. Com a análise quantitativa, trabalham-se as “Informações Históricas e Historiográficas” do NDIHR, que, no período estudado, consiste de 67 publicações.

Segundo Aróstegui (2006),

a pesquisa quantitativa tem os mesmos objetivos que a qualitativa: explicar o homem, coletivo e individual. A quantificação permite encontrar relações, explicações de comportamentos, que muitas vezes permanecem ocultas a uma pesquisa qualitativa. O poder da quantificação consiste na possibilidade que oferece de estabelecer *relações exatas*. (ARÓSTEGUI, 2006, p. 538)

Com o uso de fontes históricas e de suas análises, as pesquisas qualitativa e quantitativa mostram que o NDIHR é um órgão que trabalha com a memória histórica regional e local. Nesta pesquisa, as fontes diversificaram-se “[...] levando-se sempre em conta que o ideal de uma grande pesquisa é o uso das mais variadas fontes possíveis e a confrontação sistemática entre elas” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 494).

Aróstegui (2006, p. 489) refere, ainda, que o termo “informação historiográfica” deve ser distinguido da “informação histórica”, que pode ser entendida em sua acepção de conhecimento e difusão da história escrita, elaborada, do produto da historiografia, que chegam ao público na forma de livros, textos diversos, coleções gráficas e outras obras ou suportes – vídeo, cinema. A expressão “informação historiográfica” pode compreender, com menor dificuldade e com menor possibilidade de equívocos, a ideia das informações “primárias”, os testemunhos e os materiais de observação, a partir dos quais o historiador estabelece a síntese histórica. Contudo, ressalta-se que o NDIHR revela essa dupla face de atuação, ou seja, a recuperação e a disseminação de fontes primárias, e com o “ofício do historiador”, a difusão da escrita da história.

2.1 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

As técnicas de coleta de dados empregadas neste trabalho foram a *pesquisa bibliográfica*, a *caderneta de campo* e a *pesquisa documental* e, para a análise dos dados, a *análise documental* e a *análise estatística dos dados*.

A coleta de dados, seja através de fontes históricas escritas ou orais, é a primeira fase de uma pesquisa, em que se averiguam e se conseguem os dados da realidade por meio do uso de técnicas. A escolha dos instrumentos de pesquisa dependerá do tipo de informação que se

deseja alcançar ou do tipo de objeto a ser estudado. Pelo caráter da pesquisa, escolheu-se como primeiro caminho a pesquisa bibliográfica.

a) Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica é a primeira a ser realizada. Ela contempla a bibliografia que dá suporte teórico-metodológico e a referente ao objeto de estudo da pesquisa - o NDIHR/UFPB. A pesquisa bibliográfica realizou-se na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); na Biblioteca Sílvia Frank Alem (Biblioteca Setorial do NDIHR); na Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba (CCSA/UFPB); no Repositório do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB); no Portal da CAPES e em outras fontes disponíveis pela internet.

b) Caderneta ou diário de campo

Nesse instrumento, em que foram registrados nossos pensamentos, sentimentos e ações, são organizadas as ações diárias e registradas as ideias e as emoções. Nessa perspectiva, organizou-se a aprendizagem para se refletir sobre a experiência vivida no cotidiano da pesquisa documental e os caminhos trilhados nessas experiências.

Esse instrumento é utilizado para expor algo sem o cunho acadêmico. Embora seja uma ação técnica de coleta de dados, ela é mais democrática, porquanto permite que o pesquisador faça elucubrações e se expresse mais livremente. Além disso, é uma memória de apoio, em que o registro de uma recordação poderá ser usado como uma memória mais elaborada, científica pela pesquisa e pela documentação. Assim, na caderneta de campo, foram registradas, diariamente, as ações do Arquivo do NDIHR, as leituras realizadas e os passos dados para a construção deste estudo.

c) Pesquisa documental

Na pesquisa documental, foram empregados dois tipos de fontes primárias: os documentos administrativos e os documentos da atividade-fim, que, no NDIHR, é a pesquisa histórica desenvolvida pelos quatro programas do órgão, já referidos.

A pesquisa documental é uma técnica por meio da qual o pesquisador descobre as ações diárias da instituição e garimpa, nos documentos, os registros que estruturam sua hipótese. No caso da pesquisa documental no NDIHR, foi dividida em duas partes: a primeira, nos documentos administrativos que fazem referência à implantação do NDIHR, assim como os relatórios de atividades, as atas, entre outros, para saber as bases estruturais e as diretrizes que a instituição trilhou como órgão de pesquisa; a segunda corresponde à pesquisa feita na documentação da atividade - fim do órgão, através da qual se descobriram as mudanças que foram possíveis de ser estabelecidas e como as diretrizes foram efetivamente concretizadas.

2.2 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS

a) Análise documental

Na Ciência da Informação, como em toda ciência do conhecimento, é preciso efetuar sempre um trabalho de contextualização metodológica da observação. Na análise documental, entendida como “análise da fiabilidade das fontes” e “análise de sua adequação”, duas vertentes estabeleceram os tipos de fonte a serem empregadas. Ela busca respostas para perguntas como: “Qual o caráter de uma determinada pesquisa?”, “Que tipo de fonte seria necessário utilizar?”, “O que se pode fazer com as que forem encontradas?” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 507).

Sabe-se que, na análise documental, ocorre uma mudança na forma de se apresentarem as informações contidas em um ou em vários documentos, de maneira a explicitar ou visualizar melhor o teor, o conteúdo completo dessas informações e de fazer, por exemplo, um quadro passível de ser analisado depois. Assim,

a operação intelectual - o recorte da informação, divisão em categorias segundo o critério da analogia, representação sob a forma condensada por indexação, é idêntico à fase de tratamento das mensagens de certas formas de análise de conteúdo.

Contudo, por detrás de certos procedimentos, existem diferenças essenciais.

- A documentação trabalhada com documentos; a análise de conteúdo com mensagens (comunicação).

- A análise documental faz-se, principalmente, por classificação-indexação; a análise categorial temática é, entre outras, *uma* das técnicas da análise de conteúdo.

- Objectivo da análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenamento; o da análise de conteúdo é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os

indicadores que permitam inferir sobre uma realidade que não a da mensagem.
(BARDIM, 2010, p. 48)

A análise documental se desenvolve em etapas, mas o trabalho se inicia tomando-se conhecimento das “fontes históricas, que seria, em princípio, todo aquele material, instrumento ou ferramenta, símbolo ou **discurso intelectual que procede da criatividade humana, através do qual se pode inferir algo acerca de uma determinada situação social no tempo**”. (ARÓSTEGUI, 2006, p. 491. Grifo nosso)

Por meio da documentação com que se teve contato, elaborou-se um inventário que recuperou as informações de alguns projetos de pesquisa da instituição. Esses dados levantados estão em alguns dos apêndices. O inventário contém os seguintes dados: Projeto/Título (identificação); Objetivo (finalidades do projeto); Linha temática (identificação de pertencimento à linha de pesquisa e ao Programa); Equipe composição e área de atuação; tipo de bolsa; bolsistas de aperfeiçoamento, bolsistas de iniciação científica ou se é voluntário ou estagiário, auxiliares (Coordenador/a, coord. adjunto/a, supervisor/a, pesquisador/es, de pesquisa, consultor/a, assessor/a); Período: (início e término); Financiador (órgãos financiadores); Resultado (produção científica); Projetos correlacionados (vinculação e desdobramento); Localização (endereço das fontes no arquivo)¹.

Para proceder ao levantamento das publicações, que se considera o produto final das atividades de pesquisas, construíram-se dois inventários. O primeiro corresponde à elaboração do inventário de toda a produção do NDIHR para realizar sua referência². O passo seguinte consistiu em inventariar todas as produções do NDIHR, no período selecionado para este estudo, para perceber as seguintes variáveis: título; subtítulo; série; tipo de publicação; objetivo da publicação; autor; tema/assunto; organização; data em que foi publicado; ano de publicação; regularidade; periodicidade; número de páginas; comissão editorial; equipe gráfica; editora; projeto a que esteve ligado; colaboração; assessoria; apoio e financiamento. Para isso, elaborou-se o segundo inventário, mais específico, com o objetivo de compreender melhor cada publicação. Esse instrumento contém os seguintes descritores: autor; área de atuação; título do texto/artigo; temática; recorte espacial; recorte temporal; ano de publicação; número do texto; data da publicação; número de páginas³.

1 Confira **Apêndice A e B**.

2 Veja **Apêndice C**.

3 Confira os **Apêndices D a H**.

b) *Análise estatística dos dados*

A etapa de análise dos dados é precedida por sua representação quantitativa. Segundo Aróstegui (2006, p. 543), na perspectiva da análise quantitativa, a estatística é considerada a técnica que fundamenta essa análise. Em outras palavras, é “a técnica por excelência no estudo das variáveis quantitativas ou quantificadas”.

À estatística é atribuída a função de síntese em grandes sequências de dados. Nesse caso, tratamos da estatística descritiva, que parte do conjunto mais amplo dos dados para o mais limitado.

3 CAMINHOS TEÓRICOS: INFORMAÇÃO, MEMÓRIA, HISTÓRIA E SOCIALIZAÇÃO INFORMACIONAL

Este livro narra sua história. Graças a uma farta documentação, temos condições de saber quais eram suas leituras e discussões, pensamentos e sentimento: temores, esperanças, ironias, raivas, desesperos. De vez em quando, as fontes, tão diretas, o trazem muito perto de nós: é um homem como nós, é um de nós. Mas é também um homem diferente de nós.

CARLO GINZBURG

A farta documentação do NDIHR não permite tudo isso que Ginzburg (2006) disse na epígrafe acima. Ela possibilita ter “[...] condições de saber quais eram suas leituras e discussões, pensamentos e sentimento: temores, esperanças, ironias, raivas, desesperos”, com clareza, dos pesquisadores fundadores do NDIHR. Ademais, a Academia impõe certas regras, portanto, tem-se que adotar uma teoria e prender-se a ela durante toda a produção. Estabelecer critérios para seguir um arcabouço teórico, um plano idealizado ou um traçado para se trabalhar teoricamente um objeto determinado requer um conhecimento de conceitos e o seu emprego na Ciência da Informação, no nosso caso, *informação, conhecimento, sociedade do conhecimento contemporâneo, Memória, produção literária científica, socialização e disseminação, “Informação histórica e historiográfica”*.

3.1 INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO CONTEMPORÂNEA

Estudar a *informação* é debruçar-se na história da evolução humana desde os seus primórdios – produção dos primeiros registros humanos - até a atualidade. Não cabe aqui fazer esse percurso, ou seja, voltar ao tempo dos homens das cavernas, mas destacar velhos e novos olhares de se conceber a informação.

Zeman (1970), em seu texto *O conceito de informação na Ciência Contemporânea*, observa que, quando o homem começa a criar, começam as transformações, e ele passa a ser ele mesmo fonte de informação. Vejamos:

Em suas origens, o homem depende inteiramente da natureza, é vítima de seus caprichos e do princípio de crescimento da entropia. Mas pelo fato de começar

a criar, por sua atividade de pensamento e de trabalho, ele começa a retornar, no sentido da termodinâmica: começa a ser ele próprio uma fonte de informação, de entropia negativa, de ordem. Melhora progressivamente sua organização social, aperfeiçoa sua produção, inventa códigos de informação mais perfeitos – escritas e outros sistemas de signos – cria meios de comunicação rápida e de massas e mensagens. Transforma, assim, cada vez mais profundamente, a natureza, tornando-a obra sua, humanizando-a. Aprende a converter cada vez mais seus desejos e ideias em práticas a atualizá-los. A organização da sociedade e a quantidade e densidade de informação social intensificam-se. Atualmente, a sociedade dispõe de uma concepção científica do mundo, sendo possível dirigir esse processo consciente e intencionalmente (ZEMAN, 1970, p. 166).

Azevedo Netto (2008, p. 2) concorda com Zeman (1970), quando afirma que “[...] a informação é compreendida como um fenômeno inerente à prática humana, produzida no meio sócio-cultural [...]”.

Para Le Coadic (2004, p. 4), a informação é

[...] um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual. A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. Essa inscrição é feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo esse que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação.

Essa definição do autor estabelece uma relação sinônima entre informação, conhecimento e documento. Ela é muito próxima à formulada por Buckland (1991), que concebe a informação, na Ciência da Informação, como um fenômeno objetivo (“information-as-thing”), isto é, “algo tangível, como documentos e livros, ou, mais genericamente, qualquer tipo de objeto que possa ter valor informativo, o qual pode ser, em princípio, literalmente, qualquer coisa” (BUCKLAND, 1991, p. 9).

Capurro (2003) esclarece que o objetivo da informação é promover o desenvolvimento da sociedade. Isso significa dizer que o desenvolvimento é um acréscimo de bem-estar, um novo estágio de qualidade de convivência que só pode ser alcançado através da informação. A ação social maior é fazer a luz brilhar para cada ser humano através da informação como mediadora do conhecimento. A ação social de que esse autor fala se traduz em ação no trabalho desenvolvido pelo NDIHR. Essa instituição executa o papel de mediadora entre a informação e a sociedade, disseminando e socializando o conhecimento histórico produzido na Academia.

Para Azevedo Netto (2007, p. 4), o conceito de informação há muito vem despertando uma série de discussões a respeito de suas delimitações, bem como as suas formas de uso, tanto

no nível social, cotidiano, quanto no nível analítico. Para outros, como González de Gomez (2006, p. 30), a informação, principalmente em sua descrição e seus contextos, tem passado por inúmeras rupturas dos paradigmas lexicais usados em sua definição, oscilantes entre o conhecimento e a tecnologia.

Para o grupo de estudiosos que entendem informação como sinônimo de conhecimento, resta saber por que se esforçam em estabelecer diferenças entre os termos. É Silva (2006, p. 71) que dá a resposta, ao afirmar que é

uma exigência de “realidade” formada por livros, por discos, por filmes, etc., em suma, por um conhecimento registrado e externalizado que contribui para modificar o conhecimento/saber anterior ao momento histórico em que esse registro, essa externalização e sua consequente difusão ocorrem. Para, em suma, confundir ou converter em clara sinonímia informação e documentação.

Assim, na relação entre informação e conhecimento, surge o terceiro elemento: o documento, que dá materialidade à informação. Ressalta-se que as informações são as mais variadas possíveis, podem ser registradas em diferentes suportes e são denominadas de documento, que Bellotto define como

[...] qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a correspondência, a legislação, a estampa, a tela, a escultura a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário etc., enfim, tudo o que seja produzido por razões funcionais, jurídicas científicas, técnicas, culturais ou artísticas pela atividade humana (1991, p. 14).

Catroga (2001) pensa a informação registrada em um suporte, ou seja, um documento, como memória arquivada.

A memória, quando arquivada, deixa de ser, na sua verdadeira acepção, uma recordação, logo, algo que mantém um elo vivo de continuidade e de pertença a um sujeito. Nesse estado ela adquire, ao contrário, o estatuto de documento independente de seu suporte (CATROGA, 2001, p. 40).

É a forma/função pela qual o documento foi criado que vai determinar seu uso e destino de armazenamento futuro e sua distinção entre as ciências arquivística, biblioteconômica e museística, mas que se inserem todos na Ciência da Informação. A documentação e a Ciência da Informação têm a ver com os suportes físicos do conhecimento, mas, sobretudo, com a recuperação da própria informação - o conteúdo dos suportes.

A discussão em Ciência da Informação sobre o(s) conceito(s) de “Informação” reflete a variedade em que tais conceitos são criados nas diversas disciplinas (arquivística, museística e biblioteconômica) para satisfazer às necessidades de referenciar o objeto de estudo. A “Informação”, como já foi ressaltado, advém dos primeiros registros humanos.

A “Informação”, ao longo do tempo, foi/é tratada de diversas maneiras. Quando o homem descobre sua importância, ele quer controlar, “[...] porém, controlar as informações não era tarefa fácil, e boa parte da informação era divulgada, oficial ou extra-oficialmente” (BURKE, 2003, p.133), mas esse controle dependia do grau de importância da informação, pois existia a que era considerada vantajosa para a elite governante (Estado e Igreja) que o povo soubesse e aquelas que o povo não poderia saber jamais.

Difundir informação era uma arma politicamente mais eficaz do que suprimi-la. [...] Era vantajoso disseminar o conhecimento das leis e outros decretos, que eram regularmente proclamados em voz alta além dos impressos e fixados em locais públicos. O problema era manter o equilíbrio entre dar informação ou não, informação de menos, incentivaria os rumores mais exagerados, e informações demais, as pessoas comuns poderiam se pronunciar sobre questões de Estado (BURKE, 2003, p.133).

A preocupação com o que revelar ou que informação ocultar revela a dicotomia em que é montada a sociedade contemporânea que, na medida em que amplia a atuação das instituições de guarda e a disseminação da informação, elabora novos mecanismos de controle desse elemento. Esse controle das informações foi transformado e não só atinge a esfera de “o que revelar”, como também o “como” e a “quem” fazê-lo. Apresenta-se de modo diferente, graças à aceleração ocorrida na área tecnológica. Por mais globalizada que esteja a sociedade contemporânea, a tecnologia ainda é um fator de exclusão, porquanto não chega a todos, e a inclusão digital ainda pertence à esfera do ideal/mental, e não, da esfera material.

Isso significa dizer que não se tem caminhado em busca de trilhar caminhos mais democráticos, pelo menos no campo do acesso à informação. Essa assertiva está na ampliação das instituições de memória, como arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação.

No Brasil, as Instituições de memória são pouco valorizadas, já que poucas verbas lhes são destinadas para trabalharem adequadamente e executarem suas missões. Os Centros de Documentação privados dependem de seus donos, mas os que são criados nas Universidades brasileiras dependem da vontade política do Reitor e da direção da Universidade. Portanto, se eles têm uma visão do papel, ou melhor, da função dessas instituições, elas trilharão caminhos menos pedregosos.

Ressalta-se que o Centro de Documentação tinha

[...] uma função originalmente apenas de organização e de geração de novas informações, mas que passou a ser também uma atividade de preservação e de organização de fontes originais e de pesquisa. [...] é uma particularidade dos Centros de Documentação das Universidades brasileiras tornar a fonte próxima ao pesquisador, mas também trazer as fontes documentais que estão sendo perdidas, produzidas, muitas vezes, pelo próprio poder público, a quem caberia, por dever, preservá-las, organizá-las e torná-las disponíveis à consulta pública. (CAMARGO, 1999, p. 59-60)

Camargo (1999) esclarece que os Centros de Documentação são responsáveis por uma das atividades-fim das Universidades - viabilizar grande parte das pesquisas, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

De qualquer forma, é preciso dizer que a ênfase para preservação dos documentos que estão em torno da Universidade, a preocupação com a documentação local é uma prática de grande importância. Não apenas do ponto de vista da preservação dos registros da história local, mas como forma de viabilizar as pesquisas de pós-graduação e, especialmente, as de iniciação científica, uma vez que os alunos, nesse processo de aprendizagem no manejo das fontes primárias, ao mesmo tempo em que realizam o seu curso, podem fazê-lo de forma mais fácil e completa. Afinal, as ciências humanas necessitam de laboratórios de pesquisa tanto quanto as outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, os centros de documentação e memória trazem grandes possibilidades de avanço, em particular no exercício da pesquisa, acessível a um número maior de alunos. (CAMARGO, 1999, p. 60)

Assim, a finalidade do Núcleo de Documentação é de “[...] informar cultural, científica, funcional ou juridicamente, conforme a natureza do material produzido” (BELLOTTO, 1991, p.15). É com o material produzido pelo NDIHR, ao longo de 24 anos de publicações, e de sua disseminação e socialização das informações históricas e historiográficas, produzidas através das fontes primárias pesquisadas, preservadas e registradas, que esta dissertação se fundamenta.

Compreende-se *produção literária científica* como aquela que se utiliza de critérios científicos, ou seja, de proposições lógicas para sistematizar seu estudo e disseminar esse conhecimento através de diferentes suportes de comunicação: livros, periódicos, obras de referência, relatórios e outros. É através da produção literária científica que a sociedade, em geral, tem acesso às informações científicas, que podem ser utilizadas em proveito do bem comum de todos.

3.2 MEMÓRIA ARQUIVADA: o NDIHR como socializador da Informação

Este item é composto de três partes: a primeira, denominada de **O rio Lethe e o rio Mnemosyne**, trata da lembrança e do esquecimento; a segunda - **Clio, a filha de Mnemosyne** - reflete a relação entre memória e história; e a última parte, **A memória arquivada**, refere-se ao estudo dos Núcleos de Documentação como fonte de “informação histórica” e socializadores da cultura e do conhecimento. Sua fundamentação teórica são os estudos de Halbwachs (2006), Ricœur (2007) e Silveira (2008).

3.2.1 O rio Lethe e o rio Mnemosyne: o esquecimento e a memória

Na mitologia grega, Mnemosyne, uma das titanides, filha de Urano (o Céu) e Gaia (a Terra), era a deusa da Memória e mãe das nove musas, cujo pai era Zeus. Os gregos a conceberam como a divindade que preservava do esquecimento, representado pelo rio Lethe, que cruzava o Tártaro, a morada dos mortos. Segundo a cosmogonia grega, quando as almas estavam prestes a reencarnarem, bebiam das águas do rio Lethe para esquecerem a vida anterior. Inversamente, as águas bebidas do rio de Mnemosyne faziam os mortos relembrares suas vidas. (SILVEIRA, 2008, p. 188) ou 2006

Silveira (2008), em sua narrativa, reflete sobre a cosmogonia⁴ grega e a simbologia da Memória e da História, de forma clara e sucinta. É com esse arsenal que se pretende caminhar, visto que, entre os referenciais centrais desta fundamentação teórica, inclui-se a **memória**, ou seja, **Mnemosyne** e sua filha **Clio**, a **História**, para alcançar a **Memória Arquivada**.

Na narrativa de Silveira (2008), encontram-se dois rios, o Lethe, que faz esquecer, e o Mnemosyne, que faz lembrar. Eles percorrem caminhos diferentes, que convergem para a mesma questão: lembrar e esquecer o quê? Se se presta a atenção, é para lembrar e esquecer a mesma coisa, ou seja, a “vida passada”, a “vida já vivida”. Ao pensar nessa questão do lembrar e do esquecer, encontra-se a semelhança dos fenômenos de funcionamento de ambos, pois, para cada estratégia do lembrar, existe uma analogia com o esquecer, como se ambos os mecanismos fossem os lados de uma mesma moeda.

As questões do esquecimento/rememoração são tratadas por vários autores, que têm o esquecimento como uma disfunção ou apagamento definitivo dos rastros e contra o qual

⁴ Narrativa sobre a criação do mundo ou do universo. Confira: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

se exercita a memória. O pressuposto que define as afecções são suas permanências, e o conhecimento é o reconhecimento de algo que não desapareceu. Nessa perspectiva, memória e esquecimento se imbricam.

Os rios Lethe - o esquecimento - e Mnemosyne - a memória - vêm sendo discutidos há muito tempo. Le Goff (1990) insinua que “*Mnemosine*, ao revelar ao poeta os segredos do passado, introdu-lo nos mistérios do além. A memória aparece, então, como um dom para iniciados, e a *anamnesis*, a reminiscência, como uma técnica ascética e mística. Também a memória joga um papel de primeiro plano nas doutrinas órficas e pitagóricas. Ela é o antídoto do esquecimento. No inferno órfico, o morto deve evitar a fonte do esquecimento e não deve beber no Lethes, mas nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de imortalidade” (LE GOFF, 1990, p. 378)

Para Ricœur (2007, p. 451), “[...] o esquecimento reveste-se de uma significação positiva, na medida em que o tendo-sido prevalece sobre o não mais ser na significação vinculada à ideia do passado. O tendo-sido faz do esquecimento o recurso imemorial oferecido ao trabalho da lembrança.”.

Halbwachs (2006, p. 29-73) entende que toda memória tem início na lembrança: “em primeiro lugar, a memória parece ser um fato, ou um aspecto individual, algo relativamente íntimo próprio da pessoa”. Esse autor trata da memória, nesse primeiro momento, como uma “lembrança”, ou seja, o primeiro testemunho que nós temos e a que podemos recorrer será sempre o nosso. Ele mostra que existem duas memórias, uma individual, pessoal, e outra social, que seria a coletiva. Portanto,

[...] haveria motivos para distinguir duas memórias, que chamaríamos, por exemplo, uma interior ou interna, a outra exterior – ou então uma memória pessoal e a outra, memória social. Mais exatamente ainda (e do ponto de vista que terminamos de indicar), diríamos memória autobiográfica e memória histórica.

O pensamento de Halbwachs (2006) marca o campo discursivo, quando considera a memória como um fenômeno social, e cria o termo *memória coletiva*, que inaugura uma corrente de pensamento que identifica na memória a função de reforçar a coesão social pela adesão afetiva, ao proporcionar ao indivíduo o sentimento de pertencimento a um determinado grupo que compartilha memórias (comunidade afetiva), através dos quadros de memória (mecanismo estruturante, através do qual os valores são compartilhados por famílias, religião e classe social). Eles se modificam na dinâmica das interações sociais dos indivíduos, em decorrência

da transformação da densidade das relações sociais e do nascimento de uma hierarquia de papéis dos indivíduos no grupo, resultante do fato de que cada indivíduo participa de diversos grupos.

A memória é, também, histórica para Halbwachs, pois é impossível trabalhá-la sem um contexto social. Assim, as recordações, as lembranças, que são as memórias individuais, sem um contexto social, são só lembranças particulares. Mas se essas lembranças são trabalhadas com uma metodologia científica, elas passam a ser uma memória coletiva/social/histórica, informações registradas e possíveis de serem lidas, interpretadas e reinterpretadas, portanto, podem tornar-se *conhecimento*.

Como refere Silveira (2008, p.187),

[...] a Memória não é só a base do conhecimento Histórico, mas de todo Conhecimento, o que, de certo modo, é uma redundância, pois todo conhecimento é histórico, porque inserido em uma temporalidade social. É ela, a correia de transmissão do patrimônio cultural entre as várias gerações, portanto, no tempo. A sua dupla dimensão como capacidade de reter, recuperar, armazenar e evocar informações, conhecimentos e saberes disponíveis, seja internamente, no cérebro (memória humana), seja externamente, em dispositivos artificiais (memória artificial), aponta que a Memória Social, a das experiências vividas por determinadas sociedades, não pode prescindir de ambas, como capacidade de evocação do tempo e no tempo.

No pensamento de Ricœur (2007, p. 130), encontramos a reflexão, pensada, estudada, discutida e elaborada de si para si. Ele escreve, fundamentalmente, que, “para se lembrar, precisa-se dos outros”. Acrescenta-se que, além do outro, para lembrar, precisa-se do registro, pois, sem ele, os seres humanos, que são mortais, seriam esquecidos completamente e estariam bebendo das águas do rio Lethe indefinidamente.

Oliveira e Dill Orrico (2005) lembram que o registro da memória social é um trabalho intelectual e que

[...] a memória individual é social porque: a) seu trabalho é intelectual – para localizar nossas lembranças fazemos uso de nossa inteligência presente, aquele que depende de nossa sociedade; b) a rememoração parte do presente (experiência exterior, social) para o passado (experiência interna, individual); e c) as lembranças são compartilhadas – estão relacionadas com o conjunto de lembranças comuns ao(s) grupo(s) dos qual fizemos, fazemos ou faremos parte. (OLIVEIRA; DILL ORRICO, 2005, p. 83)

Embora os registros revelem apenas rastros e vestígios de um acontecimento vivido e sejam narrados constantemente ou guardados e armazenados em suporte físico, para sempre, estarão

revelados, não ficarão nas prisões das recordações humanas e passarão a pertencer à História registrada, para a socialização de suas informações através de instituições como o NDIHR.

Ricœur (2007) registra a armadilha da narração que pode levar ao esquecimento de diferentes sujeitos históricos. Ele assevera que,

[...] por causa da função narrativa, os abusos de memória tornam-se abusos de esquecimento. De fato, antes do abuso, há o uso, a saber, o caráter inelutavelmente seletivo da narrativa. Assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo. A ideia de narração exhaustiva é uma ideia performativamente impossível. A narrativa comporta necessariamente uma dimensão seletiva [...] O recurso à narrativa torna-se assim a armadilha, quando potências superiores passam a direcionar a composição da intriga e impõem uma narrativa canônica por meio de intimidação ou de sedução, de medo ou de lisonja. Está em ação aqui uma forma ardilosa de esquecimento, resultante do desaparecimento dos atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos. (RICŒUR, 2007, p. 455)

O registro da memória também provoca e “engendra o esquecimento da alma”, mas, ao mesmo tempo, salva, conserva. Le Goff (2007), utilizando a cosmogonia para se referir à escrita, ao registro ou à narrativa, equaciona alguns dados significativos sobre a questão da seleção da memória, do tempo, dos atores sociais e de outros. Assim, citando Platão, ele revela:

[...] Platão, no *Fedro* [274c-275b], coloca na boca de Sócrates a lenda do deus egípcio Thot, patrono dos escribas e dos funcionários letrados, inventor dos números, do cálculo, da geometria e da astronomia, do jogo de dados e do alfabeto. E sublinha que, fazendo isso, o deus transformou a memória, mas contribuiu sem dúvida mais para enfraquecê-la do que para desenvolvê-la: o alfabeto engendrará esquecimento nas almas de quem o aprender: essas cessarão de exercitar a memória porque, confiando no que está escrito, chamarão as coisas à mente não já do seu próprio interior, mas do exterior, através de sinais estranhos. Tudo aquilo que encontraste não é uma receita para a memória, mas para trazer as coisas à mente. (LE GOFF, 2007, p. 378)

Descoberto o registro, os homens passam a manipular o que deve ser lembrado ou o que deve ser esquecido. A partir de então, o cuidado com essa dialética - lembrar/esquecer -, essas práticas transformadas no uso social, a decisão de beber nos rios, seja o Lethe ou o Mnemosyse, quase sempre têm um cunho censor das classes sociais que estão no poder. Le Goff (1990, p. 368) acrescenta que

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os

silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória [...].

Ricœur (2007) define muito bem toda essa questão sobre o esquecimento e a impressão que fica na lembrança. Algo que vai além da manipulação, a marca deixada na lembrança nunca é precisa: “vemos, assim, como o problema do esquecimento é colocado desde o início, e mesmo duplamente colocado, como apagamento dos rastros e como falta de ajustamento da imagem presente à impressão deixada como que por um anel na cera” (RICŒUR, 2007, p. 27).

O autor utiliza a metáfora, a marca deixada pelo anel na cera, para esclarecer seu pensamento a respeito dessa lembrança que, além de ser manipulada pelo homem, levanta a questão do ajustamento de como se vê essa impressão, do passado visto no presente. É como o ajustamento da lente de uma câmara fotográfica que, para isso, depende do lugar, da posição, da vontade, da capacidade do fotógrafo, do foco, da luz, entre outros. Os ajustamentos dados pelo fotógrafo são, sem dúvida nenhuma, o trabalho da História que, com seus métodos e suas técnicas, tenta se aproximar, o mais perto possível, dessa impressão deixada pelo anel.

3.2.2 Clio, filha de Mnemosyne: *história, filha da memória*

[...] Clio, sua filha, representava a História, era a musa “que confere a fama”, que proclamava e celebrava os feitos humanos. Nas figurações, que dela foram feitas, Clio aparece como uma jovem coroada de louros, com um clarim na mão direita, uma clépsidra e, na mão esquerda, um livro intitulado “Tucídide” (referencia ao historiador grego). Em algumas dessas representações imagéticas, aparece, também, com o globo terrestre, sobre o qual ela descansa, e que, com o tempo ao seu lado, simbolizado pela clépsidra ou relógio de água, indicava que a história alcança todos os lugares e todas as épocas. Mãe e filha, a Memória e a História têm uma relação umbilical, Mnemosyne como o ventre que abriga e parteja Clio, mas Clio se fazendo uma outra pessoa, embora tributária de sua mãe. (SILVEIRA, 2008, p. 189)

Mãe e filha - Memória e História - filha e mãe. É dessa relação maternal e filial que se vai tratar. Mãe e filha, mesmo com o corte do cordão umbilical, mantêm uma relação “de sintonia” umbilical que faz com que uma sinta, por exemplo, quando ocorrem determinados acontecimentos tristes com a outra. A filha - a História - tem uma carga genética de sua mãe, Mnemosyne, porém tem características próprias, identidade que a faz diferir de sua mãe, embora jamais pudesse existir sem ela. Relembra-se. Mnemosyne fazia os mortos lembrarem suas vidas, quando eles bebiam de suas águas, e assim pode-se considerá-la como o “conjunto das

experiências vividas”. Sua filha, *Clio*, “recolhe apenas parte das águas, porque o fluxo do rio do passado já passou e deixou, apenas, **vestígios** dessa passagem”. O recolhimento de vestígios dessas “experiências vividas”, a sua seleção e o pensar sobre elas são atividades do ofício do historiador. Assim, o que o diferencia do memorialista é que ele realiza “[...] **uma operação intelectual**, para dar inteligibilidade aos vestígios do tempo, procurando estabelecer nexos possíveis entre eles [...]”. (SILVEIRA, 2008, p. 189-190. Grifo nosso)

Memória e História apresentam aproximações e distinções. Mnemosyne faz lembrar, narrar, selecionar, buscar enraizar determinada experiência no tempo e no espaço; é espontânea, quando evocada sem intencionalidade; é flutuante, porque está sempre aberta para processar a experiência vivida de acordo com as motivações e interrogações que lhe são feitas; é descontínua temporalmente e mais plural que a história-acontecimento. Contudo, a sua filha, *Clio*, iguala e amplia as características da mãe. Ela registra, trata, conserva, ilustra, mostra, sistematiza e, principalmente, critica o que dá aos rastros e aos vestígios legitimidade (SILVEIRA, 2008, p. 187-189).

Para Silveira (2008), a História é “[...] memória, mas não toda a memória social, assim como essa não é toda a História processo”. Para a autora, “[...] o trabalho do (a) historiador (a) busca dar coerência e continuidade ao heterogêneo das várias experiências grupais e coletivas vividas [...]”. A História tem na memória seu suporte indispensável e se apoia na Memória para ser construída e reconstruída. Mas ela é “[...] **memória criticada**, mediante as regras e o procedimento do trabalho historiográfico”, portanto, é sistemática. A história, tanto quanto a memória, não dá conta da totalidade vivida, embora aquela busque narrar o “fio da trama”, tornando as experiências vividas por um grupo ou coletivo “explicativa e compreensiva”, de forma seletiva, porém abrangente (SILVEIRA, 2008, p.188-189. Grifo da autora).

Assim, a memória e a história trilham juntas determinados percursos, contudo esta tende a dar ao homem, individual ou coletivo, a fala do seu tempo vivido e a complexidade de sua luta. Alerta Silveira (2008, p. 189) que é

[...] extremamente complexo estabelecer onde termina a memória e começa a história, pois se interpenetram. Ambas lutam contra o esquecimento e buscam em comum, o tempo vivido, [...] sem o rio, ou a sombra ou os rumores do seu fluxo, não há História. Sem o relembrar dos feitos, não há como proclamá-los e celebrá-los. Nesse sentido, o historiador é tributário de Mnemosyne.

Pela complexidade em diferenciar história de memória, ressalta-se que aquela é a memória criticada.

3.2.3 A memória arquivada: o NDIHR

Para Silveira (2008, p. 185 – grifo nosso), “a documentação e a pesquisa equivalem ao **registro da memória**”, que pode ocorrer em diferentes suportes, mas que revela o fazer e o ser da entidade pesquisada. Em Ricœur (2007), tem-se a memória inscrita, que se identifica como “memória arquivada”. Esse autor enfatiza que a operação histórica é caracterizada pela memória declarada, ou narrada, na sua inscrição, que ele considera a fase do arquivamento. Nessa fase, considera o arquivo não como um lugar físico, mas de produção social, na medida em que está aberto para o historiador no processo de construção de sentidos sobre o passado.

Assim, para Ricœur (2007), tudo começa com o testemunho. Ele é e será o ponto mais importante para a memória. Com o testemunho, tem-se o discurso,

[...] esse jogo da enunciação ocorre assim entre o olho e o ouvido, entre dizer e escrever, tudo isso na ausência da sanção por um mestre da verdade. A escritura constitui nesse sentido a marca decisiva: sobre ela se enxertam todas as estratégias narrativas de onde provem “a capacidade da narrativa de fazer crer”. (RICŒUR 2007, p. 176).

A memória arquivada é a inscrição desse discurso, desse testemunho, das coisas passadas e ditas, essa vontade de guardar e conservar através da escrita o passado no nosso presente e futuro. O homem sempre teve o desejo de seguir as pistas que indicavam por onde as caravanas passaram. Os registros desses vestígios são fontes inspiradoras de novos caminhos, por mais complexo que seja o trabalho do historiador. Esse registro é necessário para que outros pesquisadores possam seguir as pistas já existentes ou construir outras. Esse é o pensamento que permeia os historiadores/pesquisadores do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR - da Universidade Federal da Paraíba – UFPB - quando o implantaram para “Fazer História” em seus múltiplos aspectos.

Entende-se que a memória arquivada tem três aspectos distintos e que se complementam. No primeiro, ela é o testemunho registrado das experiências vividas por grupos sociais, que se encontram “dispersos” ou organizados dentro das técnicas arquivistas, acondicionados e bem guardados. Mas ela é também a memória que passou por todo um trabalho historiográfico - subentende-se - pelo trabalho intelectual do historiador, que escolheu os registros, as “fontes”, para construir e/ou transformar o conhecimento, reescrevendo-o, reelaborando-o. Outro aspecto tão importante quanto os dois primeiros refere-se à difusão do conhecimento construído. Assim, a memória arquivada revela-se como registro (arquivado), historiografia e difusão.

O NDIHR, como instituição-memória tem, em suas atividades-fim, o ensino, a pesquisa e a extensão. Em seu trabalho diário, atende a vários segmentos da sociedade, desde o pesquisador, iniciante ou de carreira feita, até o “curioso”, e serve de laboratório a vários cursos de graduação, como História, Biblioteconomia e Arquivologia.

Na perspectiva de ser uma instituição-memória e canal para a “consciência histórica e cultural”, na concepção de Diehl (2002), e instrumento da socialização de informações históricas e historiográficas, no entender de Silveira (2007), o NDIHR/UFPB foi criado para o trabalho com a “informação histórica e historiográfica” e para promover o desenvolvimento do indivíduo, em seu grupo, e da sociedade. A ação social maior é fazer brilhar a luz do conhecimento através da “informação histórica e historiográfica”, como mediadora do conhecimento acerca das experiências vividas pela sociedade, de suas raízes, de suas realidades. Essas informações são socializadas pelo NDIHR, através de suas ações básicas, o qual, depois da pesquisa, recupera-as, organiza-as, registra-as e dissemina-as.

O registro desses conhecimentos em publicações contribui para modificar o conhecimento/saber anterior ao momento histórico em que esse registro é difundido. Assim, o NDIHR cumpre o seu papel de disseminador e socializador de informações históricas.

Entende-se a disseminação da “informação histórica e historiográfica” e a socialização do conhecimento histórico como um caminho entre o saber e o querer saber, como um percurso ou um processo que se inicia com a pesquisa e termina quando ela volta para a sociedade através da historiografia, que pode ser utilizada em sala de aula, em cursos para a comunidade, em eventos como seminários e congressos e em assessorias nos trabalhos executados nas comunidades, toda uma gama de ações acadêmicas que levam o conhecimento à sociedade, à qual a Academia devolve as “informações historiográficas” que dela recuperou e interpretou, elaborando e reelaborando as “informações históricas”.

Uma ação do NDIHR poderá exemplificar bem esse processo de disseminação e socialização da informação - o Projeto História Local. Em um artigo escrito sobre o Ensino de História, Gonçalves (1993) revela a importância de “uma nova noção de preservação” oriunda da população estudada e “compreendida enquanto socialização de um saber”:

Esse momento é importante para que seja possível a construção de uma nova noção de preservação. Compreendida enquanto **socialização de um saber** que não é mais imposto, mas gerado a partir da comunidade e que a ela retorna. Um saber que pode estar presente no monumento, na praça, na rua, nas manifestações culturais. Só reconhecendo a sua importância na história do município e na construção da sua realidade é que será possível à população

sentir necessidade de preservar aquilo que brota nela. (GONÇALVES, 1993, p. 266. Grifo nosso).

O Projeto de História Local, por si só, é completo e tem, entre seus objetivos, buscar a história local na experiência da população de cada município estudado, dar voz àqueles que não tinham voz histórica, é construir um saber que vem através de sua memória coletiva e social, que é o “fazer história”. Trata-se de

[...] possibilitar às comunidades locais meios para perceber o inter-relacionamento da sua história e, portanto, também do nível das suas condições reais de existência, com os níveis mais amplos da história regional, nacional e mundial, é uma das preocupações centrais desse projeto. Possibilitar a compreensão de que a solução de muitos de seus problemas se reporta a outras instâncias que não e simplesmente a instância local. Buscar o reconhecimento de que município não é uma entidade ideal que se coloca acima dos indivíduos, mas uma construção histórica-social, uma conquista de todos aqueles que nele vivem é passo fundamental para lutar pela melhoria da qualidade de vida e para se compreender e preservar aquilo que é a coisa pública, o que em outras palavras significa **exercer plenamente a cidadania**. E isto só é possível a partir da compreensão da realidade vivida isto é a partir da **socialização do conhecimento**. (GONÇALVES, 1993, p. 267. Grifo nosso)

Silveira (2010), em uma mesa redonda da ANPUH- PB, no XIV Encontro Estadual de História, em João Pessoa, cujo título é “MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA”, trata do ensino de História e de como a socialização cultural se dá através de processo educativo:

Por processos de socialização cultural que tenham como fulcro a compreensão sobre os sentidos do tempo. Em outras palavras, trata-se de construirmos processos educativos no e para o conhecimento histórico, de educar na e para a temporalidade. Essa é a tarefa precípua da História como a transmissão de um determinado patrimônio cultural, referente, pois, a nossas experiências vividas, o que quer dizer: as nossas experiências no tempo. (SILVEIRA, 2010, p. [6])

É assim que se revela o NDIHR como disseminador e socializador da “informação histórica e historiográfica”, buscando construir processos educativos no e para o conhecimento histórico e educar na e para a temporalidade.

4 MEMÓRIA, PESQUISA HISTÓRICA, CULTURA E PODER: OS NÚCLEOS DE DOCUMENTAÇÃO

[...] Você recolhe os factos. Para isso vai aos Arquivos. Esses celeiros de factos. Lá só tem de se baixar para recolher. Cestadas cheias. Sacodelhes o pó. Pousa-os na sua mesa. Faz o que fazem as crianças quando se divertem com <<cubos>> e trabalham para reconstruir a bela imagem que alguém decompôs para elas [...] A partida está jogada. A história está feita. Que quer mais? Nada. Senão: saber por que. Por que fazer a História?

LUCIEN FEBVRE

O trabalho dos “lugares de memória”, como Arquivos, Bibliotecas, Museus, e Centros/ Núcleos de Documentação, é de pesquisar, recuperar, recolher, preservar, conservar e organizar os documentos que estão repletos de dados que poderão se transformar em “informações históricas e historiográficas”. Portanto, cabe-lhes recuperar e publicizar disseminando e socializando o conhecimento político, social etc.. É como retirar o pó da história neles depositados pelo tempo e colocá-los a brilhar para que os pesquisadores possam brincar de bricolagem para “*Senão: saber por que. Por que fazer a História?*”.

O objetivo deste capítulo é o de historicizar o nascimento dos Núcleos de Documentação, esses “lugares de memória” que se criam, no Brasil, a partir da década de 1970, e que têm características diferenciadas das outras instituições de memória, isto é, arquivos, bibliotecas e museus. Os Centros nascem com características próprias, já que sua proposta de trabalho

[...] envolve a reunião, a preservação e a organização de arquivos e coleções (geralmente compostos de documentos originais, as “fontes primárias”) e de documentos diversos (de natureza bibliográfica ou arquivística, originais ou cópias) reunidos sob o critério do valor histórico e informativo, em torno de temas ou de períodos da história. Trabalha-se, portanto, com informação especializada. (CAMARGO, 1999, p.50)

Outra característica importante a ressaltar é que os Centros ou Núcleos, como o NDIHR, são espaços para pesquisas interdisciplinares, criados em uma época em que não existiam outros espaços que tivessem essa particularidade. Por isso, historiciza-se o NDIHR como um “lugar de memória”, de pesquisa, disseminação e socialização da “informação histórica ou historiográfica”, através de sua memória coletiva/social, preservada em sua produção literária científica.

4.1 A CULTURA POLÍTICA E OS CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO VOLTADOS PARA A PESQUISA HISTÓRICA

No Brasil, pensar a pesquisa científica, na área de História, antes dos anos de 1950, 1960 e 1970, é pensar em uma pesquisa incipiente, produzida fora da Academia. Observa-se que grande parte dessa pesquisa ocorria em instituições como os Institutos Históricos e/ou por alguns escritores das mais variadas profissões, fossem eles jornalistas, dentistas, médicos, advogados etc., mas que escreviam por diletantismo prazeroso. Por vezes, professores de História da Academia, também, pertenciam aos Institutos Históricos e reforçavam a prática da história oficial com características factualistas de visão fragmentada, tradicional, do processo histórico.

A pesquisa histórica científica de cunho acadêmico, embora muito pequena, ficava restrita à Região Sul do país. Em outros estados do país, como já referido, ficava a cargo dos Institutos Históricos, que se preocupavam mais com a história local, sem relação com o processo histórico mais abrangente. Poucos foram os que se preocuparam com o patrimônio documental brasileiro, que ficava, quase sempre, sob a guarda de instituições privadas ou, ainda, na casa dos “donos” do poder de cada local. Moreira (1990) revela que, no Brasil,

[...] até o final da década de 1950 e início da de 1960, a preocupação com a memória documental brasileira ficava restrita a algumas poucas vozes, como José Honório Rodrigues, em especial no que diz respeito aos períodos mais recentes de nossa história. De resto, as atenções voltavam-se, quase que exclusivamente, para a documentação pública relativa à Colônia e ao Império, sob a guarda não apenas do Arquivo Nacional, mas também de instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e o Museu Imperial de Petrópolis (Rio de Janeiro), além dos arquivos públicos e institutos estaduais. (MOREIRA, 1990, p. 69)

A pesquisa histórica brasileira era incipiente, como já foi dito, mas, com a vinda dos pesquisadores europeus e norte-americanos para estudarem no e sobre o Brasil, houve um significativo aumento quantitativo e qualitativo da pesquisa. A pesquisa brasileira, com esses intelectuais de fora, divide-se em dois momentos: o primeiro, com a aceitação e o aprendizado; e o segundo, com um movimento conhecido como “fenômeno do brasilianismo”. Esse fenômeno diz respeito a como eram chamados esses pesquisadores estrangeiros, basicamente norte-americanos, que vieram para o Brasil devido às suas necessidades de conhecer a América Latina depois da revolução cubana. Segundo Moreira (1990),

A década de 1960, no que diz respeito à pesquisa histórica, foi marcada pelo fenômeno do brasilianismo, quando o interesse dos norte-americanos se traduziu em numerosos financiamentos para a realização de pesquisas sobre o Brasil. Motivadas inicialmente pela surpresa da revolução cubana (1959) - que desperta as agências de financiamento e as universidades norte-americanas para a necessidade de conhecer a América Latina e, assim, melhor avaliar a política externa dos EUA - grandes levadas de sociólogos, antropólogos, cientistas políticos, e, principalmente, historiadores passam a vir para cá com o objetivo de explicar a história política e econômica do país, estabelecendo, assim, seu perfil como nação. (MOREIRA, 1990, p.66/67)

Massi (1990) nos oferece uma explicação sobre a conjuntura política e social do país nos dois momentos - o de aceitação e o de rejeição dos brasilianistas¹:

Já há algum tempo os norte-americanos pesquisavam em território brasileiro, principalmente após a Segunda Guerra Mundial. Mas o contexto social e político era outro e as relações que estabeleceram com o país, distintas; os estudiosos locais aprendiam a fazer pesquisa com os estrangeiros, produziam os seus primeiros trabalhos. Portanto a recepção “nativa” aos estrangeiros foi naquele momento, calorosa. A partir de 60, o quadro se modifica inteiramente. Há uma vigorosa geração de cientistas sociais e historiadores formados aqui, o sistema universitário brasileiro encontra-se mais vertebrado com o início dos primeiros cursos de pós-graduação e o panorama político – marcado por tensões sociais e econômicas que culminaram no golpe militar de 64 – caracteriza-se pela forte repressão à intelectualidade local. Nesse contexto, a recepção aos estrangeiros, sobretudo norte-americanos, ganha outra coloração. (MASSI, 1990, p. 30)

No primeiro momento, a aceitação se dava pela necessidade de aprender a pesquisar com esses pesquisadores estrangeiros no Brasil. Mas isso começa a mudar, e a reação ocorre porque os pesquisadores norte-americanos tinham cobertura do governo brasileiro e podiam ter acesso a toda a documentação histórica pública e até a alguma privada. Esse privilégio era negado ao pesquisador brasileiro. Deve-se acrescentar que havia “[...] *dificuldade de acesso a documentos, principalmente pela inexistência de uma lei geral de arquivos que o regulamentasse, bem como a depoimentos*”. (GASPARI, 1971, p.38)

Essa abertura aos acervos brasileiros permite aos estrangeiros o acesso ao nosso patrimônio documental nacional, aos nossos bens culturais, como também às informações importantes dos arquivos guardiões da História Brasileira. Com a história do Brasil sendo escrita por estrangeiro, dá-se início a um movimento da intelectualidade brasileira, que reage de forma a mudar o cenário brasileiro no que tange a questões da pesquisa em algumas áreas do conhecimento

¹ A designação “brasilianista” deixou de ser objetual para se tornar pejorativa.

que eram vetadas aos pesquisadores brasileiros. A reação deles e dos jornalistas nacionais se constitui uma verdadeira campanha contra os brasilianistas. Não podemos esquecer que o contexto brasileiro é de muita tensão com o golpe militar de março de 1964 e a instalação de um Estado ditatorial no país.

Esse movimento de insatisfação dos intelectuais brasileiros fica bem explícito e gera uma série de comentários nos mais renomados meios de comunicação e na chamada “Imprensa alternativa”. Os pesquisadores, ou melhor, os intelectuais brasileiros, para salvaguardar o nosso patrimônio arquivístico e histórico, começam a expor os seus pensamentos em relação aos trabalhos de pesquisa realizados pelos pesquisadores de fora.

Pensamentos como o de Jaguar foram divulgados no Jornal *O Pasquim*, em 17 de novembro de 1977: “De uns tempos prá cá, apareceram no Brasil uns seres misteriosos intitulado-se brasilianistas para grande pasmo da população nativa e inveja dos cientistas locais” (JAGUARIBE, 1977).

A invasão desses “seres misteriosos” poderia provocar a “inveja dos cientistas locais”, mas dava elementos para a rejeição xenófoba, porque os “[...] estrangeiros – “os forasteiros” – aparecem como privilegiados, na medida em que possuem verbas para pesquisa e **têm acesso a arquivos fechados** aos pesquisadores nacionais” (MASSI, 1990, p. 32, grifo nosso). Como destacou Massi (1990, p. 34), os brasilianistas eram bem mais informados do que os pesquisadores brasileiros, entretanto, o contexto sociocultural nacional limitou o tratamento das informações e a realização de análises concretas sobre nossa realidade.

Ressalte-se, no entanto, que a ideia de invasão não estava presente apenas no pensamento dos cientistas brasileiros. O governo brasileiro também passa a associar essa “invasão” de estrangeiros à noção de perigo:

Esse interesse norte-americano – existem quase mil brasilianistas – revela-se um fator inquietante, não só para o Brasil, mas para muitos outros países. Porque com esse sistema, eles obtêm um **volume de informações** que supera os conhecimentos que o próprio governo brasileiro tem a sua disposição. (Folha de São Paulo, 1977, p. 20, grifo nosso).

Assim, o primeiro momento da penetração de estrangeiros nas pesquisas sociais é a fase de deslumbramento, com a experiência em pesquisa norte-americana; o segundo momento, de rejeição xenófoba. Contudo, os pesquisadores brasileiros tiveram que superar essas posturas para “[...] assumir [em] finalmente a maioria intelectual que permite assimilação crítica” (NOVAIS; CARDOSO, 1982, p. 42). Essa maioria e maturidade são conseguidas quando

os envolvidos percebem que não importa a nacionalidade ou naturalidade do cientista, mas o que ele escreve e como escreve. Na Universidade Federal da Paraíba, com a chegada dos professores provenientes de outros estados, também ocorreu o fenômeno xenófobo, que foi superado com trabalho, capacitação e competência profissional.

Toda essa querela em torno dos brasilianistas aponta/desnuda as péssimas condições de pesquisa dos pesquisadores brasileiros, as quais se revelam na infraestrutura - a falta de espaços apropriados para realizar as pesquisas; nos estudos universitários, os cursos de graduação visavam apenas formar professores, e não, pesquisadores; ausência de profissionais habilitados em pesquisas; a pós-graduação pouco ou quase nada existia e as poucas ou raras agências de fomento que financiassem a pesquisa. Pode-se acrescentar, ainda, que o governo federal, assim como os estaduais e municipais, não apresentava interesse em salvaguardar ou preservar a documentação histórica nacional, o patrimônio arquivístico.

Segundo Moreira (1990, p.71),

a preocupação do governo brasileiro com o desenvolvimento científico e tecnológico foi adquirindo maior consistência e amplitude no final da década de 1960. A primeira iniciativa governamental de propor, de forma explícita e sistematizada, a adoção de uma política científica e tecnológica para o país encontra-se no Programa Estratégico de Desenvolvimento (PED), estabelecido para o período de 1968-1970. O programa previa: o fortalecimento dos mecanismos financeiros de amparo a seu desenvolvimento, além de recomendar o das instituições nacionais de pesquisa; o incentivo à formação de pesquisadores; a reorientação do ensino universitário, com ênfase na pós-graduação, aliado a uma política de amparo aos pesquisadores.

O Governo Federal, então, começa a avançar, no sentido de incrementar a pesquisa no Brasil e,

em julho de 1969, o Decreto-lei nº 719 criava o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), através do qual seria dado apoio aos programas e projetos considerados prioritários para o desenvolvimento científico e tecnológico, principalmente para a implantação do PBDCT, que, por sua vez, reafirmava a maior parte das iniciativas propostas no PED, a serem alcançadas através da ação convergente de uma série de medidas. Destinava-se, portanto, a proporcionar recursos para a formação de recursos humanos e adaptação científica e tecnológica junto às universidades e instituições de pesquisa, bem como para a criação de uma infra-estrutura de apoio e informação técnica para a pesquisa. (MOREIRA, 1990, p.72)

O governo brasileiro se preocupava mais com a área tecnológica:

[...] tônica comum de todos os planos e programas governamentais podem ser traduzidos na preocupação com o desenvolvimento tecnológico do país, de

modo a melhor capacitar as indústrias e com isso promover mais rapidamente o desenvolvimento econômico. De modo geral, portanto, tratava-se de uma estratégia de desenvolvimento baseada na interação de três conjuntos: as universidades e os **centros de pesquisa científica**, elementos fundamentais para a formação do pesquisador qualificado; os institutos de pesquisa tecnológica; a empresa, que, na qualidade de beneficiária última da nova tecnologia, também participava do esforço de financiamento das pesquisas. Nesse sentido, os programas de **desenvolvimento científico e tecnológico têm em comum a ênfase dada à informação, mais especificamente à recuperação da informação, ao processamento técnico de informações atualizadas** - resultantes basicamente de trabalhos de pesquisas no formato de relatórios, periódicos, preprints etc. fundamental para o melhor desempenho das pesquisas. (MOREIRA, 1990, p.72 grifo nosso)

Advém daí a necessidade de se resgatar informação e recuperá-la, porque estava literalmente espalhada pelos quatro cantos do país, jogada em qualquer porão, coberta de poeira, fungos e excrementos de insetos em qualquer banheiro sem uso, descartada como entulho e lixo e, finalmente, em qualquer baú de famílias que detinham ou detiveram o poder.

Para tanto, era preciso criar mecanismos para pesquisar, salvar, organizar, recuperar, disseminar e publicizar a informação. Assim, surge a ideia de criar, nas Universidades brasileiras, um órgão que pudesse desenvolver esse trabalho, formando equipes interdisciplinares para recuperar as informações e analisar, sob vários olhares, essas memórias históricas, esse patrimônio nacional. De acordo com Moreira (1990),

foi essa ênfase à informação que não apenas possibilitou, mas até mesmo favoreceu a criação, durante a década de 1970, de Centros de Documentação voltados para a pesquisa histórica, área que, até então, não havia sido incluída entre as prioritárias. Embora com objetivos práticos precisos, esses Centros tiveram sua existência justificada pela necessidade de sistematizar as informações na área das ciências sociais, de modo a torná-las acessíveis ao pesquisador. (MOREIRA, 1990, p. 72)

Assim, o Governo Federal começa a mudar o rumo dessas questões e passa a criar condições para que a pesquisa científica se desenvolva no país, como a própria intelectualidade nacional deseja:

[...] reação da comunidade acadêmica já se fez sentir em outubro de 1972, quando da realização do I Congresso Brasileiro de Arquivologia [...] Essa realização [...] refletia a preocupação dos profissionais do ensino da Arquivologia no país, mas também com a segurança dos documentos oficiais e privados e a implantação de novas técnicas voltadas para a preservação dos papéis. (MOREIRA, 1990, p.70 -71)

Assim, parte da sociedade despertava para a necessidade de o país preservar e conservar a sua memória. Mas é tão somente

[...] a partir de 1975, [que o] movimento de apoio às ciências sociais foi reforçado com a nova política nacional de cultura definida pelo Ministério da Educação e Cultura, que, ao estabelecer a participação das universidades nas atividades de levantamento de acervos arquivísticos com valor histórico, estimulou, por seu lado, o surgimento de centros de documentação vinculados aos estabelecimentos federais de ensino. (MOREIRA, 1990, p. 73)

Começam a surgir os Núcleos/Centros de Documentação e Pesquisa em algumas capitais do Brasil, e os primeiros centros de documentação são voltados para a pesquisa histórica:

[...] o Centro de Documentação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas-, Unicamp (1971); o Centro de Memória Social Brasileira, do Conjunto Universitário Cândido Mendes (1972), e o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas (1973). (MOREIRA, 1990, p. 66)

Os Centros são criados em diversos estados, ou melhor, regiões. O Governo Federal precisa de informações de diferentes partes do Brasil que ele não conhece. Dessa forma, a Fundação Universidade Federal do Mato Grosso, sediada em Cuiabá, elaborou um anteprojeto para implantar um Centro de Documentação. Esse documento possibilitou a criação dos Núcleos de Documentação em Mato Grosso e na Paraíba.

Ambas as instituições foram implantadas a partir de um projeto único elaborado no âmbito do Departamento de Assuntos Universitários, do Ministério da Educação e Cultura, em 1975, sob o título: “Implantação de Centros de Documentação e Informação Histórica Regional – Cuiabá, MT e João Pessoa, PB”. (SILVEIRA, 1980, p. 250).

Nessa época, estava à frente desse Departamento o senhor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, que logo foi nomeado pelo governo militar, reitor da Universidade Federal da Paraíba. Assim surgiu o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal da Paraíba – NDIHR/UFPB.

4.2 O LUGAR DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E DA MEMÓRIA: NDIHR/UFPB

Escrever sobre o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional é dialogar com Silveira (1980), pesquisadora, fundadora e coordenadora do Núcleo por diversas vezes.

Para compreendê-lo, dispõe-se de textos, artigos e entrevistas da professora/pesquisadora em questão.

Iniciando com o seu artigo na *Revista de Ciências Humanas*, número especial de História, que comemora o Jubileu de Prata da Universidade Federal da Paraíba e do Curso de História, em out/dez. 1980, essa revista traz dezoito artigos divididos em três seções: *I - Abordagens teórico-metodológicas*, *II – Estudos temáticos* e *III - Informes acerca do ensino-pesquisa de História da Paraíba*.

Por que fazer referência a essa revista? Porque, em seus artigos, percebe-se toda a mudança do Departamento de História da UFPB. Basta ver a estrutura da publicação. São as mudanças estabelecidas pela criação do NDIHR, que, em 1980, completava quatro anos de implantação.

Antes do NDIHR, o contexto intelectual paraibano não diferia de outros estados do Brasil, e na universidade, não havia espaço para se conceber uma pesquisa nos moldes modernos, principalmente, como projeto de **interdisciplinaridade, com metodologias integradoras de diferentes olhares disciplinares, que investigavam e enriqueciam o conhecimento** sobre processos históricos. Nesse caso, a pesquisa histórica estabelece pontes com a Antropologia, a Sociologia, a Educação, a Geografia, a Biblioteconomia e a Arquivologia, entre outras ciências.

O trabalho do NDIHR é de encontrar, recuperar, pesquisar e organizar os acervos históricos, ou seja, socializar a memória silenciada e trazê-la à “luz”, através da “memória arquivada”, assim como registrar, divulgar e disseminar a “informação histórica”. Por isso é importante desenvolver projetos conjuntos (interdisciplinares) e de desempenhos individuais na vida social dos grupos de pesquisa, que se formam através do interesse comum pelo mesmo tema e objeto. Esse objeto vai ser estudado por diversos olhares, metodologias e conhecimentos de vida diferentes. Essa interdisciplinaridade, as várias abordagens dadas a um único tema e as próprias temáticas escolhidas tornam os estudos/pesquisas do NDIHR tão importantes. Esse Núcleo articula

[...] procedimentos da história, da sociologia e da antropologia. Isso leva os pesquisadores a cruzar instrumentos que permitem levantar dados sobre o conteúdo das obras, o contexto social, político, intelectual do momento estudado, bem como arguir sobre os efeitos políticos das ideias e dar conta das diferentes práticas que ancoram a constituição de uma nova cultura política. Mais ainda, apreender o complexo das relações sociais, a configuração dos grupos e a ação das gerações intelectuais em confronto. (BASTOS, 2007, p. 102)

Esses pensamentos de interdisciplinaridade, de temáticas de história regional e local, permeavam as propostas de parte dos dirigentes da Educação Superior no País, como Lynaldo

Cavalcanti, por exemplo, diretor do Departamento de Assuntos Universitários (DAU), que, em 1975, aprovou o Projeto de criação do Centro de Documentação de Cuiabá e incluiu, no mesmo projeto, o Centro de Documentação de João Pessoa.

Cavalcanti (1990), em depoimento prestado ao NDIHR sobre a sua administração como Reitor da UFPB, esclarece suas preocupações com as atividades-fim da UFPB e a busca de renovação da Universidade.

[...] eu fui um Reitor que assim que comecei a pensar o que eu ia fazer já no segundo semestre de 75, até discutindo muito com Zé Ramos, com Orlando, com Álvaro Braga, que trabalhava comigo no DAU, e o Sevá que vieram pra cá comigo. Então, isso tudo levou a que eu tivesse assim uma ideia do que eu podia fazer. Não se tratava muito com as atividades meio, na atividade meio defiro pra alguém e eu espero que resolva, agora a atividade fim era uma atividade difícil e botei na cabeça, as palavra-chave, que era **“regionalização”** e abaixo disso era **“interiorização”, “descentralização”, “integração”** e... tinha outra que eu não me lembro agora, mas o fato é que tinha essas diretrizes básicas, e **“diversificação”**. Se vocês examinarem o que eu fiz na Reitoria, **vocês vão encontrar varias dessas palavras-chave em ação**,

[...] Então, eu tinha essas diretrizes básicas da gestão e tinha depois as palavras-chave, que eram alimentos, mineração, **informação e documentação histórica regional**, um conjunto de coisas que eu achava que a Universidade entrando naquilo ali, [...] de uma forma integrada, [...] E aí a gente vê a questão da **interdisciplinaridade** nessas diretrizes. Eu coloco interdisciplinaridade como integração, integração horizontal, integração vertical etc., a acuação (sic) da pós-graduação no caso. Então, tinha essa posição de que a Universidade teria que se expandir né, e eu dizia muito isso na CAPES, eu dizia: “Professor Darci se prepare porque a Universidade paraibana vai ser o quarto polo de pós-graduação na região, doa em quem doer, com ou sem CAPES.” (ALBUQUERQUE, 1990. Grifo nosso)

As diretrizes básicas expressas nas palavras-chave que resumem as metas do Reitor Lynaldo Cavalcanti Albuquerque para a UFPB eram mais do que necessárias.

Silveira (1980) revela como se encontrava a pesquisa historiográfica na UFPB, área de estudo de interesse de parte dos pesquisadores fundadores do Núcleo.

Uma das dificuldades maiores que se vinha enfrentando, no âmbito da área de historia, na Universidade Federal da Paraíba, consistia na falta de uma estrutura montada para a pesquisa. Pesquisa havia – e isto é indiscutível – mas representavam um esforço isolado e sacrificado dos estudiosos, pois sem recursos materiais e financeiros suficientes para uma intervenção vigorosa no sentido de maior dinamismo às atividades de investigação da historia Regional. Assim sendo, teoria e prática, em outras palavras, ensino e pesquisa enfrentavam, por falta de condições objetivas, uma dissociação usual, aliás, no sistema educacional brasileiro, gerando a distorção bastante conhecida: se não se faz, não se ensina a fazê-lo, ou seja, o ensino se converte em uma

retórica e não capacita para o exercício da profissão. Acrescente-se a esse estado de coisas, o gravame da inacessibilidade aos acervos documentais, tanta a desconsideração ou a apropriação privatizada de que padece a memória nacional. (SILVEIRA, 1980, p. 249)

O NDIHR veio para renovar, para implantar um novo conceito de se fazer pesquisa e história. Dessa forma, o

[...] projeto de montagem e consolidação dos Centros de **Documentação Histórica Regionais** tem seu conteúdo essencial nos preceitos, métodos e conhecimentos da Historiografia, caracterizada como uma importante área instrumental da Educação superior. Num sentido mais amplo, trata-se de um projeto de Ciência Histórica, conforme é **modernamente compreendida no Brasil, na Europa e na América do Norte, por pesquisadores e autoridades** que alargaram o estrito campo de trabalho sobre a história de personagens e épocas, para uma **visão interdisciplinar** e sistemática da evolução das sociedades e dos conhecimentos. (IMPLANTAÇÃO..., [1975], p. 01)

Nota-se, em princípio, no primeiro parágrafo da justificativa do Projeto, que suas diretrizes básicas de implantação dos Centros são as mesmas do reitorado do Prof. Lynaldo Cavalcanti e que a história antes conhecida, de personagens e épocas, não cabe nessa nova estrutura nem naquela questão, já discutida no início deste capítulo, sobre quem deve fazer a história no Brasil. No projeto, fica evidenciado que cabe aos brasileiros fazer sua história, não importa seu lugar de nascimento - João Pessoa, São Paulo, Cuiabá, Fortaleza ou Rio de Janeiro. A história nacional é do cidadão brasileiro. Essa ideia se confirma no trecho a seguir:

Deve-se ainda diferenciar, antes de mais nada, a pesquisa histórica no Brasil da pesquisa história sobre o Brasil; e cada um dos dois casos, a pesquisa feita por pessoas e instituições Nacionais, da pesquisa feita por pessoas e instituições estrangeiras. Particularmente num projeto que envolve cooperação técnica internacional, pretende-se que seja, a longo prazo, desenvolvida a pesquisa histórica no Brasil e por brasileiros, como decorrência da extrema importância que têm a cultura e a convivência para a formulação apropriada de interpretações históricas. (IMPLANTAÇÃO..., [1975], p. 04)

No Projeto dos Centros de Documentação, a questão com os brasilianistas também é levantada e, com ela, as facilidades dos estrangeiros para pesquisarem a nossa história e nossos documentos e as dificuldades dos pesquisadores brasileiros em fazerem o mesmo:

Segundo depoimentos dos pesquisadores brasileiros, os estrangeiros chegam munidos de credenciais que abrem portas normalmente fechadas aos próprios brasileiros, com apoio financeiros e profissional de suas instituições de origem, e, com prazos de permanências de alguns semestres, voltam para Europa e a

América do Norte, fartamente equipados para produzir seus trabalhos, os quais leremos, aqui no Brasil, anos depois, em línguas estrangeiras, ou em casos mais raros, traduzidos para português. Os brasileiros, em geral, deslocam-se da região onde residem, devido a dispersão das fontes, em períodos de férias, em licenças especiais, e quase sempre obrigados a pesquisa em tempo parcial, prevendo a complementação de seu tempo disponível com algum outro emprego remunerado. Assim, trabalham em geral com pressa, e meio às cegas, face à impossibilidade de contatos ou programas previamente combinados com os arquivos e institutos. Fatos como esses têm causados ressentimentos por parte do pessoal brasileiro, e têm sido objeto de manifestações governamentais, nos executivo e no Legislativo. Num projeto como esse, de Cooperação Técnica Internacional, podem-se e devem-se tentar outros esquemas de relacionamentos entre os estrangeiros e o pessoal local, para que sua estadia aqui seja frutífera para nós, além deles poderem desenvolver suas pesquisas e produzirem seus trabalhos individuais. (IMPLANTAÇÃO..., [1975], p. 07)

Por tudo isso, seria necessário criar um mecanismo que ajudasse os pesquisadores brasileiros a terem condições de fazer pesquisa e história e de guardarem memórias. Assim, com esse objetivo, foi implantado o NDIHR em 1975 e

[...] institucionalizou-se em 1979, como órgão suplementar da Reitoria, após um período de experiência concreta que apontou do modo mais correto para sua estruturação em forma e conteúdo. Podem-se distinguir três fases distintas nesse processo: de 1976 a 1978, a montagem de seus primeiros quadros administrativos e científicos, de certa base física e de elaboração dos primeiros projetos; de 1978 a 1979, um direcionamento para institucionalização que, então, já se fazia necessário, através de debates internos como consequência e indispensável aprofundamento quanto aos propósitos do órgão; e a fase em curso a partir de 1979, pós-institucionalização, com a continuidade do debate com vista à consolidação do setor, e com os primeiros resultados das pesquisas, e uma análise de seu desenvolvimento. (UFPB/NDIHR, Relatório - 1976–1980, 1980, p. 3)

A professora Rosa Maria Godoy Silveira, então coordenadora do NDIHR, esclarece que a intenção é “a da memória, a de fazer história”, pois, ao construir a “memória” e “fazer a História”, o NDIHR está realizando sua missão. Isso permite que os pesquisadores possam

[...] repassar a nossa prática a outros pesquisadores e a outros centros congêneres que a exemplo do NDIHR, **buscam criar melhores condições para o trabalho científico**. Afinal se **um de seus objetivos permanentes é aquele de divulgação e informação**, interpretamos que na concretização do mesmo não cabe restringir-se apenas aos resultados dos projetos, mas também informar os resultados de natureza estrutural, pois afinal a implantação de um órgão de pesquisa e de documentação é um enorme e complexo projeto. (UFPB/NDIHR, Relatório - 1976–1980, 1980, p. 1. Grifo nosso)

A preocupação com a teoria/metodologia foi relevante durante o processo de implantação do NDIHR, e sua documentação reflete essas discussões e revela um foco em conceitos a serem utilizados, principalmente os de história, de região, de interdisciplinaridade, e outros, assim como no desenvolvimento de uma metodologia de trabalho científico. As preocupações, também, residiam nas temáticas a serem abordadas e nas técnicas que seriam utilizadas pelos pesquisadores, para que recuperassem as fontes históricas, e no tratamento a ser dado a elas, com o objetivo de se criar um acervo de fontes históricas a ser utilizado e reutilizado e na pretensão de produzir uma historiografia nas mesmas bases.

Portanto, em muitos momentos, a documentação do NDIHR revelou o treinamento de um determinado número de profissionais. Esse treinamento

[...] ocorre na Linha Temática, que deve demandar ao Setor de Treinamento apoio teórico-metodológico adequado àquela Linha Temática que, por sua vez, aplicará os instrumentais escolhidos. Ou ainda a prospecção documental se realizará na Linha Temática, que demandará ao Setor de Acervo aconselhamento sobre as fontes mais adequadas àquele tema. (UFPB/NDIHR, Relatório - 1976–1980, 1980, p. 69)

Assim, o treinamento de pesquisadores e de bolsistas de iniciação científica, o apoio teórico-metodológico, a busca/recuperação de documentos e a elaboração de instrumentos de coletas deveriam ocorrer dentro das linhas temáticas para atender aos seus interesses.

A aprovação do projeto de implantação dos NDIHR, nas Universidades Federais da Paraíba e de Mato Grosso, pelos escalões superiores do Governo Brasileiro, a saber: DAU e SG/MEC, e SUBIN/SEPLAN, conforme OF. Nº 869 do Departamento de Assuntos Universitários, de 15/03/76, possibilitou que a Universidade Federal da Paraíba executasse a criação do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, em março de 1976, como mostra o Quadro 1 da evolução da legislação.

LEGISLAÇÃO	ATRIBUIÇÕES
Portaria R/GR/nº 015, de 01 de junho de 1976	Cria a Comissão de Implantação do NDIHR; fixa os critérios de sua composição para a designação dos integrantes e coloca a referida Comissão sob a supervisão da Pró-Reitoria para Assuntos de Pós-graduação e Pesquisa.
Resolução Nº 26/79 – CONSEPE	Cria o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional e o estrutura como órgão suplementar, destinado à atividade de documentação e de pesquisa histórica regional, de apoio à integração ensino-pesquisa e à comunidade, na área científica.

LEGISLAÇÃO	ATRIBUIÇÕES
Resolução Nº 164/79 – CONSUNI	Aprova o Regulamento do NDIHR.
Regulamento do NDIHR (1979)	Fixa o conjunto de regras que definem o NDIHR.
Resolução Nº 01/91 – NDIHR/ UFPB, 29 de maio de 1991	Institui o Conselho Editorial das publicações do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional.
Resolução Nº 26/96 – CONSEPE	Fixa normas para a criação e o funcionamento de NÚCLEOS DE PESQUISA E EXTENSÃO e revoga as Resoluções 15/79 e 31/91 do CONSEPE. “Art. 2º - Os Núcleos de Pesquisa e Extensão serão criados por Resolução específica do CONSEPE, mediante propostas apresentadas pela Reitoria, Pró-Reitorias ou Centros”. § 1º - As propostas de criação de Núcleos referidas no caput desse artigo serão encaminhadas ao Reitor que, ouvidas as Pró-Reitorias pertinentes, submeterá as mesmas à apreciação e deliberação do CONSEPE. § 2º - Deverão constar das propostas: [...] § 3º - A justificativa constante na proposta deverá caracterizar a importância de criação do Núcleo em termos acadêmico-científicos e suas possíveis repercussões na sociedade, definindo-se explicitamente seus propósitos e atividade principal. § 4º - Do projeto de implantação, deverão constar o programa de trabalho a ser desenvolvido e departamentos participantes do Núcleo, cujos docentes deverão ser cedidos inicialmente ao Núcleo. § 5º - Do anteprojeto de regulamento, deverão constar a denominação do Núcleo, objetivos, estrutura organizacional e o órgão ao qual poderá ser subordinado. [...] Art. 3º - Os Núcleos, como órgãos suplementares, deverão apoiar, planejar, organizar, elaborar e executar programas e projetos relativos à pesquisa e à extensão, de forma articulada com o ensino, em complementaridade às atividades dos departamentos. § 1º - As atividades a serem referidas no caput desse artigo deverão ser prioritariamente de caráter multi e interdisciplinar, preferencialmente requerendo o trabalho integrado de especialistas entre várias áreas do conhecimento. § 2º - Os Núcleos deverão envolver docentes pertencentes, no mínimo, a dois departamentos. Art. 4º - Os Núcleos, como os demais órgãos suplementares, serão subordinados institucionalmente à Reitoria, como previsto no Regimento Geral da Universidade. Parágrafo único - Por ato do Reitor, os Núcleos poderão ser subordinados a pró-reitorias ou centros, considerando em cada caso a sua atividade principal, propósitos, especificidade e abrangência, com base na proposta do regulamento, em conformidade com o § 5º do Art. 2º dessa Resolução.”

Quadro 1: Evolução da Legislação do NDIHR

Fonte: Documento de Legislação NDIHR. Legislação SODS. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora

A legislação sobre o NDIHR revela os caminhos legais percorridos pela instituição, desde sua implantação até a consolidação.

4.2.1 Para além das estruturas

O Regulamento do NDIHR de 1979 apresenta as seguintes finalidades *permanentes*:

- a) Colaborar na elaboração, apoiar e executar a política científica da UFPB, no que lhe for conveniente [...];
- b) Executar e/ou participar da execução de programas interdisciplinares, definidos pela sua política científica;
- c) Fornecer apoio instrumental de documentação e informação histórica para as atividades científicas e culturais dos organismos da Universidade e da comunidade, bem como a pesquisadores independentes;
- d) Atuar junto à comunidade. (UFPB/NDIHR. REGULAMENTO, 1979, p. 1)

O NDIHR, para atender a essas finalidades, criou uma estrutura administrativa que contemplava: Conselho Técnico-científico, Coordenação, Arquivo Documental e Secretaria. Somando a essa estrutura-meio a estrutura-fim, pode-se apresentar o organograma do NDIHR, como na ilustração 1:

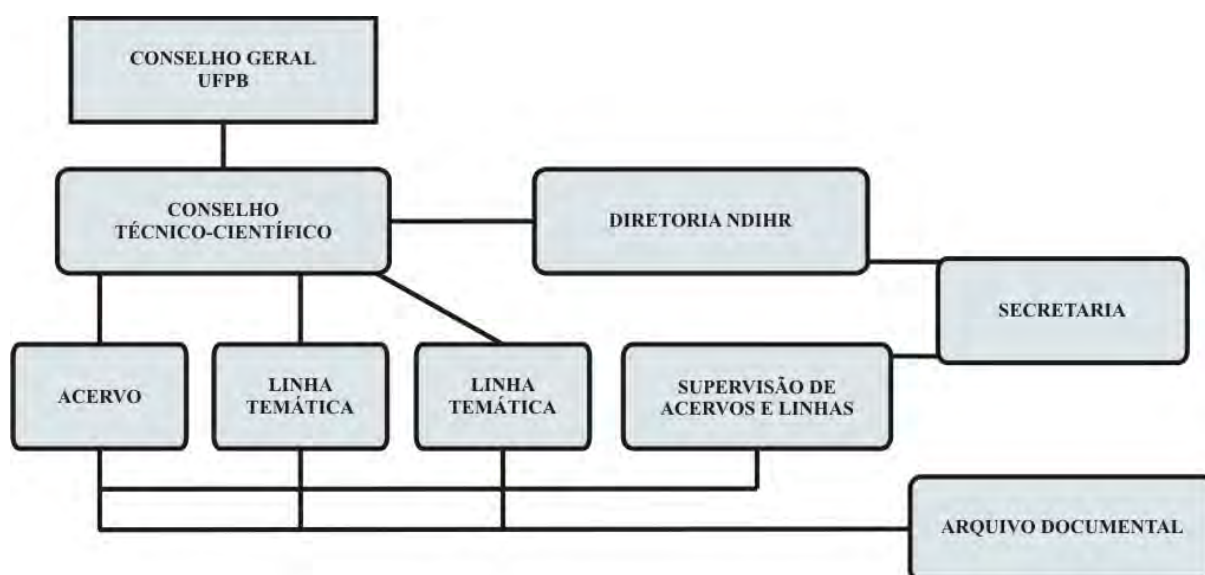


Ilustração 1: Organograma do NDIHR.

Fonte: UFPB/NDIHR REGULAMENTO, 1979.

Essa estrutura é uma produção da equipe de pesquisadores/professores do NDIHR, que pensavam nessa estruturação como a forma ideal para se produzir a pesquisa e *se fazer* história no Estado. Segundo Silveira (1996), vinte anos depois da criação do NDIHR, em seu artigo **Recuperar a memória, fazer história**, publicada em *Debates Regionais* (1996), explicando as diferentes visões de como se “Fazer história”, a autora fala sobre a proposta inicial do Núcleo

e explicita a concepção de história adotada pelo grupo de historiadores que participaram de sua fundação. Ela denuncia uma história fraturada, positivista, linear, via de mão única ou sem desvios, e de verdades acabadas e defende o compromisso com a chamada História-processo.

São essas concepções que fundamentaram a prática historiográfica do NDHIR sob uma nova ótica, interdisciplinar, posto que adota novas abordagens e temas bastante diferentes da produção historiográfica local, complementa com a mudança de foco e trabalha para compreender o processo histórico regional contemporâneo.

Instaurou-se a polêmica. Primeiro, porque a área da História na UFPB era extremamente acanhada, à época, com poucos professores; segundo, porque não havia na área tradição de pesquisa; terceiro, porque os temas, não sendo propriamente clássicos da historiografia consolidada, causaram espanto: “imagine, Rede Urbana não é um tema para historiador”, dizia um docente do então Departamento de Filosofia e História. E, então, poucos entraram na seara aberta pelo NDIHR. (SILVEIRA, 1996, p.19)

A questão xenofóbica aterrissou na Paraíba, foi assumida pela Imprensa, mas não vale a pena repetir os termos empregados. A história oficial foi surpreendida por outra visão de História. Além disso, o lugar de ensinar a história da Paraíba, território sagrado dos intelectuais paraibanos, e como bem diz Silveira (1996), “reserva de mercado de paraibanos”, foi invadido por intelectuais de “fora” que, além disso, começam a se preocupar com os movimentos sociais. Como, então, os “doutores do saber” ousavam trabalhar com essas questões, pior ainda, participar dessas mesmas questões como militantes, mudando o rumo das coisas já bem estabelecidas? Veja-se o relato de Silveira (1996, p. 11) a esse respeito:

[...] quando o NDIHR começou a se preocupar e pesquisar questões sociais, relativas a setores populares, mas, principalmente, quando começou a participar contemporaneamente de tais questões, não só como objeto de estudo, alguns setores dirigentes da Universidade passaram a olhar meio que tortuosamente para o Núcleo e seus pesquisadores.

Silveira (1996) esclarece, também, as questões que levam a essa reação contra os de “fora”: “a produção de um conhecimento novo X a reiteração de uma historiografia sedimentada; a apropriação do saber histórico, a concepção de História como mero conhecimento X a interrelação entre História-ciência e História processo-vida” (SILVEIRA, 1996, p.19). É com essas concepções de História que se tem trabalhado no NDIHR.

O caminho da produção historiográfica paraibana transforma-se com a criação do NDHIR. O fazer história era, antes, uma prerrogativa dos sócios do Instituto Histórico e Geográfico

Paraibano (IHGP), que apontavam a si próprios como os senhores da História paraibana, como afirma Dias (1995): “[...] os fundadores do Instituto marcaram a si próprios como um divisor de águas. Antes deles, não havia história da Paraíba, a partir daquele momento, passava a existir, começara a feitura dessa história” (DIAS, 1995, p. 27).

Hoje é possível entender bem mais que, em plena política de criação, as ideias e os ideais estavam preconcebidos, e os que fundaram o NDIHR vieram para transformar, formar, ou melhor, mudar todo um pensamento de uma época que estava arraigado tanto na Universidade como fora dela.

Vale ressaltar que os professores/pesquisadores vindos “de fora” foram os verdadeiros dirigentes dessa “nova história” na Paraíba, mas o que foi efetivado só foi possível pela associação com a base de uma boa parte de professores “novos” do Nordeste, e, em particular, da Paraíba que, inclusive, assumiram as coordenações das Linhas Temáticas. Esses professores “novos” contribuíram para as transformações. Os “novos de fora” implantaram e, com “os novos” do Nordeste/Paraíba, consolidaram e expandiram, fixando uma nova base teórico-metodológica que ficou marcada na Historiografia paraibana.

A expansão dos Núcleos, especificamente do NDIHR, requereu da UFPB uma nova resolução, como, por exemplo, a Resolução nº 26/96 do CONSEPE, que fixava novas normas para a criação e o funcionamento de Núcleos de Pesquisa e Extensão. Nessa nova regulamentação dos Núcleos, o NDIHR também teve que se reformular. Em 1997, a estrutura administrativa do regulamento do Núcleo era constituída assim:

Art. 5º - A administração do NDIHR será exercida pelos seguintes órgãos:

- a) Conselho Técnico-científico;
- b) Conselho Editorial;
- c) Coordenação;
- d) Secretaria;
- e) Supervisões dos Programas Permanentes;
- f) Arquivo Documental;
- g) Biblioteca. (UFPB/NDIHR REGULAMENTO, 1979)

Nessa nova estrutura, que permanece até o momento, poucas mudanças são percebidas: saiu a Direção e entrou a Coordenação; o Acervo foi dividido entre Biblioteca e Arquivo, responsável pela acumulação e guarda da produção da instituição. Veja-se o organograma atual:

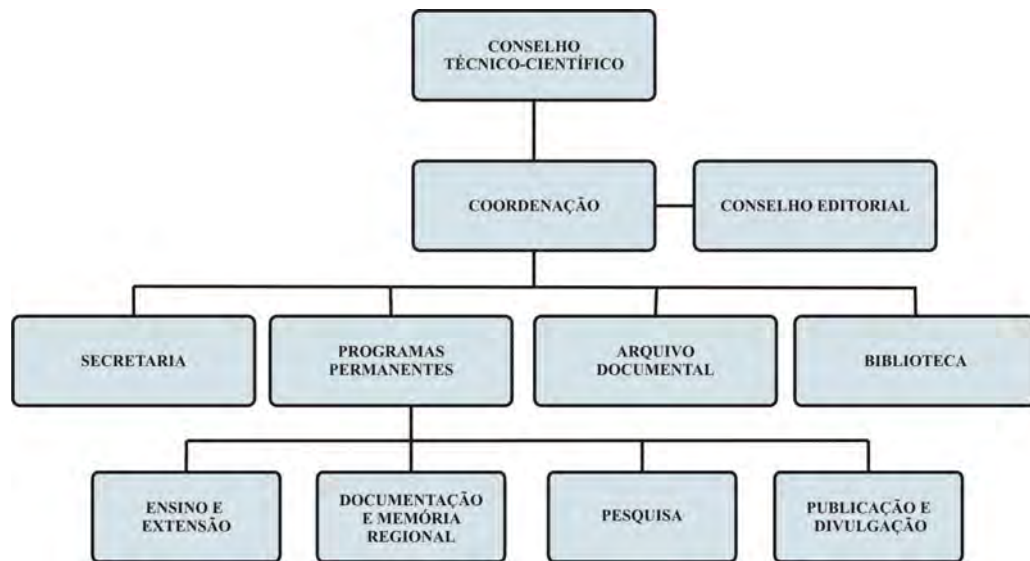


Ilustração 2: Organograma do NDIHR (1997).

Fonte: UFPB/NDIHR REGULAMENTO, 1997. Elaborado pela autora.

Nessa nova estrutura, está presente o Conselho Editorial do Núcleo, criado pela Resolução Nº 01/91 - NDIHR/UFPB - de 29 de maio de 1991. Essa norma estabelece:

Art. 1º - As publicações do NDIHR serão coordenadas pelo Conselho Editorial [...]

Art. 2º - O Conselho Editorial tem por objetivo definir a política de publicação, estimular a divulgação da produção científica, aprovar as matérias a serem publicadas e sugerir ações no sentido de viabilizar as publicações do UFPB/NDIHR. (RESOLUÇÃO..., 1991, p. 1)

Portanto, os 16 anos anteriores de publicação da produção do NDIHR não foram regidos por um Conselho Editorial normatizado. Aliás, esse conselho é fruto das experiências vividas e pensadas pelos pesquisadores/professores do NDIHR, em sua prática de pesquisa e publicação.

4.2.2 Executando as finalidades dos Programas Permanentes do NDIHR

Os projetos do NDIHR geram sempre um produto final, que pode ser o relatório para a entidade financiadora ou a publicação de livros ou artigos em periódicos científicos produzidos pelo próprio órgão ou de outras entidades, e originam atividades de extensão, como palestras, cursos, seminários, entre outros. O NDIHR, como já dito, preocupava-se com todos os passos da pesquisa, desde sua execução até o melhor método de guarda e divulgação dos seus resultados, ou seja, com a sua socialização, que se refletiu na preocupação com a organização de seu Acervo. Assim nasce a tríade documento-pesquisa-produção e, com ela, os programas permanentes: Pesquisa, Ensino e Extensão, Documentação e Memória Regional, Publicação e Divulgação.

4.2.2.1 Programa de pesquisa

O Programa de Pesquisa do NDIHR foi discutido por pesquisadores de várias áreas. Depois de discutido e rediscutido, finalmente, é reestruturado, principalmente, porque muda o jeito de se “fazer História”. Essa nova geração de historiadores/pesquisadores, de “fora” e “prata da casa”, que chega com o Reitor Lynaldo Cavalcanti, vem com a ideia de que é preciso ensinar História e não só produzir professores, mas professores-pesquisadores que sejam capazes de ir buscar e beber nas fontes históricas primárias e de caminhar por caminhos nunca trilhados. A questão básica é “Fazer História”.

Neves (1979), em seu texto “Como se estuda História”, produzido com a pretensão de ser provocador, reflete sobre os aspectos que envolvem o estudo de História:

[...] o que existe é **fazer história** – atuar no processo histórico – que não é exclusivo de individualidades que se destacam por esse ou aquele motivo, mas é da própria essência humana e diz respeito **a todos os seres humanos** em todas as épocas. No bojo desse **processo histórico** o homem desenvolveu formas de conhecimentos que lhe possibilitam: compreender o processo por ele engendrado, compreender-se a si mesmo nesse processo e, conseqüentemente, situar-se como **agente** do mesmo. (NEVES, 1980, p. 67. Grifo da autora)

O “Fazer História” transformou a Academia. Se antes, a historiografia era fora dela, com o Núcleo, essa realidade se modifica. À medida que os professores/pesquisadores do NDIHR produziam uma “nova história” no campo da pesquisa, essa transformação também ocorria na área de ensino, pensando-se no futuro, na renovação dos quadros. Os novos profissionais da História terminam a graduação com a certeza de serem sujeitos da História, prontos para participar dela e para elaborar e reelaborar os registros históricos.

O NDIHR enriqueceu e renovou as temáticas estudadas pela historiografia paraibana, pois levou para

[...] o campo da pesquisa questões fundamentais que não frequentavam a produção tradicional. Suas linhas temáticas trabalharam, pioneiramente, as questões urbana, agrária e de gênero; movimentos sociais, minorias, atividades e processos econômicos, a história dos municípios, processos eleitorais, elites políticas, entidades políticas e sociais populares, sindicatos, a Igreja, têm sido objetos dos seus diversos projetos.

As atividades de pesquisa do NDIHR tiveram e têm o respaldo de sua política de documentação, a mais elaborada e diversificada do estado. A prospecção de fontes, a organização arquivística e bibliotecária de importantes acervos, a montagem de um acervo próprio, com documentos originais ou cópias microfilmadas, incluindo coleções de fotografias justificariam, por si só, o reconhecimento do

Núcleo como inovador da produção historiográfica na Paraíba, na medida em que, com esses trabalhos, tem possibilitado acesso a fontes, até então, fora do alcance da maioria dos pesquisadores. (NEVES, s/d, p.1)

Como se pode verificar, o Programa de Pesquisa tem uma ação efetiva na renovação e na multiplicação dos temas a serem estudados. Vale ressaltar que a denominação Linhas Temáticas precede a atual, Programa de Pesquisa. Segundo o Regimento de 1976,

[as] Linhas Temáticas constituem programas permanentes de pesquisa, com a finalidade de realizar a prospecção de fontes documentais e desenvolver estudos relevantes ao processo de desenvolvimento regional e são órgãos executores da política de pesquisa do NDIHR. (UFPB/NDIHR, REGULAMENTO, 1976, fl. 11)

Atualmente, as Linhas Temáticas estão dentro do Programa de Pesquisa. Encontram-se no projeto de implantação do NDIHR as seguintes Linhas:

LINHAS TEMÁTICAS	ATRIBUIÇÕES
Formação histórica da rede urbana	Concentrar essa temática na Paraíba e em estados limítrofes, que seriam Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. Para isso, seria necessária a recuperação de fontes como mapas e plantas urbanas e de toda a documentação organizada e sistematizada pronta para recuperar sua memória histórica.
Tecnologia de sobrevivência e exploração do Sertão	Envolver o Polígono das Secas com vistorias, registro de técnicas empíricas de habitação, marcações territoriais, transportes humanos e de cargas, cultivo e extração vegetal e o estudo do subsolo e da água.
Desenvolvimento regional e redes de transportes	Estudar a evolução das redes de transportes e terminais, ou seja, ferroviária, rodoviária, marítima e fluviais, e analisados os documentos técnicos, comerciais e financeiros relativos ao uso dessas redes.
Expansão de fronteiras agrícolas	Estudar o registro de posse e transferência de terra, além de analisar as formas de trabalho e mão de obra indígena, escrava e livre.
História da pecuária nordestina	Estudar o regime de criação e a exploração econômica, estrutura fundiária, comercialização e industrialização dos derivados.
Economia pesqueira do extremo Nordeste	Focalizar as atividades praticadas no litoral como as formas de exploração comercial, técnicas de embarcações, captura, conservação e hábitos alimentares.
Migração de nordestinos e processo de caráter nacional	Identificar e analisar os processos de evasão e deslocamento dentro e fora da região e suas relações com o ciclo da borracha; com as grandes secas; na industrialização, em São Paulo; na implantação de Brasília e na Transamazônica. Por fim, a evolução demográfica de várias cidades do Nordeste.

LINHAS TEMÁTICAS	ATRIBUIÇÕES
Relações comerciais e financeiras da Paraíba com o exterior e com o eixo Rio – São Paulo	Estudar o processamento econômico e estatístico do comércio, impostos, empréstimos e capitais, no período republicano; evolução da balança de importações e exportações do Estado; questões econômicas locais de repercussão na esfera federal e no plano internacional e vice-versa.
Perfil antropológico de microrregiões paraibanas	Pesquisar o campo dos documentos familiares, religiosos e cartoriais e analisar a evolução das populações de origens portuguesa, indígena e negra; trânsito e permanência dos franceses e holandeses; as formas de organização familiar e comunitária; aspectos regionais da linguagem, mitologia, expressões artísticas e cerimônias.

Quadro 2: Linhas temáticas propostas no Projeto de Implantação, 1976.

Fonte: IMPLANTAÇÃO..., 1976, p. 37-38. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora.

Segundo o Projeto, cada linha de pesquisa tinha a sua especificidade, mas seu objetivo era de conhecer bem mais a região paraibana e a nordestina. Contudo, no Projeto de Implantação, seus autores percebiam a impossibilidade inicial do então Centro de Documentação e Informação Histórica Regional (denominação inicial do Núcleo), CDIHR:

Não se pode pretender que o CDIHR, por si só no prazo previsto no projeto, consiga ou mesmo se aventure por todas essas linhas de pesquisa; de qualquer forma, em cada uma delas há já potencial e trabalhos parciais de algumas regiões ou épocas; em outras, a documentação já essa localizada, ou mesmo sistematizada; e, em função das possibilidades de financiamento e organização de equipes, a UFPB e outras instituições da região poderiam se envolver com trabalhos desse porte. Caberia então ao CDIHR, durante a fase de implantação do projeto, lotar seus primeiros arquivos de cópias, originais ou filmes da documentação básica para que os especialistas pudessem proceder à leitura e análise do material (IMPLANTAÇÃO..., 1976, p. 38)

Em documento, Oswaldo Sevá² revela como se realizaram as escolhas e a implantação das linhas que se desenvolveram no NDIHR, ao registrar a divulgação, a formação de equipes, os projetos e os contatos com as entidades de fomento, se já havia matéria coletada e as suas possibilidades. Tudo isso justifica por que algumas linhas se desenvolveram, e outras, não.

Os pesquisadores tinham a liberdade de escolha, pois, embora já tivessem sido estabelecidas, no Projeto de Implantação, as linhas temáticas a trabalhar, elas eram de inteira escolha do pesquisador e do seu interesse pelo tema, tanto que algumas nunca foram efetivadas,

² Oswaldo Sevá, engenheiro que acompanha Lynaldo Cavalcanti desde o DAU/MEC, com quem veio para ajudar a implantar os Núcleos de Documentação em várias regiões do Brasil. Ver entrevista de Lynaldo Cavalcanti cedida ao NDIHR.

e outras novas surgiram ao longo do tempo. O NDIHR desenvolveu temáticas que não estavam no Projeto de Implantação como, por exemplo, a Linha Temática Questão Agrária. O Quadro 3, abaixo, elaborado pelo Professor Oswaldo Sevá, descreve o estágio inicial das Linhas Temáticas no período de implantação do Núcleo.

LINHAS DE PESQUISA	DIVULGAÇÃO INTERESSE	DETALHAMENTO DA LINHA	FORMAÇÃO DAS EQUIPES	CONTATOS	MATERIAL COLETADO	POSSIBILIDADES
Formação da Rede Urbana	Já divulgada, Interesse grande	Alguns documentos parciais já produzidos	1 arquiteto 2 geógrafos 1 historiador 1 sociólogo Já trabalhando assessores e alunos combinado.	Cct -Campina Sec Plan Gov. do Estado, IBGE, IBAM, CNPq, F.G. Vargas, IAB, FUFMT	Algumas dezenas de fontes, coletados documentos planos e livros	A longo prazo, projeto de pesquisa de 2/3 anos com financiamento externo
Tecnologia de sobrevivência e exploração do sertão	Conversado com poucas pessoas	Não há	Não há (Apenas 1 antropólogo contactado e no momento, estudando propostas)	FUFMT (desenvolve linha semelhante)	Não há	Iniciar em fins de 76 início de 77
Desenvolvimento regional e redes de transporte	Conversado com poucas pessoas	Não há	Não há (Mas a equipe da linha 1 tem interesse no assunto)	Não há	Não há	Desdobrar, a partir da linha 1, durante o ano de 77
Expansão das fronteiras agrícolas	Conversado com poucas pessoas	Não há	Não há	UFPE – possibilidades de levantamento conjunto sobre estrutura rodoviária da zona da mata	Não há	Participar com a UFPE e implantar em 77 após experiências iniciais
História da pecuária nordestina	Conversado com poucas pessoas	Não há	Não há	Não há	Não há	Implantar em 77 junto com a linha 4
Economia pesqueira do extremo Nordeste	Já divulgada, interesse razoável	Não há	Não há (Apenas um sociólogo contactado, no momento estudando proposta)	Informalmente UFCE (laboratório de Ciência do Mar)	Não há	A longo prazo, projeto com SUDEPE, início: formação de equipe em 76
Migração de nordestinos e processo de caráter nacional	Já divulgada interesse grande	Em preparo	No início (definido responsável e feitos primeiros contatos com docentes)	Informalmente UFPE, IJNPS, IPEA , CNRM e IBGE	Alguns livros Alguns censo.	Montar ainda em 76
Relações comerciais e financeiras da Paraíba com o exterior e com o eixo Rio – São Paulo	Conversado com poucas pessoas	Não há	Não há	Não há	Não há	Implantar em 77
Perfil antropológico de microrregiões paraibanas	Já divulgada, interesse grande	Não há	Não há	pesquisadores isolados com trabalhos em comunidades	Alguns artigos e relatórios de pesquisa:	Implantar em 77

Quadro 3: Estágio inicial de implantação das Linhas Temáticas do NDIHR

Fonte: SEVÁ (1976). Documento à Comissão de Implantação do UFPB/ NDIHR – junho/79

As Linhas Temáticas hoje trabalhadas foram escolhidas por grupos de pesquisadores com afinidades com seus respectivos objetos de estudo. Algumas linhas do Projeto de Implantação foram desenvolvidas porque havia o interesse de algum grupo; outras foram sendo implantadas com o decorrer do tempo histórico e da conjuntura que as favorecia. As Linhas Temáticas desenvolvidas no NDIHR são as seguintes:

- a) Formação histórica da rede urbana
- b) Questão agrária
- c) Estrutura de poder
- d) Indústria e trabalho
- e) Educação e sociedade
- f) Manifestações culturais
- g) Sexo e relações de gênero
- h) Movimentos sociais
- i) Economia pesqueira do Nordeste

Cada uma dessas Linhas Temáticas tem as suas histórias e seus perfis como também vários projetos. Escrever sobre cada uma delas constituiria em um novo projeto de dissertação, por isso se toma, como exemplo, a Linha Temática Questão Agrária.

Na Paraíba, a *Linha Temática Questão Agrária* foi criada no ano de 1990, a partir dos interesses acadêmicos de um grupo de professores e alunos de História, Geografia, Economia e Sociologia, ligados, formal ou informalmente, ao NDIHR, e veio preencher uma grande lacuna no que diz respeito ao estudo sobre os fundamentos agrários em que se assenta a sociedade paraibana.

Para sua implantação, foram criados três eixos de pesquisas articulados entre si: Balanço crítico da produção científica sobre a questão agrária na Paraíba; História recente dos Conflitos sociais no campo; e Processo de ocupação e organização do espaço agrário paraibano.

No decorrer do desenvolvimento das pesquisas, foi necessário realizar outros projetos, tais como: A questão agrária na visão dos cronistas e dos viajantes; e o Projeto de implantação e organização do Arquivo da Comissão Pastoral da Terra - João Pessoa/PB.

Considera-se que o NDIHR prestou serviços relevantes às comunidades com seu trabalho de pesquisa, uma vez que, no contato com os camponeses, o ato de pesquisar se configurou como uma ação de troca, de prestação de serviço, através do ensino e de ações de educação que reforçavam identidades e o sentimento de pertencimento ao local de vivência.

Como em toda linha de pesquisa, a produção documental, oriunda não apenas da elaboração e da realização desses projetos, mas fundamentalmente dos resultados gerados em decorrência de seus vários anos de pesquisas, representa um potencial temático de inestimável valor para as diversas áreas do conhecimento que lidam com questões como: trabalho, agricultura/uso e manejo do solo, movimentos sociais, estrutura fundiária, aspectos históricos e sociológicos, diferentes formas de visão da sociedade paraibana, entre outros.

O acervo é constituído de várias tipologias documentais, como: projetos, correspondência, relatórios, textos, fichas catalográficas, fichamentos, formulários, quadro de áreas de conflito e de assentamento, índices, recortes de jornais, entrevistas, boletins, planos de trabalho, provas, planilhas, portarias, panfletos, cartazes, convites e fotografias.

Atuavam nos projetos profissionais de várias áreas: professores/pesquisadores, pesquisadores funcionários do Núcleo, voluntários, estudantes bolsistas e voluntários.

O quadro de projetos executados nas Linhas Temáticas do NDIHR representa um levantamento de parte dos projetos trabalhados, pois o seu universo é bem maior. Todavia, o quadro 4 dá uma ideia do trabalho de pesquisa realizado, seus eixos e recortes espacial e temporal.

LINHA TEMÁTICA	EIXOS DOS PROJETOS	RECORTE ESPACIAL	RECORTE TEMPORAL
Questão Agrária	Ocupação do espaço agrário	Paraíba	-
	Formas de posse, propriedade e uso da terra	Sapé, Paraíba	-
	Conflitos de terra	Paraíba	-
	Política sesmarial	Paraíba	-
	Modernização agrícola	Paraíba	1822 – 1870
	Historiografia sobre a questão agrária	Paraíba	-
	Legislação trabalhista agrária	Paraíba	1963 – 1973
	Modernização fundiária	Paraíba	-
	Organização da documentação	Paraíba	-
Estrutura de poder	Processos eleitorais	Municípios do Nordeste João Pessoa Paraíba Paraíba Cuité	1982 1985 1986 1990
	Mulher e política	Paraíba	1928 – 1940
	Políticas públicas de Saúde	Nordeste	1850 – 1930
	Classes médias e representações	João Pessoa	1930 – 1964
	História oral das elites políticas	Paraíba	1930 – 1964
	Intelectuais políticos	Nordeste	-
	Legislação lusitana e vida privada	Nordeste	-
	Espaço e poder	Nordeste	-
	Nordeste e globalização	Nordeste	-
	Institucionalização universitária	João Pessoa	1960 – 1984
	Política e cultura	João Pessoa	-

LINHA TEMÁTICA	EIXOS DOS PROJETOS	RECORTE ESPACIAL	RECORTE TEMPORAL
Indústria e trabalho	Produção artesanal têxtil	Paraíba	1994 – 1996
	Memória de artesanato	João Pessoa	1994 – 1996
	Associativismo/cooperativismo	Ingá	1990 – 1996
	Ação da Igreja (Pastoral do Artesão)	Ingá	1990 – 1996
	Legislação industrial	Paraíba	1889 – 1930
	Moradia e trabalho	Rio Tinto	
	Evolução industrial	Paraíba	1889 – 1930 1940 – 1990
	Vilas operárias	João Pessoa (Torre)	-
	Disciplina do trabalho	Nordeste	1889-1920
	Classe operaria e industrialização	Nordeste	1889-1930
	Mão de obra e divisão do trabalho	Paraíba, Pernambuco	1992-1993
	Condições e trajetórias operárias	João Pessoa, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte	1992-1994
Educação e sociedade	História local (da colônia à atualidade)	Ingá, Pedras de Fogo, Conde, Areia, Cabedelo	Séc. XVI-XX
	Educação	Ingá, Pedras de Fogo, Conde, Areia, Cabedelo	Séc. XX
	Movimentos culturais	Areia, Cabedelo	Séc. XIX-XX
	Questão agrária, luta pela terra, sindicalismo rural	Ingá, Pedras de Fogo, Conde, Areia	Séc. XIX-XX
	Pesca	Conde, Cabedelo	Séc. XX
	Meio ambiente	Pedras de Fogo, Conde, Areia, Cabedelo	Séc. XX
	Atividades econômicas	Ingá, Pedras de Fogo, Conde, Areia, Cabedelo	Séc. XVI-XX
	Escola normal	João Pessoa	1884-1930
	Comunidade universitária e movimentos sociais	João Pessoa	1974-1998
	Universidade e ensino	Paraíba	-
Movimentos culturais ¹	-	-	-
Sexo e relação de gênero	Artesãs, operárias e relações de gênero	Paraíba	-
	Violência contra a mulher	Fortaleza, Natal, João Pessoa, Salvador	-
	Universidade e relações de gênero	Paraíba	-
	Saúde da mulher	Norte, Nordeste	-
	Ação pedagógica e relação de gênero	João Pessoa	-
	Judiciário, polícia e violência de gênero	Paraíba	-
Movimentos sociais	Estruturação do espaço urbano e conflitos de interesse	João Pessoa	1960-1983
	Associações de moradores e conflito popular	João Pessoa	1915-1986
	Políticas públicas e participação popular	Recife	1986-1988
	Estado e gestão dos conflitos urbanos	João Pessoa	1979-1986
	Denúncias e reivindicações populares	João Pessoa	1979-1988
	Lideranças de bairro e identidade política	João Pessoa (Gauchinha)	1979-1983
Formação histórica da rede urbana	Tipologia das cidades	Nordeste	-
	Poder municipal	Paraíba	-
	Formação de sítios históricos	João Pessoa (Rua das Trincheiras)	Séc. XVIII-XIX
	Cidades e memória	Mamanguape, Pilar, Areia	-
	Formação cultural das cidades	-	-

LINHA TEMÁTICA	EIXOS DOS PROJETOS	RECORTE ESPACIAL	RECORTE TEMPORAL
Economia pesqueira do Nordeste	Estuário do Rio Paraíba	Paraíba	-
Relações comerciais e financeiras da Paraíba	-	-	-

Quadro 4: Projetos executados nas Linhas Temáticas do NDIHR**Fonte:** NDIHR: Projetos. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora

A partir do exposto, evidencia-se a importância do Programa de Pesquisa porque nele se canaliza toda uma nova concepção teórico-metodológica de história a ser trabalhada pelo NDIHR.

4.2.2.2 Programa de Documentação e Memória Regional

Esse Programa atua como suporte para as pesquisas temáticas e na prospecção de fontes históricas. Essa posição e/ou prioridade justifica-se pela multiplicidade das temáticas desenvolvidas; pelos conjuntos informacionais da produção de vários projetos de pesquisa e documentação, com seus respectivos procedimentos metodológicos e, sobretudo, pela documentação histórica primária sobre a Paraíba Colonial e Imperial, recebida e/ou acumulada em função das pesquisas do órgão.

Ressalta-se que o conjunto documental e informacional contém registros em diferentes suportes, representados através das linguagens textuais, iconográficas, fonográficas e audiovisuais, os quais exigem tratamentos técnicos diferenciados. Os objetivos básicos do Programa de Documentação e Memória Regional são os seguintes:

- a) **Revigorar a política de estudo e as reflexões do Programa** sobre a proteção do patrimônio arquivístico, para estimular o debate e a troca de experiências, visando fortalecer projetos conjuntos de ensino, pesquisa e extensão e gerar novas ações;
- b) **Concluir a organização documental** das atividades-fim desenvolvidas pelo NDIHR em seu arquivo permanente, registrada em diferentes suportes;
- c) **Promover seminários mensais** sobre temas indissociáveis, como História, Memória e Patrimônio Documental;

- d) **Dotar alunos de História e de Biblioteconomia**, que atuam como bolsistas e como auxiliares de pesquisa (voluntários), de conhecimentos teórico-metodológicos nas áreas de História e de Arquivologia, como ponto de partida para a pesquisa histórica;
- e) **Organizar os arquivos setoriais da UFPB** e capacitar servidores para organizarem arquivos e aplicarem a TTD da Reitoria, para atender satisfatoriamente à demanda institucional.

Para que os objetivos citados sejam executados no *Programa de Documentação e Memória Regional*, as ações devem ser divididas em três linhas, a saber:

- a) **Levantamento/referenciação de fontes históricas:** Consiste em recuperar, acessar e disseminar/socializar as informações contidas na documentação das Linhas Temáticas do Núcleo e respectivos projetos de pesquisa, implementando meios eficazes de acesso pleno;
- b) **Capacitação de recursos humanos:** É preciso capacitar os profissionais que trabalham no NDIHR e os que atuam nos Recursos Humanos da Universidade e de Instituições Públicas, para que atuem em arquivos ou com documentação, e alunos de História, Biblioteconomia e, atualmente, de Arquivologia;
- c) **Organização de arquivos:** Organizar a documentação do acervo do NDIHR, produzida em função dos seus Programas Permanentes: Pesquisa, Documentação e de Memória Regional, Ensino e Extensão e de Publicação e Divulgação e de outras instituições públicas e privadas.

A formação de acervo, como política do NDIHR, já surgiu no início de sua implantação. Por esse motivo, foi criado o Setor de Acervo responsável pelas regras de organização da documentação produzida, pesquisada, acumulada, registrada, comprada ou doada.

A Organização dessas fontes, ou seja, o resultado de toda pesquisa, seja no levantamento de fontes, na organização de acervos ou no recebimento de doações e de toda a documentação de cada Projeto, como o seu resultado final, e a documentação administrativa do próprio NDIHR, ficou a cargo da Professora Joana Neves, então coordenadora do Setor de Acervo.

Neves (1979) tinha ideias próprias sobre como seria essa organização e elabora, então, um documento sob o título “*Subsídio para estruturação do Setor de Acervo do NDIHR*”, sobre

a maneira de organizar essas fontes. Segundo a autora, “[...] o NDIHR, agora no seu terceiro ano de funcionamento, tem como tarefa básica e imprescindível a sua própria estruturação” (NEVES, 1979, p. 1).

É evidente que, executando as suas funções, através da realização dos projetos, o NDIHR começa a gerar uma documentação resultante de suas atividades-fim e de suas atividades-meio. Às vezes, pensa-se que a documentação administrativa não serve para a pesquisa ou para a história, mas se concorda com Bellotto (1991), quando refere:

[...] esse conjunto de dados constituem a memória. Integraram-na os fatos e as reflexões que podem envolver um ato administrativo ou a vida e atuação de um órgão público, assim como as manifestações a respeito; transcendem a própria natureza administrativa que os criou ou dele dependem. Todos esses elementos, arquivísticos ou não, são iguais fontes a serem utilizadas pelo historiador. (BELLOTTO, 1991, p. 183).

No caso do NDIHR, conforme já referido, a organização dos documentos, seja os relacionados aos projetos de pesquisa ou ao levantamento de fontes ou doações recebidas e, ainda, à documentação administrativa de cada Projeto ou do próprio NDIHR, foi objeto de reflexão desde os primeiros tempos, sob a orientação de Neves (1979, p.1), que alegou que, depois de três anos

[...] tendo desenvolvido uma série de tarefas de pesquisas, tanto no que diz respeito a conteúdos (sobretudo na Temática Formação da Rede Urbana do Nordeste), como no que se refere a fontes documentais, a equipe que atua no Núcleo tem, no momento, condições e necessidade de organizar o trabalho em setores específicos para que cada tarefa adquira a profundidade desejável e, ao mesmo tempo, possa ser deslançada de forma sistemática, e sem entraves institucionais.

Neves (1979) elaborou esse documento para ser discutido entre os pesquisadores e, agora, ele serve, como diz Bellotto (1991), de fonte para se ter ideia de como o trabalho do NDIHR foi planejado, refletido e executado. Esse documento é um dos muitos existentes no arquivo do NDIHR que reflete o pensamento daqueles que o criaram, sob uma nova luz, já tão falada nesta dissertação (um novo jeito de fazer História, com interdisciplinaridade, regionalidade, novos objetos etc.).

Esse documento exige uma reflexão, em conjunto com a autora, sobre alguns pontos de importância fundamental para os caminhos percorridos pelos NDIHR.

Ela inicia o texto afirmando

[...] que o Setor de acervo se confunde com o próprio Núcleo, ou seja na sua configuração final o núcleo deverá se constituir em um grande acervo para realização de pesquisa sobre a história do Nordeste. Assim sendo, é preciso explicar muito claramente o que deverá ser um setor específico de acervo no conjunto da estruturação do NDIHR. (NEVES, 1979, p.1)

Seguem-se as linhas e os princípios gerais defendidos por Neves (1979), para a estruturação do Setor de Acervo do NDIHR:

- a) União indissociável entre a formação do acervo e a pesquisa: “A formação de um acervo, no nível em que está a ciência histórica atualmente, constitui-se em uma tarefa altamente interpretativa e crítica, na qual a seleção e a organização do material representam uma postura científica face ao processo histórico gerada, ao mesmo tempo, das indagações que demandam a pesquisa e as fontes que a possibilitam.”

Para tanto, os princípios gerais orientadores da pesquisa deveriam ser os adotados para a formação do acervo, ou seja: conceito de história, estudos regionais e problematização da realidade nordestina atual.

Nesse sentido, em uma configuração estrutural, não se distinguiria a formação do acervo e o desenvolvimento das linhas temáticas, apenas haveria distinção de ordem funcional, pois “a organização do Acervo deve ser encarada como um aspecto parcial da organização da pesquisa, apesar de toda a individualidade que possa caracterizar o trabalho das equipes envolvidas nas diversas tarefas, quer de acervo, quer de temáticas”.

- b) A organização dos documentos não deve ser uma tarefa mecânica. Isso tem a sua vinculação com o fato de que o levantamento documental não pressupõe uma simples “coleta de papéis” uma vez que “o vasculhamento do passado, a coleta de fontes e de informações devem ser orientados, já se disse, por um criterioso e crítico questionamento do presente, fornecedor dos problemas e dos critérios para o estudo do passado. O documento recolhido é já resultado de uma seleção”.

Tal posição coloca a necessidade de se estabelecerem critérios e criticidade no trato da documentação, inclusive, na definição dos processos de guarda/eliminação.

- c) A noção de documento como registro, acervo e realidade social que o texto apresenta é bem própria do viés tomado pelos historiadores, inclusive quando lidavam com a organização do acervo – e que logo mereceu a crítica dos arquivistas. Daí, documento

apareceu como “todo e qualquer registro do passado” e como “todo material que a própria pesquisa poderá gerar: mapas, desenhos, gráficos, fotos, filmes, gravações de depoimentos orais e todo e qualquer tipo de registro que se puder produzir”.

No que tange à realidade social, seja a “configuração material como mental, deve ser concebida como uma vasta documentação que ao Núcleo compete registrar para que os pesquisadores possam analisar e interpretar cientificamente.”

Assim, vê-se que o avanço conceitual sobre a História e suas fontes conduz a um olhar sobre documento na mesma perspectiva. Ainda demorou um pouco para que os conceitos e os princípios próprios da Arquivologia intervissem, dando espaço para novos temas e projetos, como os referentes à gestão documental.

Pode-se dizer que o conceito de documento expresso é pertinente para um texto que pretende colocar em discussão a formação de um acervo sobre a história regional. E, ainda, é um texto bem marcado pelo seu tempo, pois é informativo, estimulador da discussão e muito criativo no que se refere às suas propostas. A organização do Setor de Acervo estaria intimamente ligada ao de Pesquisa, que é “abrangente e globalizador das tarefas executadas pelo NDIHR”. Em alguns momentos, o texto parece utópico, em outro, profético, mas, sobretudo, com um forte sentido de realidade.

Isso se expressa no quadro 5 sobre Projetos e propostas de levantamento/referenciação de fontes históricas.

PROJETOS	DATA INICIAL	OBSERVAÇÃO
Memória fotográfica das comunidades pesqueiras do estuário do Rio Paraíba	1976	Concluído e publicado
Valorização histórico-cultural da cidade de Areia	1976	
Cadastro de entidades paraibanas	1976	Concluído e não publicado – dados e informações caducaram
Organização da Biblioteca “Irineu Pinto”, do IHGP	1976	Concluído
Levantamento das coleções de periódicos (Jornais) na Biblioteca “Irineu Pinto” do IHGP	1976	Concluído (Projeto experimental)
Levantamento dos acervos cartoriais do estado da Paraíba	1976/1977	Concluído - publicado
Catologação, microfilmagem e organização do arquivo pessoal do Presidente João Pessoa, do IHGP		Concluído
Organização de um catálogo dos documentos referentes à História da Paraíba existente no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa – Portugal	1976/1979	Concluído e publicado
Projeto de levantamento de fontes sobre a História da agricultura no Norte-Nordeste – PLEFAAN	1977/1978	Não Executado
Projeto piloto de documentação fotográfica sobre os monumentos históricos	1977	Executado em três municípios: Areia, Alagoa Grande e Pombal
Memória oral das elites paraibanas (convênio com a Fundação Getúlio Vargas/CPDOC)	1978	Concluído não publicado

PROJETOS	DATA INICIAL	OBSERVAÇÃO
Projeto de levantamento de documentação paraibana em arquivos portugueses	1979	Concluído e publicado
Memória da Universidade Federal da Paraíba	1980	Concluído e publicado
Cadastro de entidades paraibanas	1988	Concluído em 20 municípios; não publicado como o de 1976, os dados também caducaram.
Projeto de organização do Acervo das obras de referências do NDIHR	1988	Concluído e não publicado
Aquisição de Relatórios de Presidentes de Província da Região Nordeste e catalogação dos Relatórios Paraibanos	1988	Concluído e publicado
Levantamento dos resultados eleitorais da Paraíba (1945-1990)	1990	Concluído e publicado
Levantamento das fontes para a história da indústria e do trabalho na Paraíba e em Pernambuco (1889-1930)	1994	Não concluído
Catalogação das obras raras do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP	1997	Concluído e publicado

Quadro 5: Projetos e propostas de levantamento/recuperação de fontes históricas

Fonte: NDIHR: Projetos. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora

A capacitação de recursos humanos e a organização de arquivos são duas ações que se fundem, uma depende da outra; enquanto se capacitam os recursos humanos, organizam-se os arquivos e vice-versa. Na ação de organização de arquivos, o Núcleo executou os projetos listados no Quadro 6:

PROJETOS	DATA INICIAL	OBSERVAÇÃO
Projeto de Arquivo Público Histórico da Paraíba	1976	Concluído, feito um levantamento da documentação existente
Levantamento e catalogação da documentação do Arquivo Público do Estado da Paraíba	1977/1978	Concluído, feita uma listagem
ADUF/JP	1983 – 1984	Trabalho de Rosa Godoy como secretária da ADUF em 1983 – 1984 - inicia a organização do acervo da entidade
Acervo Pedro Santos: preservação e dinamização da cultura paraibana	1988	Concluído. Arquivo Privado - Negociação da doação do Acervo ao NDIHR
Organização e catalogação do arquivo pessoal do Professor Pedro Santos (maestro, cineasta e teatrólogo)	1989	Concluído com catálogo e não publicado
Organização do Arquivo da Central Única dos Trabalhadores - CUT/PB	1990	Concluído com inventário não publicado
Arquivo Histórico da Paraíba e sua reestruturação	1990	Não concluído por questões políticas do Governo do Estado
Projeto para consolidação do Acervo do NDIHR	1990	concluído
Organização, estruturação e implantação do Arquivo da Ação Pastoral Franciscana	1992	Concluído em 1997 - Arquivo privado, com vários instrumentos de pesquisa não publicados.
Organização do Arquivo da Comissão Pastoral da Terra – CPT	1993	Concluído com inventário, não publicado.
Proposta de implantação, regulamentação e organização do Sistema de Arquivos da Universidade Federal da Paraíba – SINAR/UFPB	1994	O NDIHR fez o Projeto, que foi encaminhado à Reitoria para ser implantado.
Projeto de organização do Arquivo do Instituto Histórico Geográfico Paraibano – IHGP	1994	Concluído com cinco instrumentos de pesquisa publicados - Arquivo Privado

PROJETOS	DATA INICIAL	OBSERVAÇÃO
Projeto de Organização do Arquivo Permanente da Assembleia Legislativa da Paraíba - Arquivo “Deputado José Braz do Rêgo”	1995	Não concluído pelo NDIHR por questões políticas da Mesa - Arquivo Público
Projeto de Organização do Arquivo Permanente do Tribunal Regional Eleitoral/ Pb	1995	Concluído com publicações
O Centro de Ciências Humanas Letras e Artes: das origens à Democratização (1960/1984)	1996	Projeto finalizado. Arquivo em organização
Projeto: NDIHR 20 anos de resgate e construção de uma história	1996	Concluído o projeto em 1997. Arquivo em organização
Proposta para Organização do Arquivo do Departamento de Ordem Política e Social – DOPS	1996	Primeiro projeto do NDIHR - Arquivo em organização sem a participação do NDIHR
Organização do Arquivo do Grupo Fechado Centro de Documentação e Publicações Populares – CEDOP	1996	Concluído em 1996. Pertence, atualmente, ao Arquivo Eclesiástico da Paraíba. Executado por alunos do Curso de Especialização em Organização de Arquivos (1º CEOARQ)
Organização do Centro de Referências Histórico-culturais da cidade de João Pessoa - FUNJOPE/Prefeitura Municipal de João Pessoa	1998	Concluído, mas não implantado por questões administrativas da Prefeitura Municipal de João Pessoa.
Projeto de Organização do Arquivo de Pessoal da Superintendência de Recursos Humanos – SRH	1998	Não executado pelo NDIHR por questões da Direção da Universidade Federal da Paraíba.
Organização do Arquivo da Arquidiocese da Paraíba – AEPB	1989	Concluído em 1992, com sete instrumentos de pesquisa - Arquivo Privado
Memória da produção científica do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (1974-1998)	1998	Concluído o projeto em 2000 - Arquivo em organização
Centro de História, Pesquisa e Documentação do Movimento Estudantil - CHPD/ME	1987	Organizado por Gloriete Pimentel e feito um levantamento de sua documentação, faltando só o fichamento na base do NOBRADE.
Consolidação do Acervo do NDIHR	1988	Sempre em construção

Quadro 6: Acervos organização pelo NDIHR**Fonte:** NDIHR: Projetos. Pesquisa e elaboração de quadro pela autora

Realização de seminários como momento de capacitação

Os seminários, estratégia adotada com muita eficácia, abordavam temas gerais, como História, Memória e Patrimônio Documental. Tinham periodicidade mensal, e a clientela era formada por professores, bolsistas, auxiliares de pesquisa (voluntários) e todos os servidores que atuavam no Programa de Documentação.

A metodologia adotada envolvia a discussão de textos previamente selecionados, comunicação de trabalhos desenvolvidos ou em desenvolvimento e relato de dificuldades enfrentadas e/ou soluções encontradas.

Capacitação de alunos

Os alunos selecionados para o desenvolvimento da pesquisa histórica eram capacitados através da participação efetiva no processo de organização dos Arquivos do NDIHR e outros órgãos da instituição; treinamento prático dos métodos e das técnicas de pesquisa histórica; leitura e discussão dos textos nos seminários mensais; apresentação de comunicações nos encontros científicos e produção de conhecimento sobre as atividades desenvolvidas.

A democratização da informação, que possibilita o acesso pleno aos usuários internos e externos, é propiciada através dos seguintes meios: divulgação de comunicação acessível no âmbito da UFPB; disponibilização, via internet, da produção científica, conforme disposição no Quadro de Arranjo do Arquivo, com o objetivo de esclarecer sobre a estrutura organizacional e o funcionamento do NDIHR; realização de cursos, com a finalidade de qualificar servidores públicos para organizarem arquivos, em convênio com Prefeituras Municipais; participação em encontros científicos, com vistas a expor as experiências e atualizar os conhecimentos, com vistas ao desempenho profissional qualitativo, dando prioridade a encontros estaduais e regionais, seminários e simpósios da ANPUH.

4.2.2.3 Programa de ensino e extensão

Esse Programa compreende os trabalhos e as ações de Estágios, Extensão e apoio ao pesquisador. O estágio desenvolvido como bolsista graduando, na categoria de Iniciação Científica, contribui para legitimar a pesquisa como uma das atividades da Universidade e se constitui um exercício de pesquisa para formar professores/pesquisadores, que era destinada só para o professor e seu ensino.

A área de Extensão inclui os encontros científicos, os cursos e os seminários e se destina a qualificar os pesquisadores do NDIHR e, simultaneamente, divulgar as diversas atividades do órgão, através da participação em eventos científicos, cujo teor se relacione diretamente com os trabalhos desenvolvidos no âmbito da pesquisa ou da documentação. Esses encontros podiam ser também de debates de novos temas, com ampla participação dos pesquisadores e alunos do NDIHR em atividades promovidas por outras entidades, para ensejar uma promoção do órgão, no âmbito externo à Universidade, para compreender bem o relacionamento entre os programas. Na apresentação da Revista Debates nº 1, a coordenadora do NDIHR e a diretora

da ANPUH - Laura Helena Baracuhy Amorim e Irene Rodrigues Fernandes -, respectivamente, falam da representação de todos os programas juntos: a Pesquisa e a Documentação, o Ensino e a Extensão e a Publicação e a Divulgação.

Por meio dessa Revista, o Núcleo de Documentação Histórica Regional convoca seus pesquisadores permanentes e visitantes, sejam docentes ou estudantes, a materializarem as suas reflexões e conclusões através de uma produção científica, questionadora e engajada no universo temático dos Programas do Núcleo.

Voltado para o atendimento de carências do ensino, pesquisa e extensão universitária, assentado em um processo de pesquisa e produção acadêmicas interdisciplinares, o NDIHR procura transpor os muros da universidade e chegar até a comunidade, divulgando e colocando para avaliação crítica os resultados obtidos nas investigações realizadas.

A participação dos professores/pesquisadores da Paraíba no XVII Simpósio Nacional da Associação Nacional dos Professores de História, ocorrido em julho último, em São Paulo, estimulou a produção dos textos que formam o corpo desse número 1 dos Debates Regionais. (AMORIM; FERNANDES, 1993, s/p.)

Os cursos de curta duração tinham o objetivo de debater temas sobre a problemática espacial (a questão regional), políticas de documentação, mercado de trabalho, ocupação do espaço agrário; formas de posse; propriedade e uso da terra; conflitos por causa de terras; formação de sítios históricos; tipologia das cidades; estuário do Rio Paraíba; formação cultural das cidades; historiografia e literatura; atividades econômicas; movimentos culturais; educação; mulher e política; políticas públicas de saúde; classes médias e representações; história oral das elites políticas; produção artesanal têxtil; ações da Igreja; memória; memória de artesão e muitos outros.

Quanto ao apoio ao pesquisador, essas ações refletem no atendimento aos usuários internos e externos, como consulta ao acervo, orientação de fontes, microfilmagens ou reproduções xerográficas dos documentos que podem ser xerografados, facilitação de acesso a outras Instituições de pesquisas, orientações teórico-metodológicas, assessorias e ações que se desenvolvem no cotidiano do atendimento ao usuário, com informações importantes para o desenvolvimento do seu trabalho.

Este trabalho contribui para o amadurecimento da experiência de profissionais e estudantes em atividades de pesquisa e para a organização da documentação. A partir desse Programa, houve um processo de crescimento na formação do pessoal envolvido com o NDHIR, através dos próprios quadros de pessoal, dos bolsistas de iniciação científica, de aperfeiçoamento³,

³ Aperfeiçoamento era uma bolsa do CNPQ para graduados recém-formados que ainda não tinham emprego, para continuarem pesquisando. No NDIHR, os últimos bolsistas de aperfeiçoamento foram Laudereida Eliana Marques e Tânia Maria da Silva, no Projeto de Organização do Arquivo da Arquidiocese da Paraíba. Posteriormente, essa modalidade de bolsa teve seus quantitativos reduzidos pelo CNPq.

voluntários e profissionais que, cotidianamente, exercitavam seus conhecimentos para formar seus bolsistas.

4.2.2.4 Programa de publicação e divulgação

Para divulgar ou socializar a informação, o NDIHR criou o *Programa de Publicação e Divulgação*, cujo objetivo fundamental é o de divulgar os resultados de suas pesquisas (objeto deste estudo). Para tal função, foram criados dois subprogramas: o Programa Editorial e o Programa de Intercâmbio.

Os objetivos básicos desse Programa eram: concretizar a pesquisa realizada, disseminar informações e socializar um conhecimento histórico e cultural. No Programa, começava-se a sistematizar o material produzido para sua publicação.

O Programa de Publicação e Divulgação, depois de ser estruturado, publicou o primeiro volume dos Cadernos de Estudos Regionais com vários temas. É reestruturado como órgão de divulgação dos trabalhos realizados pelo NDIHR. Em 1979, foi publicado o segundo número dos Cadernos de Estudos Regionais, que continham a documentação levantada em cartórios de várias cidades paraibanas; depois, foi lançado o 3º volume, com o tema “O Estuário do Rio Paraíba”, que apresentou uma análise socioeconômica; o 4º volume aborda a “Pesca da baleia” e “O Porto de Cabedelo”, e o quinto trouxe o tema “As lutas sociais na Paraíba” - das lutas camponesas ao conflito de Alagamar. Essas foram as primeiras publicações do NDIHR. Depois, vieram as várias séries de que se trata no capítulo seguinte.

O intercâmbio manteve-se com regularidade de fluxo e de contatos, enquanto as publicações do NDIHR tiveram regularidade. Fazendo uma avaliação do Programa, quanto às condições de trabalho disponíveis, registra-se que faltava uma política editorial conjunta, definida no âmbito específico do NDIHR/UFPB, para manter a produção literária científica sem a ameaça de as pesquisas realizadas não terem seus dados ou suas informações caducados, tendo em vista que hoje, na área acadêmica, quem não publica corre o risco de ter seus temas publicados por outrem.

Outra dificuldade foi a de promover mecanismos institucionais capazes de viabilizar uma ação conjunta entre os professores de vários Departamentos que compunham o quadro de pesquisadores do NDIHR e que levassem as pesquisas desenvolvidas para serem divulgadas, socializadas em atividades didáticas e integrá-las como forma de ensino, utilizando-se para isso a produção do Núcleo.

Além disso, foi/era difícil conseguir financiamento para as publicações, e o NDIHR tenta contornar essa dificuldade com a execução de uma publicação simples, por que não dizer, caseira, com os *TEXTOS UFPB/NDIHR*. Contudo, mesmo para a publicação desse texto, precisava-se de tecnologia (equipamento de reprodução) e de uma mão de obra que não se encontrava no NDIHR. Segundo Ednaldo Alves, jornalista funcionário do NDIHR, em conversa informal, muitas vezes, o Núcleo teve que recorrer a equipamentos do CCHLA para imprimir os textos.

5 MEMÓRIA DISSEMINADA: PUBLICIZAÇÃO, DISSEMINAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO INFORMACIONAL

*O vento varria as flores, o vento varria os frutos, o vento varria as flores...
E a minha vida ficava cada vez mais cheia de frutos, de flores, de folhas.
O vento varria as luzes, o vento varria as músicas, o vento varria os aromas.
E a minha vida ficava cada vez mais cheia de aromas, de estrelas, de cânticos.
O vento varria os sonhos e varria as amizades... o vento varria as mulheres...
E a minha vida ficava cada vez mais cheia de afetos e de mulheres.
O vento varria os meses e varria os teus sorrisos... o vento varria tudo.
E a minha vida ficava cada vez mais cheia de tudo.*

MANUEL BANDEIRA

Em “Canção do vento e da minha vida”, Manuel Bandeira revela a presença do movimento, que está presente na história do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR. Este capítulo descreve esse movimento, ou melhor, sua experiência na pesquisa, na produção, na disseminação e na socialização de “Informações históricas e historiográficas” e analisa sua produção literária científica, dos anos de 1976 a 1999.

5.1 A PRODUÇÃO DO NDIHR

As produções do NDIHR se caracterizam pela constituição de três tipos de publicação: periódicos (textos produzidos em série); instrumentos de pesquisa (guias, catálogos e inventários produzidos a partir de projetos de organização de arquivos) e livros. Fazem parte das publicações as seguintes Séries:

1. *Cadernos de estudos regionais*;
2. *Textos UFPB/ NDIHR*;
3. *Debates regionais*;
4. *NDIHR documentos*;
5. Instrumentos de pesquisa;

6. Materiais didáticos;

7. Livros.

As séries *Textos/NDIHR/UFPB*, *Cadernos de estudos regionais* e *Debates regionais* contêm artigos e textos de pesquisadores, professores e alunos das linhas temáticas do NDIHR e textos de dissertações e teses ou pesquisas não vinculadas às linhas temáticas do NDIHR, mas que contemplavam os eixos temáticos desenvolvidos por ele.

As Séries *NDIHR DOCUMENTOS* e *INSTRUMENTOS DE PESQUISA* identificam, localizam e resumem as séries ou os itens documentais de um Acervo. A série *NDIHR DOCUMENTOS* abarca instrumentos do acervo do Núcleo, e a série *Instrumentos de pesquisa* reúne guias, inventários e catálogos dos Arquivos organizados pelo NDIHR, nas contagens e nos quadros. Elas aparecem juntas por terem as mesmas características.

A série *Materiais didáticos* e os livros editados pelo NDIHR podem ser considerados pertencentes à mesma série, devido ao seu formato e aos seus objetivos.

Para melhor visualizar e analisar o conjunto dessas publicações, veja-se o quadro 7, com o inventário das produções por ano, títulos e números.

ANO	TÍTULOS	NÚMEROS DE TÍTULOS
1976	Caderno de Estudos Regionais – Ano I nº 1	1
1977	-	-
1978	Catálogo de documentos paraibanos do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa 1593 – 1865 - com 3.720 verbetes	1
1979	Caderno de Estudos Regionais – Ano II nº especial	1
1980	Caderno de Estudos Regionais – Ano III nº 2 Caderno de Estudos Regionais – Ano III nº 3	2
1981	Caderno de Estudos Regionais – Ano IV nº 4	1
1982	-	-
1983	Textos UFPB/NDIHR N°s 1, 2 e 3 Catálogo coletivo de periódicos do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional	4
1984	Textos UFPB/NDIHR N°s 4 e 5	2
1985	Textos UFPB/NDIHR N°s 6, 7, 8 e 9 História de Patos	5
1986	Textos UFPB/NDIHR N°s 10, 11, 12, 13, 14 e 15 Livro Clientelismo e máquina estatal nas eleições de 1982	7
1987	Textos UFPB/NDIHR N°s 16, 17, 18 e 19	4
1988	Textos UFPB/NDIHR N°s 20, 21 e 22 Relatório de Presidentes de Província da Paraíba 1837 – 1888 Catálogo e índice de assuntos. Documentos NDIHR.	4
1989	Textos UFPB/NDIHR N°s 23	1
1990	Textos UFPB/NDIHR N°s 24 e 27	2
1991	Textos UFPB/NDIHR N°s 25, 26, 28 e 29	4

ANO	TÍTULOS	NÚMEROS DE TÍTULOS
1992	Guia do Arquivo Eclesiástico da Paraíba Inventário do Arquivo Eclesiástico da Paraíba Catálogo do Jornal “A Imprensa” 1897 – 1968 Catálogo dos projetos arquitetônicos Catálogo dos processos de ordenação Catálogo de Periódicos Catálogo da coleção de fotografias	7
1993	Uma história de Pedras de Fogo Uma história de Ingá Debates regionais – HISTÓRIA: Pesquisa e Ensino	3
1994	Textos UFPB/NDIHR N° 30 Guia do Acervo Documental do Instituto Histórico Geográfico Paraibano – IHGP Inventário das séries do “Arquivo Flávio Maroja” do IHGP Catálogo da seção de obras raras do IHGP I - jornais antigos Catálogo da seção de obras raras do IHGP II - Revistas e boletins antigos Catálogo da seção de obras raras do IHGP III - Livros antigos	6
1995	Debates regionais – Identidade (s) regional (is) n° 2	1
1996	Uma história do Conde Uma história de Cabedelo Debates regionais – Fazer história: (des) construção e (in)certeza, n°3 ... E no entanto se move Catálogo hemerográfico NDIHR/UFPB Documentos NDIHR, n.3	5
1997	Arquivos privados: instrumentos de pesquisa	1
1998	Uma história de Areia	1
1999	Coleção História Temática da Paraíba (4 volumes)	4
2000-2011	-	-
TOTAL		67

Quadro 7: NDIHR/UFPB: publicações (1976-1999) Existentes no NDIHR

Fonte: Publicações do NDIHR. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora.

Observa-se que a produção literária científica do NDIHR revela três fases da instituição: a primeira, a implantação e a estruturação, como já citada, que vai de 1976 a 1980; a segunda fase – a de consolidação - começa em 1981, vai até 1996 continua caminhando devagar e com certa dificuldade, explicitada em Relatório de maio de 1980 a julho de 1981, com as mesmas dificuldades enfrentadas na fase anterior. Na verdade, lendo os Relatórios de Atividades, pode-se perceber que as dificuldades de espaço e de infraestrutura nunca foram resolvidas, apenas um pouco amenizadas quando o NDIHR se mudou para a Central de Aulas, Bloco F, onde está até hoje. Em compensação, as atividades de pesquisa avançaram. Alguns anos depois, o NDIHR passou a ser um espaço de aprendizagem para a vida acadêmica. As pesquisas eram desenvolvidas em todas as suas linhas⁴.

O NDIHR congregava um espaço de pesquisa interdisciplinar, e pesquisadores de vários Departamentos (História, Ciências Sociais, Ciências Jurídicas, Arquitetura, Geografia, Biblioteconomia, Comunicação, Economia, Letras, Metodologia da Educação) utilizavam o

⁴ As linhas de pesquisa propostas no documento elaborado por Oswaldo Sevá foram reagrupadas, outras fecharam pela ausência de pesquisadores interessados nelas, mas outras surgiram em seu lugar. (Ver quadros 2 e 3).

espaço para se encontrar com seus alunos bolsistas, que iam relatar e entregar material ou documentação de suas pesquisas.

Os grupos de pesquisa realizavam três tipos de seminários internos⁵ para os integrantes dos projetos: o primeiro agregava apenas os membros de um projeto; o segundo contemplava todos os membros da linha de pesquisa, como, por exemplo, a Questão Agrária, liderada pelas professoras Irene Rodrigues da Silva Fernandes, Laura Helena Baracuhy Amorim e Rosa Maria Godoy Silveira; e o terceiro agregava todos os que faziam parte das linhas de pesquisa do Núcleo, que acontecia anualmente, dava conta de todas as pesquisas e de seu andamento, e todos os pesquisadores, alunos e bolsistas ficavam sabendo, ao mesmo tempo, o que os colegas estavam trabalhando. Assim, podiam trocar ideias sobre as pesquisas existentes naquele ano no Núcleo.

Nessa fase, o Núcleo iniciou seu trabalho arquivístico, organizou os primeiros arquivos institucionais, como o da Arquidiocese da Paraíba (1989-1992), ministrou os primeiros Cursos de Extensão, em vários municípios do estado, e criou e executou o primeiro Curso de Especialização em Organização de Arquivos.

A terceira fase do Núcleo iniciou em 1997, até o presente momento de escrita deste trabalho. Essa foi uma fase de crise, em que nenhuma das linhas temáticas desenvolveu qualquer projeto de pesquisa. Pode-se dizer, então, que não existe mais pesquisa no NDIHR, levando em consideração as suas linhas temáticas. Os professores/pesquisadores, que antes desenvolviam suas pesquisas e as publicavam pelo NDIHR, afastaram-se, embora alguns ainda utilizem o nome do Núcleo em seus projetos⁶.

Nessa fase, houve uma intensificação dos Cursos de Extensão em vários municípios do estado e foram executados o segundo e o terceiro Curso de Especialização em Organização de Arquivos, que garantem a publicação dos Instrumentos de Pesquisa. Os estudos sobre a Arquivologia nasceram no Núcleo assim como os arquivos organizados e a elaboração de instrumentos de pesquisa.

A documentação histórica que existe atualmente no Arquivo do NDIHR não é preservada nem conservada. Esse patrimônio documental, acumulado durante tanto tempo, salvo das intempéries do tempo, está na eminência de se perder. Documentos que registraram as atividades administrativas do NDIHR estão se acidificando⁷ e apagando. Isso leva a crer que, em breve, esses documentos (fontes primárias) deixarão de existir.

5 A segunda e a terceira modalidades de seminário não persistiram na terceira fase do NDIHR.

6 Ver a listagem dos projetos divulgados em plaqueta sobre o Mestrado de História, em que se encontram os projetos formalmente vinculados ao NDIHR. Tais projetos, seus documentos e o resultado deles nunca chegaram ao Núcleo.

7 Acidez – Condição do suporte em que a concentração de íons de hidrogênio excede a de íons de hidroxil numa solução aquosa. (DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVISTA, 1996, p.1) – quando atinge o suporte, papel fica com cor de ferrugem e quebração.

Levando em consideração a função dos Centros de Documentação feita por Camargo (1999), o NDIHR está perdendo suas características:

[...] originalmente [os Núcleos eram instituições] apenas de organização e de geração de novas informações, mas que passou a ser também uma atividade de preservação e de organização de fontes originais e de pesquisa [...] Enfim, é uma particularidade dos Centros de Documentação das Universidades brasileiras tornar a fonte próxima ao pesquisador, mas também trazer as fontes documentais que estão sendo perdidas, produzidas, muitas vezes, pelo próprio poder público, a quem caberia, por dever, preservá-las, organizá-las e torná-las disponíveis à consulta pública. (CAMARGO, 1999, p. 59 – 60)

O movimento de pesquisa de suas linhas temáticas, que antes existia e que caracterizava o seu cotidiano, acabou, agora só ocorre o atendimento ao usuário. O Núcleo passa por momentos de dificuldades, e sua situação presente se configura como descaso com a memória histórica e com o patrimônio documental local, regional e nacional.

Tenta-se, de todas as formas, evitar que a memória desse órgão, que transformou as regras do fazer acadêmico através de ações que visavam mudar as ideias preconcebidas e estabelecidas do conhecimento histórico de uma época seja silenciada. Esta dissertação é uma tentativa de preservar essa memória. O Núcleo paraibano veio para mudar o “fazer história”. Segundo Silveira (1980),

ao historiador, e a todos os cientistas sociais e “exatos”, mas mais até, insiste-se, ao historiador – obrigação – cabe vigiar e participar. Não perder o bonde da História. Não vê-lo simplesmente passar na rua do tempo. Entrar no bonde, olhar para dentro e fora da janela, descer do bonde. Olhar de onde veio, para onde vai, por onde passa. Mais do que tudo, saber dos companheiros de viagem e o porquê e como ali estão. (SILVEIRA, 1980, p.13)

A despeito de ter, em seus quadros funcionais, duas arquivistas, sua documentação carece de higienização e organização e pouco ou quase nada pode ser feito sem as condições materiais essenciais. São necessárias ações de uma política de preservação e conservação tanto de seu arquivo, quanto do próprio prédio onde funciona o Núcleo: melhoria na limpeza realizada, no momento, por profissionais que não têm qualificação para limpar arquivos ou bibliotecas, ou por ‘amigos’ do Núcleo, que se dispõem a ajudar a organização com seu tempo ou com o próprio material de limpeza doado por eles.

Mesmo com profissionais qualificados para atender aos usuários, não há condições físicas para fazê-lo, devido à falta de estrutura física e de equipamentos. Os que pertencem ao Arquivo do NDIHR - gravadores e algumas máquinas leitoras de microfilmes - são do tempo em que

ele foi implantado, e os mais novos, que foram danificados, nunca passaram por conserto; os computadores são ultrapassados. A tecnologia avança rapidamente, mas o NDIHR continua com os mesmos problemas tecnológicos.

Como pode ser implantada uma política de preservação e de conservação se as condições básicas não lhes são oferecidas? O material utilizado para organizar os documentos é alternativo, nem sempre apropriado para ser usado em documento em papel, e quando se trata de outros suportes, a questão fica ainda mais séria, porquanto faltam conhecimento e capacitação sobre práticas de políticas de preservação e de conservação ⁸ dos diversos suportes guardados no Núcleo, a ausência de climatização prejudica todos os suportes, e os funcionários ficam sem condições de trabalhar.

A Coordenação não é ouvida pela Reitoria, que afirma não atender ao Núcleo “porque ele não mostra a cara”. Tudo isso gera um círculo vicioso. Como o NDIHR pode “mostrar a cara”, se não tem mais os quadros intelectuais ou condições materiais para tal?

O processo de eleição para Coordenador não foi possível. Nenhum Departamento que, historicamente, fez parte do NDIHR respondeu à solicitação de indicação de candidatos à Coordenação e à Vice-coordenação do Núcleo e sequer se deram ao trabalho de responder ao documento enviado neste ano de 2012. Nenhum professor se apresentou para concorrer ao cargo de coordenador do NDIHR. O Conselho Técnico Científico não se reúne mais, pois a última ata registrada em livro é de 20 de julho de 1998.

Para não se perder esse patrimônio, que não é só da UFPB, mas também de toda a sociedade paraibana, será necessário um esforço conjunto do Reitorado, da Coordenação, de pesquisadores, ex-pesquisadores e funcionários do NDIHR.

Em se tratando do quadro funcional, o do NDIHR demonstra o nível elevado em suas formações acadêmicas. Vejamos:

Nº	NOME	FORMAÇÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	FUNÇÃO
01	Ana Andréa Vieira Castro de Amorim	História	Especialista em organização de arquivo e Mestre em Ciência da Informação	Arquivista – Gestora de pessoas
02	Armando Albuquerque de Oliveira	Filosofia	Especialista e Mestre em Filosofia (UFPB); Doutor em Ciências Políticas (UFPE)	Pesquisador
03	Ednaldo Alves da Costa	Jornalismo	Atualmente cursando Direito	Jornalista
04	Eveline F. Gonçalves	Biblioteconomia		Bibliotecária afastada
05	Ilza da Silva Frago	Biblioteconomia	Mestra em Ciência da Informação	Bibliotecária

⁸ As duas arquivistas do NDIHR têm formação em História, Especialização em Organização de Arquivo; uma é mestra em Ciência da Informação, e a outra, está concluindo o Mestrado com esta dissertação. Ambas contribuem com a UFPB, pois os seus objetos de estudos foram a Tabela de Temporalidade Documental – TTD - da UFPB e a outra, do NDIHR.

Nº	NOME	FORMAÇÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	FUNÇÃO
06	Janicleide Martins de Moraes Alves	História	Especialista em	Datilógrafa
07	Laudereida Eliana Marques Moraes	História	Especialista em Nordeste Contemporâneo e em Organização de Arquivo e Mestra em Ciência da Informação	Arquivista
08	Maria Beatriz Ferreira Lavieri	Arquitetura	Especialista em Planejamento Habitacional e Conforto Ambiental e Mestra em Ciências Sociais	Pesquisadora
09	Marinalva Clementino da Silva	2º grau completo		Serviços Gerais
10	Naugia Maria Araújo da Silva			Secretária
11	Waldeck Pinheiro Coelho	Sociologia	Especialista em Gestão de pessoas	Pesquisador

Quadro 8: Formação acadêmica e função dos funcionários do NDIHR**Fonte:** Documentação do Setor de Pessoal do NDIHR. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora.

Essa crise começou na década de noventa, quando a política do governo de Fernando Collor incentivou a saída, em massa, de profissionais das universidades brasileiras, através de aposentadorias. Isso atingiu o Departamento de História da UFPB com plena força. Muitos pesquisadores que ainda tinham disposição e conhecimento para oferecer à sociedade se retiraram oficialmente da Universidade. Alguns tentaram continuar a oferecer seus préstimos como voluntários, mas a instituição recusou os seus serviços.

Será preciso um esforço conjunto para colocar o Núcleo de Documentação e Informação História Regional – NDIHR - da Universidade Federal da Paraíba para funcionar e não se perder tanto trabalho.

Camargo (1999) escreveu um artigo com o título *Os Centros de Documentação das Universidades: tendências e perspectivas*, em que trata do papel primordial dos Centros de Documentação e Memória, suas funções e da importância de direcionar sua utilização para a pesquisa de fontes primárias por alunos de iniciação científica ou de pós-graduação, assim como a continuação do uso de suas funções originais.

Os Centros de Documentação são hoje um espaço/lugar ou mesmo uma instituição de memória, em cujos espaços físicos guardam os documentos gerados através do tempo, em seus diversos suportes.

De qualquer forma, é preciso dizer que a ênfase para preservação dos documentos que estão em torno da Universidade, a preocupação com a documentação local é uma prática de grande importância. Não apenas do ponto de vista da preservação dos registros da história local, mais como forma de viabilizar as pesquisas de pós-graduação e, especialmente, as de iniciação científica, uma vez que os alunos, nesse processo de aprendizagem no manejo das fontes primárias, ao mesmo tempo em que realizam o seu curso, podem fazê-lo de forma mais fácil e completa. Afinal, as ciências humanas necessitam de laboratórios de pesquisa tanto quanto as outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, os centros de documentação e memória trazem grandes

possibilidades de avanço, em particular no exercício da pesquisa, acessível a um número maior de alunos. É preciso reconhecer que ainda somos muito carentes de espaço e de oportunidades para sua realização, ao menos no âmbito do ensino da graduação. (CAMARGO, 1999, p. 60)

Camargo (1999) afirma que se deve direcionar o uso dos Centros/Núcleos de Documentação para as pesquisas de alunos de graduação e de pós-graduação e servir de Laboratório para alguns cursos de graduação como História, Biblioteconomia e Arquivologia. Talvez esse seja o caminho a ser percorrido.

As fases do NDIHR podem ser vista através de suas publicações. Para contextualizar melhor a produção do NDIHR em relação a sua história e institucionalização, elaborou-se o quadro 8, que revela as fases de desenvolvimento do Núcleo, correlacionando cada uma delas ao número de produções.

FASES	PERÍODO	ANOS	N. DE PUBLICAÇÕES
Implantação	1976-1980	5	5
Consolidação	1981-1996	16	56
Crise	1997-2011	15	6

Quadro 9: Fases de desenvolvimento da história do NDIHR

Fonte: Arquivo Administrativo do NDIHR. Pesquisa e elaboração do quadro realizadas pela autora.

Nos quadros 7 e 8, pode-se observar que, na primeira fase de desenvolvimento do Núcleo, a produção se concentrou na produção de apenas uma série, os *Cadernos de Estudos Regionais*, e no resgate de fontes documentais coloniais, que se ligariam à produção dessa mesma série, com o Catálogo do Arquivo Histórico Ultramarino.

É imprescindível deixar registrado que o NDIHR foi pioneiro nas ações de recuperação da documentação colonial guarda no Arquivo Ultramarino em Lisboa. A produção, em 1978, do Catálogo de Documentos Paraibanos do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa (1593-1865), foi resultado de projeto com as fontes históricas sobre história colonial, que antecedeu o Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco (Projeto Resgate), que teve como objetivo salvaguardar e divulgar o patrimônio documental colonial do Brasil e de Portugal, iniciado em 1995⁹.

Na segunda fase, destacam-se produções consideradas resultados de pesquisas, como os *Textos UFPB/NDIHR*, e o início da produção de materiais didáticos sobre a história dos

⁹ Informação disponível em: <<http://www.cmd.unb.br/resgate.php>>. Acesso em: 17 Abr. 2012.

municípios paraibanos (história local). Pelo número de publicações, pode-se inferir que houve o fortalecimento das pesquisas ligadas ao Núcleo, e os textos se tornaram o principal veículo de divulgação dessas pesquisas. Nota-se que o período entre os anos de 1981 e 1996 corresponde à fase de consolidação do Núcleo e teve o número mais significativo de publicações, com 56 títulos, de um universo de 67, conforme mostram os quadros 7 e 8.

Observando os títulos das publicações desse período e a documentação pesquisada, o motivo da elevação dos números de publicações se deve ao desenvolvimento do Programa de Documentação e Memória do Núcleo, responsável por projetos de organização de arquivos privados no estado da Paraíba, que deram origem aos instrumentos de pesquisa de cada acervo organizado. Reafirma-se que, na terceira fase, o Núcleo vivencia uma era de crise: nenhuma das linhas temáticas se desenvolveu após o ano limite de 2000, assim como nenhuma produção surgiu depois de 1999.

Descrevem-se, a seguir, as produções literárias científicas do NDIHR.

5.1.1 Periódicos

As séries *Cadernos de Estudos Regionais*, *Textos UFPB/ NDIHR* e *Debates Regionais* caracterizam-se como periódicos, isto é, publicações que têm uma regularidade definida. Os *Cadernos de Estudos Regionais* eram publicados semestralmente. *Debates Regionais* teve a periodicidade anual. Os *Textos UFPB/NDIHR*, a *Série NDIHR/DOCUMENTOS* e *História Local*, embora não tivessem a sua periodicidade definida, são periódicos por sua sequência numérica, ou seja, eles saíram em tempo regular.

TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	INÍCIO DA PUBLICAÇÃO	REGULARIDADE DA PUBLICAÇÃO	
		PERÍODO SEM PUBLICAÇÃO	ANO DE PARALISAÇÃO
Cadernos de Estudos Regionais	1976	1977/1978	1981
Textos NDIHR	1983	-	1994
Materiais Didáticos/Extensão História Local	1985	-	1998
NDIHR Documentos	1978	1986 - 1994	1996
Debates Regionais	1993	1994	1996

Quadro 10: Produção do NDIHR, segundo data de início e regularidade das publicações

Fonte: Publicações do NDIHR. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora.

As dificuldades financeiras e a falta de uma política conjunta para as publicações do NDIHR/UFPB fizeram com que a regularidade não fosse cumprida, conforme quadro 9.

Nos tópicos a seguir, apresentam-se a descrição de cada publicação do Núcleo e suas respectivas temáticas.

5.1.1.1 *Cadernos de Estudos Regionais*



Ilustração 3: Capa dos Cadernos de Estudos Regionais

Fonte: *Cadernos de Estudos Regionais* do NDIHR. Fotos de Kelly Cristiane Queiroz Barros

Os *Cadernos de Estudos Regionais* são as primeiras publicações do NDIHR. Esse periódico teve o seu primeiro número publicado em 1976, com o objetivo de publicizar as pesquisas empreendidas pelo órgão.

O primeiro número dos Cadernos contém uma nota explicativa (introdução) da então coordenadora do Núcleo, professora Rosa Maria Godoy Silveira, no qual afirma que o NDIHR pretende

[...] intensificar seus esforços em uma área do conhecimento humano costumeiramente relegada no sistema educacional brasileiro – o de Ciências Humanas, aqui orientada por uma preocupação diagnosticar a realidade regional nordestina, área também relegada na própria historiografia nacional. (SILVEIRA, 1976, p. 7)

Entre os anos de 1976 e 1981, publicaram-se cinco *Cadernos*. De acordo com a nota que acompanha o segundo número desses *Cadernos*, após a publicação do primeiro número, houve uma interrupção justificada pela necessidade de se reestruturar o Programa de Informação e Divulgação¹⁰. Três anos depois, os *Cadernos* são relançados com grandes modificações em sua forma de apresentação: houve melhorias na encadernação, em seu *design* gráfico, na quantidade de folhas nos artigos e na temática. Sobre isso, o editor revela: “[...] com o presente número, todavia, já de acordo com as normas gerais fixadas, dar-se-á continuidade aos Cadernos de Estudos Regionais, que compreendem três séries distintas: DOCUMENTAÇÃO, MONOGRAFIA E ESPECIAL” (Caderno de Estudo Regional, ano II, n. especial, 1979; Nota no verso da folha de rosto) Em outras palavras, cada número receberia a identificação de uma das séries descritas pelo editor. A partir dessas três séries, publicaram-se os seguintes números:

NÚMEROS	PUBLICAÇÕES	ANOS
Especial	Documentação	1979
Ano 3 nº 2	Monografia (Economia Pesqueira)	1980
Ano 3 nº 3	Monografia (Economia Pesqueira)	1980
Ano 4 nº 4	Especial (Seminário sobre A Questão Agrária no Nordeste)	1981

Quadro 11: Identificação das publicações dos Cadernos de Estudos Regionais.

Fonte: *Cadernos de Estudos Regionais* do NDIHR. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora.

As 80 páginas que constituíram a primeira publicação foram ampliadas nas edições seguintes, e número varia entre 188 e 329 páginas. A partir do segundo número, a encadernação em forma de brochura com grampos foi substituída pela encadernação com costura; cada número apresenta uma capa de cor diferenciada e com ilustração que resgata uma imagem do período colonial da história paraibana. Segundo as informações localizadas no verso da capa, utilizou-se a gravura intitulada “Antonio Peres Calhão, através de grandes perigos, vai socorrer o Forte de Cabedello, chave da Província de Parahyba, no anno de 1634” para ilustrar a capa dos Cadernos de números 2 ao 5, em substituição à figura geométrica que compôs o primeiro número.

Os *Cadernos de Estudos Regionais*, a partir do número 2, apresentam uma epígrafe, que ilustra o pensamento da História-processo, da História-vida. No segundo volume, tem-se a seguinte epígrafe de Godinho (1979)¹¹: “Existe, portanto, uma história viva, que não é o estudo do passado para reviver o passado, mas o estudo do presente iluminado pelo passado”.

¹⁰ Os Programas permanentes do NDIHR foram pensados no período da implantação, mas só foram colocados no Regimento em 1997.

¹¹ Vitorino Magalhães Godinho foi professor universitário, historiador e cientista social português.

O trabalho de pesquisa proposto pelo NDIHR tem relação com o que expressa essa epígrafe. Segundo o Projeto de implantação do NDIHR, sua proposta inicial consiste em

[...] compreender o estágio atual do processo histórico da região nordeste de modo a induzir uma política, social, cultural e educacional para a região, considerando-se dois problemas: a falta de uma historiografia sistemática e científica na região e, pré-requisito do problema anterior, a precariedade das fontes capazes de gerar essa historiografia (dispersão, desconhecimento, destruição, apropriação privada, etc.). (IMPLANTAÇÃO [1975] p. 33-35)

Com a reformulação, o primeiro número da *Série Documentação*, organizado pelo Programa de Documentação e Memória, recebe o título *Arrolamentos de Acervos Cartoriais para a História da Paraíba*. Na apresentação desse número, a coordenadora do NDIHR Silveira (1979) revela os objetivos do NDIHR e a importância desse tipo de fonte histórica que, até então, tinha sido pouco utilizada.

Uma das metas permanentes do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, da Universidade Federal da Paraíba, é seu Programa de Documentação, **no sentido de possibilitar aos estudiosos em geral a localização e acesso às fontes de História Regional, que lhe permitam análises mais fundamentadas da realidade regional.** [...] Nesse intuito, considerou-se necessário, a bem de valorizar o material arrolado, situá-lo no contexto da História paraibana e dimensioná-lo enquanto documentação para a pesquisa histórica, estruturar uma série de estudos subsidiários, que compõem esse número do Caderno de Estudos Regionais, estudos esses elaborados por vários pesquisadores do NDIHR. [...]

O primeiro artigo apresenta a importância das fontes depositadas nos cartórios para o estudo da História, em particular de uma História social, ainda pouco trabalhada no país, sobretudo nos aspectos do cotidiano. E adverte para a pouca utilização que a historiografia brasileira faz dos repertórios documentais dessas entidades [...] (SILVEIRA, 1979, p. 9-11, Grifo nosso).

Essa pesquisa, que nasceu da necessidade de se realizar um levantamento de fontes cartoriais sobre a História da Paraíba, para a elaboração da Dissertação de Mestrado da Professora Galliza (1979), do Departamento de Filosofia e História da UFPB, integrou-se plenamente aos objetivos do NDIHR. A publicação dos *Cadernos de Estudos Regionais n° 2* é o resultado da pesquisa sobre o arrolamento dessas fontes, feito pela docente e por duas bolsistas, sob o patrocínio do NDIHR. O estudo dissertativo da referida professora teve como título *O Declínio da Escravidão na Paraíba*. Essa publicação demonstra que o NDIHR elaborava projetos, dava apoio à pesquisa e garantia que os resultados fossem divulgados, para fazer jus aos seus objetivos fundamentais.

O primeiro número da *Série Monografia* é o terceiro dos *Cadernos de Estudos Regionais* e trata da temática *Economia Pesqueira do Nordeste*. Tem em sua epígrafe o pensamento do geógrafo francês, especialista em Geografia marítima, oceanografia e socioeconomia da pesca, **Marie Jean André François Doumenge**, que afirma: “Nem todas as civilizações mostraram igual aptidão para viver em simbiose com o mar” (DOUMENGE, 1980, p. 5). Os estudos que o NDIHR fez sobre a economia pesqueira do Nordeste mostram que essa simbiose implica uma inter-relação, de forma íntima, entre natureza e sociedade dos organismos envolvidos (mar e homem). No Nordeste, essa simbiose ocorre pela necessidade de sobreviver do homem.

Em sua apresentação, Barros (1980, p.10) reafirma os objetivos básicos do NDIHR:

Se, em razão do exposto, as informações pertinentes à realidade regional vierem a ser objeto de análises críticas, as equipes interdisciplinares responsáveis e atuantes no NDIHR só haverão de enriquecer-se e, por isso mesmo, agradecerem reconhecidas. Norteia a todos o princípio de que a produção científica gerada está longe da pretensão de verdade finda, acabada. O que se produz deve ser exposto à crítica como (sic) abertura de discussão; deve ser revista e, quiçá, em médio prazo, superada.

Preencher as lacunas porventura existentes na História Regional e ao mesmo tempo, revisar temas relevantes tratados de modo tradicional e/ou empírico, constituem prioritariamente, metas do NDIHR ao mesmo tempo, visa à formação de um acervo regional, para livre acesso a todos os estudiosos da História. Com tal conjugação de objetivos tornar-se-á possível a compreensão histórica do processo de mudança da realidade nordestina nos seus aspectos mais significativos.

Nessa citação, o autor mostra os objetivos do NDIHR e aborda uma questão primordial tratada anteriormente: “[...] formação de um acervo regional, para livre acesso a todos [...]”, para que o NDIHR exerça o seu papel, como disseminador e socializador da “informação histórica e historiográfica”.

O quarto número dos *Cadernos de Estudos Regionais*, segundo volume da *Série Monografia*, também se dedica à *Economia Pesqueira do Nordeste*. Esse número tem duas epígrafes, uma do Almirante da Marinha brasileira, Ibsen de Gusmão Câmara, “Se para estudar as baleias é preciso extingui-las, prefiro não conhecê-las, (estudá-las)”, e a outra de João Lyra Tavares: a necessidade da “... criação de um porto no Cabedello é [...] uma aspiração para a prosperidade e o engrandecimento d’essa província ...”, as quais revelam os assuntos tratados nessa edição: O Porto de Cabedelo e a Pesca da Baleia.

Segundo Madruga (1980), esse assunto tem grande importância para a história local.

Em se tratando do Porto de Cabedelo, dá prá perceber sua trajetória descendente, guiada pelos interesses políticos desde a sua criação.

Da sua importância para a região, dos seus projetos falidos e da politicagem econômica decidindo seu rumo temos aqui exposto numa abordagem crítica da realidade que leva em consideração, da ecologia à ação do homem.

E é dando prioridade à questão do homem/ecologia, que prossegue o estudo da caça à baleia, onde já de início é feita uma análise das repercussões ecológicas traduzidas pela caça desse cetáceo em todo o mundo. Daí se segue o estudo do caso particular de Costinha, situando a COPESBRA em relação à região em que está localizada.

Assim se fecham numa abordagem crítica, os primeiros passos dados em relação ao “reconhecimento” da região estuarina.

A meta agora é a de aprofundamento das questões a nível prático e teórico-metodológico. (MADRUGA, 1980, p. 9-10)

O Porto de Cabedelo tem muitas histórias a contar, mas os estudos pararam, pelo menos no Núcleo, e sua importância estava na abordagem crítica. Os pesquisadores do NDIHR preocupavam-se com a ecologia e com as ações dos homens, por isso a epígrafe de abertura do Almirante da Marinha brasileira, Ibsen de Gusmão Câmara, que mostra o pensamento e a responsabilidade social dos pesquisadores do Núcleo.

O quinto e último número dos *Cadernos de Estudos Regionais*, o primeiro da *Série Especial*, dedica-se à temática da Questão Agrária. Esse Caderno tem uma epígrafe que revela as contradições existentes no Brasil e, sobretudo, na região nordestina do país:

[...] o Nordeste deixa um gosto de cinza na boca da gente. A exploração do homem pelo homem é ali igual à de que não importa que região torpe do mundo. Antes da Abolição havia no Brasil um requisito indispensável para se ser escravo: a cor preta. O Nordeste acabou com o preconceito. Qualquer um pode ser escravo que esse país é livre, ora essa. (CALLADO, 1981, p.7)

Nesse Caderno dedicado ao *Conflito Social no Campo*, ou seja, à penetração do capitalismo no campo e à exacerbação da exploração do homem pelo homem, o apresentador da edição nos esclarece:

A proposta dessa edição que inaugura a Série Especial dos Cadernos de Estudos Regionais nasceu em seminário promovido pelo Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, em novembro de 1979, a propósito da questão agrária nordestina.

Naquele momento se discutiram as bases da organização de uma nova linha temática a ser desenvolvida pelo NDIHR-UFPB, **voltada para o estudo interdisciplinar das formas de economia de subsistência ocorrentes na região**. Nesse Caderno de Estudos Regionais, coordenado por Maria Cândida Rodrigues Gonçalves, são divulgados artigos a propósito da luta social no campo, bem como documentos (entrevista, acervo documental) ligados a esse

objeto, resultados parciais de trabalho já realizado desde então pelo NDIHR nessa área. (ALEM, 1981, p. 11. Grifo nosso)

Depois de reestruturados, os *Cadernos de Estudos Regionais* tratam sempre das temáticas desenvolvidas pelo NDIHR. Os Cadernos deixaram de ser publicados em 1981. No Quadro 11, registram-se as datas dessas publicações e o número de trabalhos, já que não só há artigos, mas também projetos, listagens, entrevistas, fotografias, além de resultados das pesquisas em andamento ou de suas conclusões.

VOLUME	DATA	NÚMERO DE TRABALHOS	TEMÁTICA			
1	1976	4	Documentação e Memória	Historiografia	Cultura popular	Relações de trabalho
2	1979	8	Documentação e Memória			
3	1980	5	Economia Pesqueira			
4	1980	7	Economia Pesqueira			
5	1981	6	Questão Agrária			

Quadro 12: Relação de temáticas em cada volume dos *Cadernos de Estudos Regionais*

Fonte: *Cadernos de Estudos Regionais* do NDIHR. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora

As produções do NDIHR sempre tiveram um diferencial, e as dificuldades de publicá-las levaram o Núcleo a fazer sua própria Edição. Assim, cria-se a publicação *Textos UFPB/NDIHR*.

5.1.1.2 Textos UFPB /NDIHR

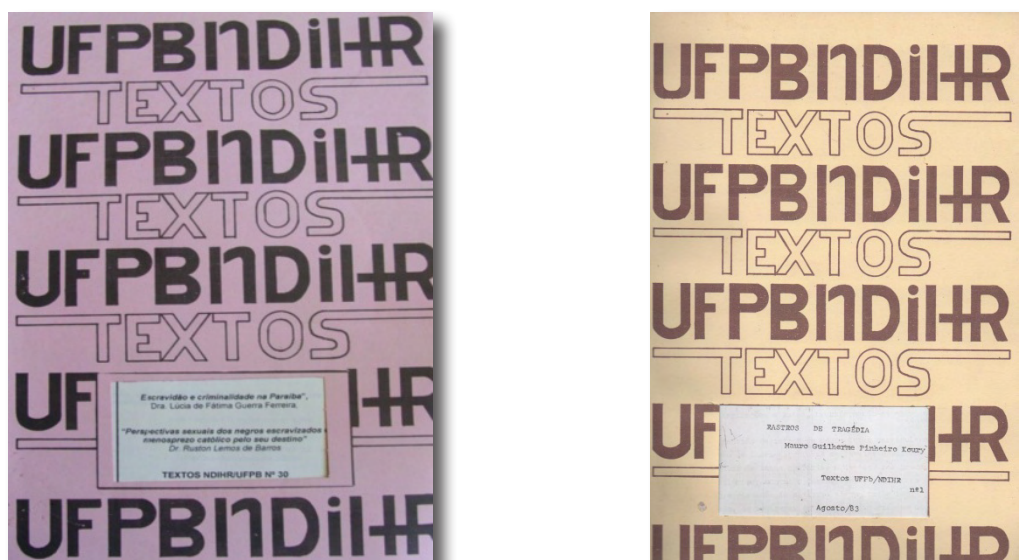


Ilustração 4: Capas dos Textos UFPB/NDIHR

Fonte: *Textos UFPB/NDIHR* do NDIHR. Foto de Kelly Cristiane Queiroz Barros

Os *Textos UFPB/NDIHR* apresentam-se mimeografados. Eles foram produzidos em formato A4, ou tamanho ofício, grampeados com capa padrão, impressos nas cores rosa, parda ou amarela, com a identificação *TEXTOS UFPB/NDIHR* na cor preta e com uma abertura na frente, que permitia a visualização do título, do nome do autor, do nº do texto e da data. O formato simples dos textos é reflexo da carência financeira em que o Núcleo vivia e para atender a um amplo público. Por ser de fácil acesso e de baixo custo, os textos poderiam ser distribuídos entre os alunos.

Esses textos divulgavam artigos escritos por professores ou pesquisadores e proporcionavam a atualização teórico-metodológica, através do diálogo com a nova geração de professores e pesquisadores que haviam ingressado na Universidade. Ressaltamos que um dos objetivos do NDIHR efetivava-se expresso pelo Conselho Editorial – o de disseminar a informação histórica através desses textos.

Os *Textos UFPB/NDIHR* foram produzidos durante 12 anos, de 1983 a 1994, e totalizaram 30 números, produzidos em doze gestões consecutivas¹². Cada número contém entre 21 e 96 páginas. Não havia regularidade nem periodicidade nas publicações, como podemos observar no Quadro 12.

ANOS DE PUBLICAÇÃO	TEXTOS PUBLICADOS	NÚMEROS
1983	1, 2 e 3	03
1984	4 e 5	02
1985	6, 7, 8, 9 e 10	05
1986	11, 12, 13, 14 e 15	05
1987	16, 17, 18 e 19	04
1988	20, 21 e 22	03
1989	23	01
1990	24 e 27	02
1991	25, 26, 28 e 29	04
1992	-	-
1993	-	-
1994	30	01

Quadro 13: *Série Textos UFPB/NDIHR* (1983-1994), segundo o ano e o número de publicações

Fonte: *Textos UFPB/NDIHR*. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora.

A maioria dos temas estudados nos *Textos UFPB/NDIHR* provém das Linhas Temáticas do Núcleo. São resultados de pesquisas desenvolvidas por professores dos vários Departamentos que compunham o quadro de pesquisadores da instituição.

¹² Ver Apêndice I.

O quadro 13 apresenta as linhas temáticas e os assuntos presentes nos *Textos UFPB/NDIHR*:

NÚMERO	NÚMEROS DE ARTIGOS	LINHA TEMÁTICA	EIXO TEMÁTICO
1	1	Estrutura de Poder (EP)	Ditadura militar – movimentos sociais
2	1	Questão agrária (QA)	Questão agrária – Mercado agrário – Mercado fundiário
3	1	Movimentos Sociais Urbanos e Estado no Nordeste (MSU)	Movimentos sociais – Meios de comunicação
4	1	Estrutura de Poder (EP)	Socialismo no Brasil – Partido Político
5	1	Movimentos Sociais Urbanos e Estado no Nordeste (MSU)	Movimentos Sociais Urbanos
6	1	Estrutura de Poder (EP)	Trabalho – Classe operária – Sindicalismo
7	1	Não identificada	Produção mercantil – Relações de trabalho
8	1	Estrutura de Poder (EP)	Eleições e clientelismo
9	1	Não identificada	Imprensa – Religião
10	1	Estrutura de Poder (EP)	Sistema partidário
11	1	Educação e Sociedade	História das Instituições
12	1	Estrutura de Poder (EP)	Neocoronelismo e eleições
13	1	Estrutura de Poder (EP)	Oligarquia
14	1	Estrutura de Poder (EP)	Clientelismo eleitoral
15	1	Estrutura de Poder (EP)	Eleições
16	1	Estrutura de Poder (EP)	Urbanização e poder político
17	1	Estrutura de Poder (EP)	Eleições
18	1	Estrutura de Poder (EP)	Relações de poder
19	1	Estrutura de Poder (EP)	Eleições e partidos políticos
20	1	Estrutura de Poder (EP)	Clientelismo e coronelismo
21	1	Estrutura de Poder (EP)	Eleições em Princesa
22	1	Estrutura de Poder (EP)	Perfil de vereadores de João Pessoa
23	3	Educação e Sociedade (ES)	Ensino de História
24	1	Questão Agrária (QA)	Ocupação do espaço agrário
25	1	Questão Agrária (QA)	Capitania Real da Paraíba
26	1	Educação e Sociedade (ES)	História local – Ensino de História
27	1	Educação e Sociedade (ES)	História local – Ensino de História
28	3	Não identificada	Religião – Sexualidade – Ideologia
29	2	Formação histórica da Rede Urbana no Nordeste (FHRU)	Estrutura urbana
30	2	Não identificada	Escravidão – Sexualidade

Quadro 14: *Textos UFPB/NDIHR*: Temáticas por número publicado

Fonte: *Textos UFPB/NDIHR*. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora

O quadro 13 é representado através do gráfico 1, a seguir:

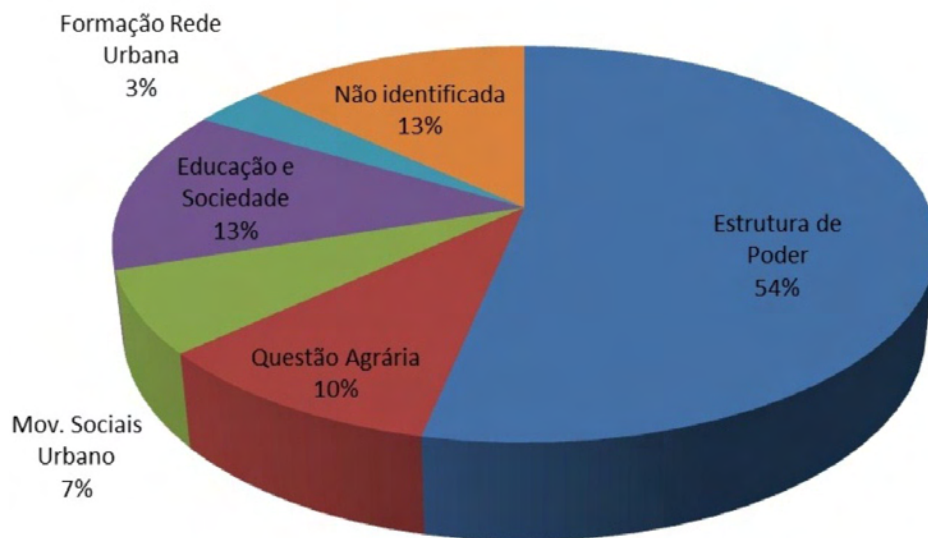


Gráfico 1: Percentual dos Textos UFPB/NDIHR por linha temática

Fonte: *Textos UFPB/NDIHR*

No Gráfico 1, observa-se que a temática Estrutura de Poder se sobressai entre todas as outras, principalmente, sob a coordenação do Núcleo pela professora Maria Antônia Alonso de Andrade, que também a coordenava. O número expressivo de artigos dessa linha temática (54%) resultou de 19 projetos de pesquisa, que se desenvolveram entre os anos de 1978 e 1999. A linha temática Educação e Sociedade, que é representada nos *Textos UFPB/NDIHR* com 13% dos artigos, desenvolveu 14 projetos de pesquisa. Em relação à produtividade, esses números demonstram que essa linha temática não foi tão produtiva quanto a linha Estrutura de Poder. Por outro lado, há seis projetos de pesquisa vinculados à linha temática Questão Agrária, que está representada nos *Textos UFPB/NDIHR*, que corresponde a 10% dos artigos. Esse é um fato significativo, uma vez que não foi uma temática da fase de implantação do NDIHR, mas posterior. A linha temática Movimentos Sociais Urbanos, que representa 7% dos artigos nos *Textos NDIHR*, correspondeu a dois projetos, cada um deles dividido em subprojetos, questão que não se refletiu na quantidade de artigos publicados nos *Textos UFPB/NDIHR*.

Os textos de número 7, 9, 28 e 30 tiveram as linhas temáticas assinaladas como ‘Não identificada’ e totalizam 13% dos artigos. Observando as temáticas de cada um desses números, pode-se inferir que o número 7 poderia ser produto da linha temática inicial Indústria e Trabalho, depois desativada; o número 9 poderia ser produto da linha temática Manifestações Culturais; os números 28 e 30 são produtos da linha temática Sexo e Relações de Gênero. O número 29 é

vinculado à linha temática Formação Histórica da Rede Urbana. Ressalta-se que todas as oito linhas temáticas tiveram artigos publicados pelos *Textos UFPB/NDIHR*.

O quadro 13 contém informações sobre a formação acadêmica dos autores desses artigos e o número de publicação. Assim, pode-se fazer o cruzamento entre a formação acadêmica e a linha temática à qual os autores estiveram vinculados.

AUTORES	ÁREAS DE ATUAÇÃO	Nº DOS TEXTOS	TEXTO POR AUTOR	LINHA TEMÁTICA
ALEM, Sílvia Frank	História	Nº 04	01	EP
ANDRADE, Maria Antônia Alonso de	Sociologia	Nº 08, 12, 17, 18, 19, 20 e 22	07	EP
ANDRADE, Plauto Mesquita	Economia	Nº 16	01	EP
BARROS, Ruston Lemos	História	Nº 28 e 30	02	FHRU / SRG
CAVALCANTI, Maria Nelly	Ciências Sociais	Nº 10	01	EP
EGLER, Cláudio Antônio Gonçalves	Geografia	Nº 02	01	QA
EGLER, Tamara Tânia Cohen	Arquitetura	Nº 05	01	MSU
FERNANDES, Irene Rodrigues da Silva	História	Nº 25	01	QA
FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra	História	Nº 28 ² e 30	02	FHRU / SRG
FORMIGA, Zeluiza da Silva	História	Nº 11 e 23	02	ES
GONÇALVES, Regina Célia	História	Nº 26	01	ES
KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro	Sociologia	Nº 01	01	EP
LAVIERI, João Roberto	Arquitetura	Nº 29	01	FHRU
LAVIERI, Maria Beatriz Ferreira	Arquitetura	Nº 29	01	FHRU
LIMA, Jacob Carlos	Sociologia	Nº 07	01	RCP
LIMEIRA, Maria das Dores	História	Nº 11	01	ES
MAIA, Neiliane	Ciências Jurídicas	Nº 13	01	EP
MOREIRA, Emilia de Rodat Fernandes	Geografia	Nº 24	01	QA
NEVES, Joana	História	Nº 06, 09, 23 e 28	04	EP / MC / ES / SRG
QUIROGA, Ana Maria	Antropologia	Nº 29	01	FHRU
ROLIM, Francisco Sales Cartaxo	História	Nº 14	01	EP
RUBIM, Antônio Albino Canelas	Comunicação Social	Nº 03	01	MSU
SILVEIRA, Rosa Maria Godoy	História	Nº 15 e 23	02	EP / ES
SORRENTINO, Rossana de Souza	História	Nº 27	01	ES
SOUSA, Vilma de Lurdes B.	História	Nº 26	01	ES
WANDERLEY, Maria Angela Sintonio	Sociologia	Nº 21	01	EP

Quadro 15: Formação das autorias nos *TEXTOS UFPB/NDIHR*

Fonte: *TEXTOS UFPB/NDIHR*. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora.

Representa-se, graficamente, a formação dos autores da seguinte forma:

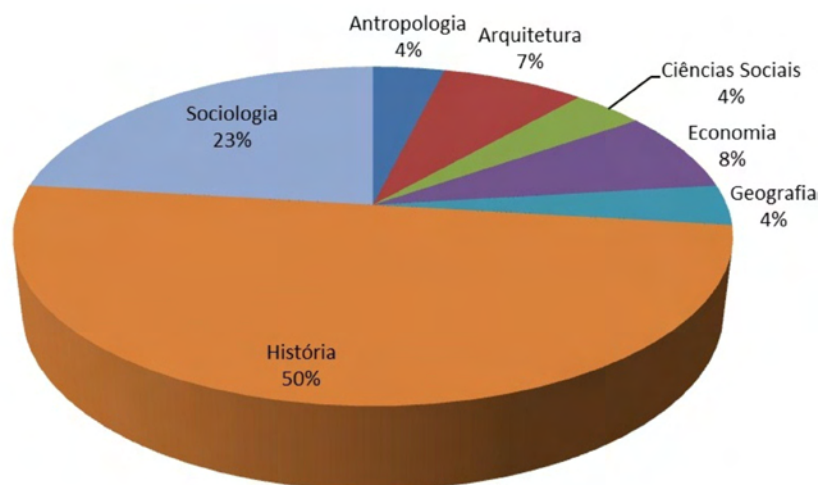


Gráfico 2: Formação dos autores dos *Textos UFPB/NDIHR*
Fonte: Textos UFPB/NDIHR

O gráfico mostra que predominam os autores com formação acadêmica em História na produção dos *Textos UFPB/NDIHR* (50%); os sociólogos são representados por 23% dos autores; outras formações acadêmicas apresentam número abaixo de 10%: Ciências Econômicas (Economia), 8%; Arquitetura, 7%; Ciências Sociais, Antropologia, Ciência Política, Comunicação Social, e Geografia, 4% em cada área.

5.1.1.3 Debates regionais

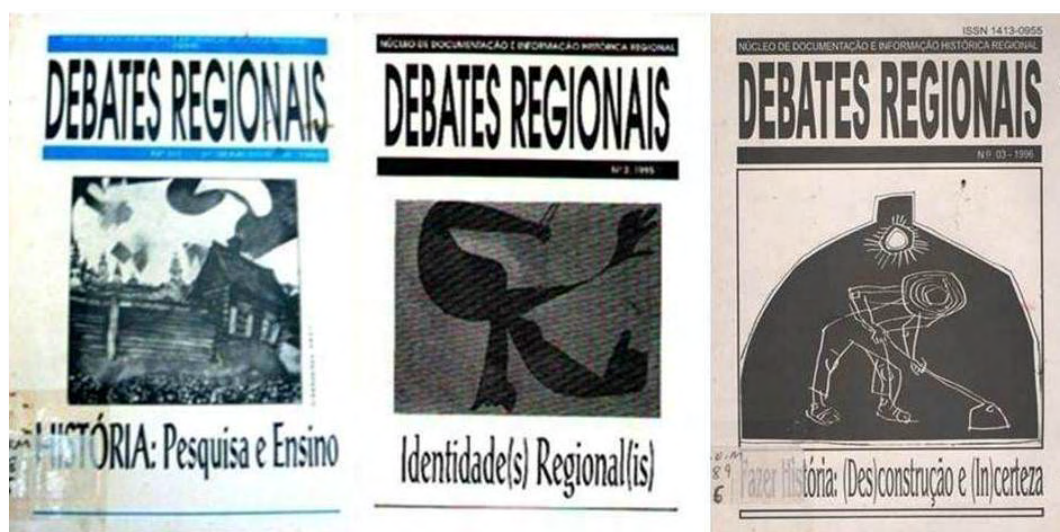


Ilustração 5: Capas dos *Debates regionais*
Fonte: *Debates regionais* do NDIHR. Fotos de Kelly Cristiane Queiroz Barros

A série *Debates regionais* é um periódico, segundo Amorim e Fernandes (1993), resultante do processo de constituição da Universidade Viva, em ocorrência na Universidade Federal da Paraíba. Surgiu da vontade administrativa da coordenadora do NDIHR e da diretora da Associação Nacional de História, Núcleo Regional da Paraíba (ANPUH-PB). A proposta visava atender às

[...]carências de ensino, pesquisa e extensão universitária, assentado em um processo de pesquisa e produção acadêmicas interdisciplinares, o NDIHR procura transpor os muros da Universidade e chegar até a comunidade, divulgando e colocando para avaliação crítica os resultados obtidos nas investigações realizadas. (AMORIM; FERNANDES, 1993, s/p.)

O primeiro número tem como meta publicar a produção dos professores, pesquisadores e estudantes que haviam participado do XVII Simpósio Nacional da ANPUH, ocorrido em julho de 1993, em São Paulo. Assim, a série *Debates Regionais* começa a ser publicada em 1993, sob a coordenação de Laura Helena Baracuhy Amorim, com o objetivo de que fosse uma publicação semestral. Contava com um Conselho Editorial, formado pelos seguintes professores: Maria Ignez Ayala – UFPB; Ruston Lemos de Barros – UFPB; Maria Beatriz Ferreira Lavieri – UFPB e Marc Jay Hoffnagel – UFPE. Teve como organizadoras as professoras do Departamento de História (DH/UFPB), Irene Rodrigues da Silva Fernandes, Laura Helena Baracuhy Amorim e Regina Célia Gonçalves. O primeiro número foi uma publicação em conjunto com a ANPUH/PB. Contava com uma equipe de diagramação, formada pelo servidor do próprio Núcleo, Ednaldo Alves Costa, e o voluntário Vianney Rodrigues Fernandes da Costa. A partir dessa série, muda-se a perspectiva de todas as outras capas das publicações do NDIHR, que sempre foram de ilustrações históricas. Sua capa traz a reprodução de quadro de Marc Chagall¹³, e sua publicação pela UFPB/Editora Universitária tem formato de brochura com grampos.

O segundo volume dessa série foi publicado em 1995, dois anos depois do volume I. Se a pretensão era de ser semestral, sua periodicidade já estava bastante atrasada. O Conselho Editorial cresceu, agora formado por professores da Paraíba, de Pernambuco, do Rio Grande do Norte e do Ceará: Ruston Lemos de Barros - UFPB; Lúcia de Fátima Guerra Ferreira - UFPB; Maria Beatriz Lavieri - UFPB; Marc Jay Hoffnagel UFPE; Gisafran - Mota Jucá - UFC e Denise Mattos Monteiro – UFRN. Permanece a equipe de diagramação.

¹³ Extraído de MATHEY, François. **Chagall** (1909-1918). Barcelona: Gustavo Gili, 1959.

O terceiro e último volume dessa revista foi publicado no ano de 1996. A capa, com a gravura de Poty, foi usada como ilustração para a obra **A Bagaceira**, de José Américo de Almeida¹⁴. Esse volume é uma das poucas produções que têm o International Standard Serial Number (ISSN nº 14130955).

O quadro 14 mostra o número de artigos publicados (80 artigos em três volumes) e as temáticas de cada volume, uma vez que, para cada volume, definiu-se uma temática central. Apesar dessa escolha, pode-se notar um número variado de temáticas, principalmente no volume três, em que não existem divisões com subtemas.

VOLUMES	TEMÁTICAS DOS <i>DEBATES REGIONAIS</i>	NÚMERO DE ARTIGOS	TOTAL DE ARTIGOS POR VOLUME
1	Tema central - História: Pesquisa e Ensino		
	Subtema I – Economia e Organização do Trabalho	07	
	Subtema II – História e a Questão das Origens	02	
	Sub tema III – Igreja e Sociedade	02	
	Subtema IV - Relações de Poder, Partidos Políticos e Movimentos Sociais	14	
	Subtema V – Ensino de História	01	27
2	Tema Central - Identidade(s) Regional(is)		
	Subtema I – História e Identidade(s)	08	
	Subtema II – Teoria da História	02	
	Subtema III – Historiografia e Memória	04	
	Subtema IV – História e Literatura	02	
	Subtema V – História e Sociedade	02	
	Subtema VI – História e Política	02	
	Subtema VII - O NDIHR e a pesquisa: oficina de textos		
	1 -Documentação e Memória	05	
	2 – Indústria e trabalho	02	
	3 – Identidade Municipal	04	
	4 - Questão Agrária	03	
	Sub tema – VIII – Ensino de História	04	38
3	Tema Central – Fazer História: (Desconstrução e (In) certeza		
	Várias temáticas	16	16
Total			80

Quadro 16: Relação de temáticas em cada volume dos Debates Regionais

Fonte: *Debates Regionais* do NDIHR. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora.

¹⁴ ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. Rio de Janeiro: J. Olympio; João Pessoa: Secretaria de Educação do Governo do Estado da Paraíba, 1978.

No Gráfico 3, observam-se as áreas de atuação dos autores dos *Debates Regionais*. A área de História, nessas produções, ficou com 87% das autorias; as outras variam entre 4% a 1%.

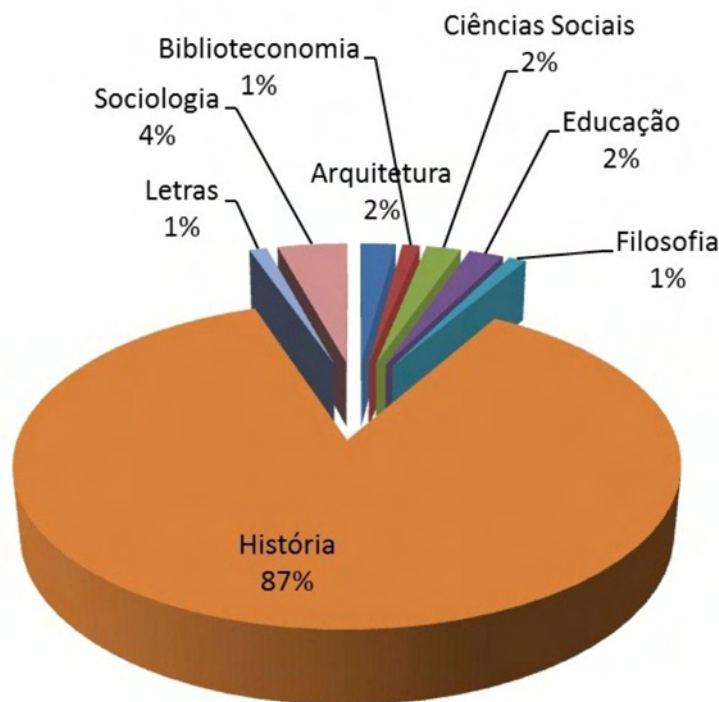


Gráfico 3: Áreas de atuação dos autores dos *Debates Regionais*
Fonte: *Debates Regionais*

Nos *Debates Regionais*, vale salientar que alguns artigos foram produzidos por alunos bolsistas de iniciação científica e do Curso de Especialização em Organização de Arquivos.

5.1.2 Série Instrumentos de Pesquisa

Os instrumentos de pesquisa resultam de trabalhos realizados em três instituições: os instrumentos do próprio NDIHR, catálogos descritivos do acervo do NDHIR; os guias, os inventários e os catálogos da Arquidiocese da Paraíba, e os do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Segundo Bellotto (2004), os instrumentos de pesquisa são, “[...] em essência, obras de referência que identificam, resumem e localizam, em diferentes graus e amplitude, os fundos, as séries documentais e/ou as unidades documentais existentes em um arquivo permanente.” (BELLOTTO, 2004, p.180)

No Dicionário de Terminologia bArquivista, os instrumentos de pesquisa podem ser conhecidos como: instrumentos de busca, instrumentos de consulta, instrumentos de descrição

documental, “obra de referência, publicada ou não, que identifica, localiza, resume ou transcreve, em diferentes graus e amplitudes, fundos e grupos, e séries e peças documentais existentes num arquivo permanente, com a finalidade de controle e de acesso ao acervo.”

(Dicionário de Terminologia Arquivista, 1996, p. 45)

Os instrumentos de pesquisa já nasceram junto com a implantação do NDIHR, quando se pensava em seu Setor de Acervo, que mantinha relação estreita com a pesquisa, na organização dos documentos recolhidos, produzidos e acumulados.

5.1.2.1. Instrumentos de pesquisa do NDIHR ou a série NDIHR/DOCUMENTAÇÃO



Ilustração 6: Capa dos NDIHR/Documento.

Fonte: Disponível em <http://www.ndihr.ufpb.br/programa/textos_ndihr.html> Acesso em: 26 fev. 2012.

Considera-se, nesta pesquisa, a série *NDIHR Documentos* como instrumentos de pesquisa, devido à natureza dessa produção. A série foi constituída para divulgar os catálogos do Acervo do NDIHR, catálogos, inventários e guias de arquivos gerados a partir do Projeto de Organização de Acervos, em uma das ações desenvolvidas pelo Programa de Documentação e Memória Regional, em arquivos históricos de referência para a compreensão da História Paraibana,

como: o Arquivo Eclesiástico da Paraíba (AEPB), pertencente à Arquidiocese Paraibana, e o Acervo do Instituto Histórico Geográfico Paraibano (IHGP).

A primeira produção da série foi o Catálogo da Documentação do Arquivo Histórico Ultramarino, feito a partir do conjunto de microfilmes de documentos coloniais brasileiros localizados em Portugal. Esse projeto foi coordenado pela Professora Elza Régis. Existem dois volumes desse catálogo, produzidos em formato A4, datilografados e encadernados em capa dura, na cor verde.

A segunda produção dessa série tem as seguintes características físicas: tamanho A4, capa em papel-cartão, com o logotipo do NDIHR, na cor branca, com uma abertura na frente que permite a visualização do título, o nome do autor, o número do texto, a data e o local de produção.

TÍTULOS	AUTORES	ÁREAS DE ATUAÇÃO	TEMÁTICAS	VOL./DATA/PAGINAÇÃO	OBSERVAÇÕES
Catálogo de documentos paraibanos do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa 1593 – 1865	OLIVEIRA, Elza Régis de	História	Documentação Memória Paraíba 1593 – 1865	Dois volumes 1978 662 p.	3.720 verbetes datilografados
Catálogo coletivo de periódicos do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional	FIGUEIREDO, Mércia Eliane Cardoso de	Biblioteconomia	Documentação Memória Paraíba	v.1, n. 1, 1983. 25 p.	Datilografado Coordenação NDIHR: Neiliane Maia
Relatórios de Presidentes de Província da Paraíba 1837 – 1888: Catálogo e Índice de Assuntos	MEDEIROS, Maria do Céu; FORMIGA, Zeluiza da Silva	História	Documentação Memória Paraíba 1837 - 1888	n.1, ago.1988 90 p.	-
Catálogo hemerográfico NDIHR/UFPB	RIBEIRO, Felicidade Lúcio	História	Documentação e Memória	n. 3 mar. 1996 27 p.	-

Quadro 17: Relação da Série NDIHR/DOCUMENTOS

Fonte: NDIHR/DOCUMENTOS. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora

5.1.2.2. *Instrumentos de pesquisa do Arquivo Eclesiástico da Paraíba (AEPB) da Arquidiocese Paraibana*



Ilustração 7: Capa do Guia do Arquivo Eclesiástico da Paraíba – AEPB - da Arquidiocese da Paraíba
Fonte: Biblioteca da autora – Foto de Giulliana Marques Moraes

Esses instrumentos editados pela gráfica do estado da Paraíba têm composição simples, em formato de um livro em brochura grampeada. A capa foi pensada a partir dos *Textos UFPB/NDIHR* ou *NDIHR Documentos*, com abertura na parte inferior da frente para se expor a informação pertinente de cada obra. Ferreira (1992, p. 3) analisou os trabalhos desenvolvidos em organização de arquivos pelo Núcleo e a forma como esses trabalhos contribuíram efetivamente para as duas instituições envolvidas - a Arquidiocese da Paraíba e a Universidade.

Os resultados foram os mais frutíferos: por um lado, a Arquidiocese tem o seu arquivo organizado, pronto para atender com precisão e agilidade aos seus diversos setores, e possibilitando à sociedade análise e reflexões sobre sua história; por outro lado, a UFPB teve a oportunidade de contribuir efetivamente para capacitação de recursos humanos na área de arquivista e abertura de novos campos de pesquisa, como também dar exemplo pela preservação da memória histórica local.

Esses benefícios representaram uma conquista do NDIHR, que conseguiu abrir um espaço de pesquisa, que antes era fechado, para a Instituição, que teve seu arquivo organizado, para os alunos e os profissionais que fizeram parte do projeto, com uma efetiva capacitação na área da Arquivística, e para os pesquisadores em geral.

No Proêmio de D. José Maria Pires (1992, p. 1), arcebispo da Paraíba entre 1965 e 1995, ele agradece ao Núcleo e fala das razões da organização do arquivo e de sua abertura.

Somos gratos ao Núcleo de Documentação e Informação Regional (NDIHR) da Universidade Federal da Paraíba que, em boa hora, celebrou com a Arquidiocese um convênio de cooperação cujos resultados ai estão: preciosos documentos salvos da injúria do tempo, recuperados à voracidade dos insetos e pequenos roedores, selecionados e tecnicamente dispostos para gáudio dos estudiosos e pesquisadores. A equipe do NDIHR trabalhou com tenacidade, com eficiência e, sobretudo, com amor.

Dentre os motivos que a Arquidiocese da Paraíba teria para franquear ao público seu Arquivo Eclesiástico, poderíamos destacar, em primeiro lugar o desejo de transparência. Não fizemos marketing, não temos publicidade. Mas também não vivemos na clandestinidade e não temos de que nos envergonhar. A Igreja deve ser transparente deixando brilhar seus méritos sem esconder limitações e possíveis erros.

Foram sete instrumentos de pesquisa organizados pela equipe que trabalhou no arquivo da Arquidiocese: o Guia e o Inventário do Arquivo Eclesiástico e cinco catálogos: o do Jornal A Imprensa, dos Periódicos, dos Processos de Ordenação, das Plantas Arquitetônicas e das Fotografias. Os outros instrumentos de pesquisa são referentes à organização do acervo de outra instituição, que também é guardiã de fontes históricas valiosas: o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP: o Guia do Acervo Documental do IHGP, o Inventário das Séries do Arquivo Flávio Maroja e três catálogos da Seção de Obras Raras do IHGP- o primeiro, de Jornais Antigos, o segundo, de Revistas e Boletins Antigos, e o terceiro, de Livros Antigos.

5.1.2.3. Instrumentos de pesquisa do IHGP



Ilustração 8: Capa dos instrumentos de pesquisa do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

Fonte: Biblioteca da autora – Foto de Giulliana Marques Moraes

Tais publicações, em formato de livro, têm entre 51 e 290 páginas; a capa é de Milton Nóbrega, o *layout*, de Ednaldo Alves Costa e são publicadas pela Editora da Universidade Federal da Paraíba. Essas publicações do IHGP fazem parte dos resultados da ação do Programa de Documentação e Memória Regional do NDIHR/UFPB, cuja meta é a organização de acervos para localizar, recuperar, preservar, registrar e disseminar as fontes históricas para o uso dos pesquisadores e dos cidadãos das comunidades paraibana, nordestina e brasileira. Vejamos esses dados na Introdução do Guia.

Em 1994, uma equipe do NDIHR montou o projeto **Tradição Cultural da Paraíba: organização e preservação do acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. Recorreu-se a entidades financiadoras de projetos de pesquisa e documentação, tendo em vista que a UFPB e o IHGP não podiam disponibilizar integralmente os recursos materiais (consumo e permanente) e humanos (bolsistas e técnicos) necessários. A parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC e com o Programa Nacional de Apoio à Cultura – PRONAC, através da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão – FUNAPE, viabilizou a implementação desse projeto.

[...] O acervo acumulado pelo IHGP reflete parcela significativa da história dessa instituição e a sua importância cultural no Estado da Paraíba, e mesmo ao nível da região Nordeste.

No acervo documental vale ressaltar as coleções de documentos, acumuladas pelo IHGP, que permitem a pesquisa sobre os períodos colonial, imperial e republicano no que tange à história nacional, regional e, especialmente, a local. Alia-se, em importância, a essa documentação os vários fundos documentais privados, sob custódia. (GUIA DO IHGP, 1996, p.14, Grifo da autora)

5.1.2.4 Arquivos privados

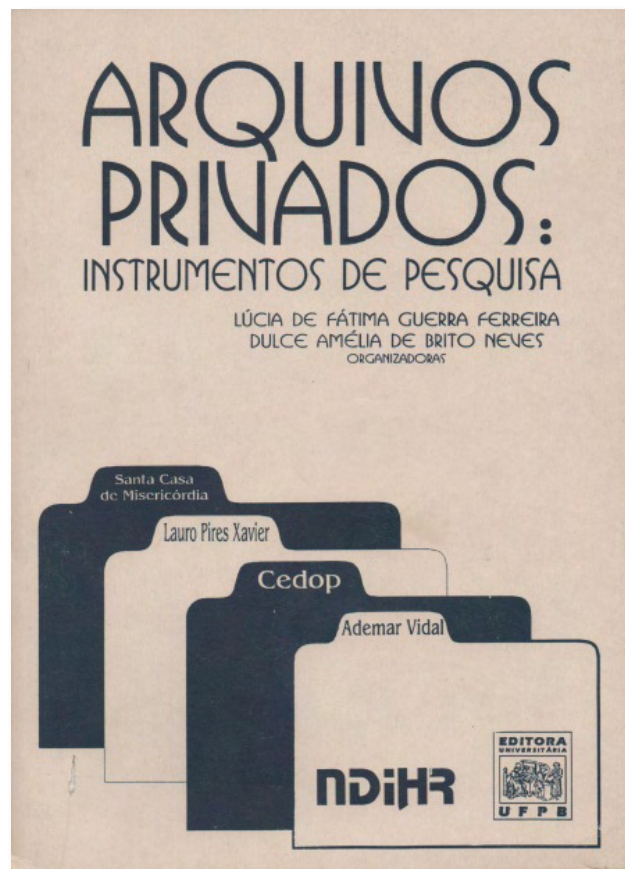


Ilustração 9: Capa da coletânea *Arquivos privados: instrumentos de pesquisa*
Fonte: Biblioteca da autora. Foto: Giulliana Marques Moraes

Arquivos privados: instrumentos de pesquisa é uma coletânea de vários instrumentos de pesquisa de algumas instituições que receberam, em seus arquivos, uma equipe de alunos e professores para organizar parte de sua documentação e fazerem dela um instrumento de pesquisa. Essa atividade constituía um exercício curricular, um estágio supervisionado do primeiro Curso de Especialização em Organização de Arquivos (I CEOARQ). Desse estágio, resultaram dois inventários e dois catálogos.

5.1.3 Livros

Os livros do NDIHR surgiram da necessidade de se produzirem materiais didáticos com os quais os professores e os alunos pudessem trabalhar em sala de aula. Trata-se de dois conjuntos: um, que compõe a Linha Temática Educação e Sociedade, em seu Projeto de História Local, e

o outro, *História Temática da Paraíba*, uma aspiração almejada durante muito tempo, um livro didático com histórias temáticas da Paraíba.

O projeto Livro Didático de História da Paraíba começou em 1992. As autoras trabalharam em conjunto até sua publicação, em 1999, que fechou o círculo das publicações do NDIHR no período delimitado para este estudo.

Há mais duas publicações organizadas pelo Núcleo, uma de autoria de Andrade (1986) - *Clientelismo e a máquina estatal*, que repercutiu sobremaneira, editada por duas vezes, e o livro organizado por Neves (1996) em homenagem a Sílvio Frank Alem, ... *E, no entanto, se move*.

5.1.3.1. Série Materiais didáticos e as histórias locais¹⁵



Ilustração 10: Capas da produção dos materiais didáticos sobre a história local

Fonte: Site do NDIHR. Disponível em: <http://www.ndihr.ufpb.br/programa/textos_ndihr.html> Acesso em: 26 fev. 2012.



Ilustração 11: Capas de publicações da história local

Fonte: Site do NDIHR. Disponível em: <http://www.ndihr.ufpb.br/programa/textos_ndihr.html> Acesso em: 26 fev. 2012.

As publicações de história local mostram uma das ações do NDIHR mais completas. Depois de executada a pesquisa, providenciou-se a publicação, ou seja, levou-se de volta à comunidade sobre a qual se refere, e foi realizado um trabalho de socialização do conhecimento, através da valorização do homem simples e de educadores e alunos dos municípios trabalhados. Todas têm formato de livro. O primeiro a ser publicado foi o livro *História de Patos*, cuja edição foi executada pela Comissão do 4º Centenário da Paraíba.

Os dois livros seguintes - *Uma história de Ingá* e *Uma história de Pedras de Fogo* - tiveram suas capas e artes finais realizadas por Mafaldo Jr, com ilustração de Archidy Picado, ambos editados pela Editora Universitária. A edição de *Uma história de Cabedelo* não traz muitas informações sobre a equipe de diagramação, apenas nos informa que a capa e as ilustrações foram produzidas por Sérgio Brito. Os livros *Uma história do Conde* e *Uma história de Areia* foram publicados em parceria com a Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários (PRAC/UFPB); da mesma forma que *Uma História de Cabedelo*, não há indicações da equipe de diagramação.

Em artigo publicado em *Debates Regionais*, sob o título “Historia local: nova metodologia de ensino de base”, as coordenadoras do Projeto História Local expõem as suas linhas gerais e os objetivos, no que se refere à relação ensino/socialização do conhecimento.

O NDIHR, órgão de documentação, pesquisa e extensão em História Regional, considerando a objetiva necessidade dos municípios disporem de uma educação de melhor qualidade e considerando também, a contribuição que a Universidade pode e deve dar aos demais graus de ensino, através da **socialização do conhecimento** nela produzido, se propôs a desenvolver esse projeto voltado, primordialmente, ao atendimento das carências das comunidades por ele estudadas. Tal projeto visa à elaboração de materiais didáticos e à capacitação dos docentes de modo a possibilitar às comunidade locais um melhor conhecimento da sua própria realidade. (GONÇALVES et al, 1993, p. 263)

Ao apresentar resultados e avaliar os projetos desenvolvidos nas cidades de Ingá e Pedras de Fogo, as autoras reconhecem a importância do uso de material didático com dados de identificação da comunidade em que ela se reconhece.

Diante da repercussão alcançada pelas obras e pela reciclagem dos docentes nos municípios de Ingá e Pedras de Fogo, podemos fazer uma avaliação bem favorável do projeto.

Foi possível a efetivação de uma iniciativa inédita, no que se refere à construção do conhecimento de história local, baseado na intervenção direta da comunidade. A população em geral e professores e alunos, em especial, participaram da coleta de dados para a produção do material didático, selecionando aquilo que era considerado importante, resgatando os elementos mais significativos da sua memória. Essa experiência permitiu aos professores o reconhecimento da possibilidade de serem também produtores de conhecimento e, a partir da obra sobre a história do município, continuarem as pesquisas para melhorá-la e dar-lhe sequência. (GONÇALVES et al, 1993, p. 272)

O resgate da memória, através da comunidade participativa e ativa, leva pesquisadores a produzirem um conhecimento histórico/cultural, num caminho inverso ao que se costuma fazer. Pesquisadores em geral têm em mente o seu objeto e vão em busca dele - é uma visão de fora. No Projeto História Local, o trabalho de pesquisa com a coleta de dados é da “população”, embora depois os pesquisadores do NDIHR façam uma seleção e afirmem que toda memória é seletiva. A obra é reconhecida por trabalhar “resgatando elementos mais significativos da memória” desse povo e sugere para “continuarem a pesquisa para melhorar e dar-lhe sequência”. Essa ação incentiva a comunidade a fazer sua História/memória. Esse é o trabalho do NDIHR, a razão pela qual foi criado.

5.1.3.2 Coleção História Temática da Paraíba¹⁶



Ilustração 12: Capas da série Material Didático - *História Temática da Paraíba*.

Fonte: Site do NDIHR. Disponível em: < <http://www.ndihr.ufpb.br/programa/textosndihr.html> > Acesso em: 26 fev. 2012.

A Coleção *História Temática da Paraíba* começou a tomar corpo a partir de 1976, com a criação do Núcleo e de seus fundadores/pesquisadores. A “História” foi pensada, discutida, elaborada e reelaborada para os professores de História do Ensino Fundamental e Médio e para os alunos de Licenciatura em História. As temáticas trabalhadas nessa publicação têm a ver com essa construção de vida, vivida a cada dia pelos pesquisadores do Núcleo. Foi a última publicada no NDIHR em 1999, em cuja apresentação Joana Neves e Zeluiza da Silva Formiga afirmam:

A COLEÇÃO é, sobretudo, um recurso bibliográfico destinado ao professor. A intenção do NDIHR, ao produzi-la, e da Editora da UFPB, ao publicá-la, foi de contribuir para possibilitar a superação de uma limitação no trabalho do professor que, sem possibilidade de acesso a uma bibliografia específica (ou sem condições de utilizá-la), se vê restringido ao livro didático, que é material para o **aluno**. Ele terá à sua disposição, agora, um conjunto de textos que além de fornecer-lhe o conteúdo básico sobre cada assunto, remete-o para a bibliografia específica e para alguns documentos fundamentais. Porém, mais importante e inovador, é o fato de que o professor de História da Paraíba tem, nessa COLEÇÃO, exemplos de uma produção historiográfica que se utiliza de uma metodologia voltada para a produção do conhecimento, decorrente da associação entre pesquisa e ensino. [...]Ao publicar essa COLEÇÃO, o NDIHR e a Editora Universitária da UFPB reiteram seu compromisso com a educação e com a História da Paraíba. (NEVES,FORMIGA, 1999, p.11 Grifo das autoras)

¹⁶ *História Temática da Paraíba* - ISBN - 85-237-0167-2

A coleção estruturou-se em quatro volumes, cada um deles com uma temática específica. Conforme o Quadro 16, o primeiro volume abordou a temática “Trabalho”, em dois textos que discutem o trabalho escravo e a transição para o trabalho assalariado no Século XIX; o volume dois reúne três textos sobre Atividades Produtivas da Paraíba; o terceiro volume contém três textos sobre a Questão Agrária e o desenvolvimento na Paraíba, que abrange os Movimentos Sociais do Século XX; o último volume apresenta quatro textos sobre a temática Estrutura de Poder na Paraíba. O estudo da História Local se deu em grandes cortes temporais. Na introdução, as organizadoras afirmam que o objetivo dos textos era abordar a história “de forma mais abrangente possível” (NEVES; FORMIGA, 1999, p.13).

O quadro 17 apresenta a estrutura da Coleção *História Temática da Paraíba*, com seus títulos. Textos e temáticas.

VOLUMES	TÍTULOS	TEXTOS / AUTORES	TEMÁTICAS
1	O trabalho na Paraíba: das origens à transição para o trabalho livre	O trabalho na Paraíba escravista - Maria do Céu Medeiros A transição do trabalho escravo para livre na segunda metade do Século XIX - Ariane Norma de Menezes Sá	Trabalho
2	Atividades produtivas na Paraíba	A economia paraibana na fase do isolamento relativo (1585-1930) - Irene Rodrigues Fernandes A economia paraibana na etapa da articulação comercial (1930-1970) - Laura Helena Baracuh Amorim A economia paraibana na fase da integração produtiva (1970-1990) - Laura Helena Baracuh Amorim	Produções e relações Produtivas – Comerciais
3	Questão urbana na Paraíba	Questão urbana na história da Paraíba - Regina Célia Gonçalves Evolução urbana de João Pessoa Pós-60 - João Roberto Lavieri e Maria Beatriz Ferreira Lavieri Movimento de moradores: conflito e disciplinamentos - Glória Rabay	Urbanização – Movimentos Sociais
4	Estrutura de poder na Paraíba	Poder e política na Paraíba: colônia e império - Rosa Maria Godoy Silveira A Paraíba republicana (1889-1945) - Eliete de Queiroz Gurjão Silva O processo político na Paraíba (1954-1964) - Martha Lúcia Ribeiro Araújo O processo político na Paraíba e o Estado autoritário (1964-1986) - Monique Cittadino	Estrutura de Poder

Quadro 18: Relação das produções por linhas de pesquisa

Fonte: Coleção *História Temática da Paraíba*. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora

A Coleção História Temática da Paraíba é uma construção concretizado por mais de vinte anos de pesquisa do NDIHR.

5.1.3.3 Livros avulsos



Ilustração 13: Capas dos livros publicados pelo NDIHR

Fonte: Site do NDIHR. Disponível em: <http://www.ndihr.ufpb.br/programa/textos_ndihr.html> Acesso em: 26 fev. 2012

Como já citado, foram dois os livros publicados pelo NDIHR: “*Clientelismo e a Máquina Estatal*”, de autoria de Maria Antônia Alonso de Andrade, vinculado à Linha Temática Estrutura de Poder, que consistia na análise das eleições de 1982 e que foi publicado nos *Textos NDIHR*, em fevereiro de 1985. No ano seguinte, esse estudo foi reeditado pela Editora Universitária da UFPB em formato de livro. O outro livro, ... *E, no entanto, se move*, de Sílvio Frank Alem, representou uma homenagem póstuma prestada ao pesquisador do NDIHR e a expressão do carinho e respeito que os pesquisadores do NDIHR tinham por ele. Esse livro foi selecionado, organizado e apresentado pela Professora Joana Neves, que explica o porquê da escolha do título.

Ao escolher a expressão “*eppur si muove*”, atribuída a Galileu Galilei, condenado pela inquisição, no Século XVII, para intitular seu último trabalho acadêmico, **Sílvio Frank Alem** pretendeu, sobretudo, afirmar a importância da resistência

como forma de luta política, frente aos avanços da onda conservadora que assola o país e o mundo, desde o início dessa década (NEVES, 1996, p. 04, Grifo da autora).

A obra reafirma os compromissos do Núcleo no contexto dos anos 90 e afirma um posicionamento político quando o órgão vivia seu momento de estabilização. Essa publicação nasceu também para comemorar os vinte anos de criação do NDIHR. Como afirma Neves (1996), aquele foi um momento de autoavaliação e reafirmação do pensamento que permeava o NDIHR desde sua implantação:

O NDIHR está comemorando vinte anos. É um momento privilegiado de avaliação em que é oportuno fazer um balanço do que vem sendo produzido nos diversos campos de atuação de um Núcleo que se caracteriza pela interdisciplinaridade. É necessário, também, considerar a contribuição dessa produção para pesquisa e para o ensino na UFPB e na comunidade paraibana, em geral. Sem prejuízo da interdisciplinaridade, ou, exatamente, devido a ela, o NDIHR tem sua principal atuação na área de História. E nesse momento, a lembrança do historiador **Silvio Frank Alem** se impõe. (NEVES 1996, p. 4, Grifo da autora)

Na citação acima, a autora delimita o lugar do NDIHR em relação à comunidade acadêmica e à não acadêmica, destaca a sua característica interdisciplinar, sua contribuição para a pesquisa e o ensino de História.

5.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS AUTORES

O projeto e a implantação do NDIHR estiveram ligados ao contexto intelectual brasileiro da década de 1970.

Em entrevista, Silveira aponta a influência do Reitor Lynaldo Cavalcante na formação dos quadros de docentes e pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba, nessa década.

Ele [Lynaldo Cavalcante] trouxe cerca de 1500 pessoas de fora, procedentes de vários lugares do país e do exterior, mas também gente da própria Paraíba (...) E essas pessoas... ele procurou trazer gente titulada, então ele mudou muito o quadro da universidade. (SILVEIRA, 2011)

Por oportuno, ressalte-se que, para a delimitação dos perfis dos pesquisadores e colaboradores na produção literário-científica do Núcleo, devem-se revelar alguns aspectos, tais como: Quem são os autores? Que gênero (sexo) predominou nas publicações? Quais

suas formações? Quais as linhas temáticas que prevaleceram nas publicações? Como produzem, de forma individual ou múltipla? São essas questões que se discutem de agora em diante.

Percebe-se que os autores das produções literário-científicas do NDIHR eram professores/pesquisadores do Núcleo; pesquisadores/funcionários; professores da UFPB/UEPB que tinham vínculos com o Núcleo, mas cujos trabalhos se adequavam às suas linhas temáticas; pesquisadores/professores do Ensino Médio e alunos bolsistas (de iniciação científica e de especialização).

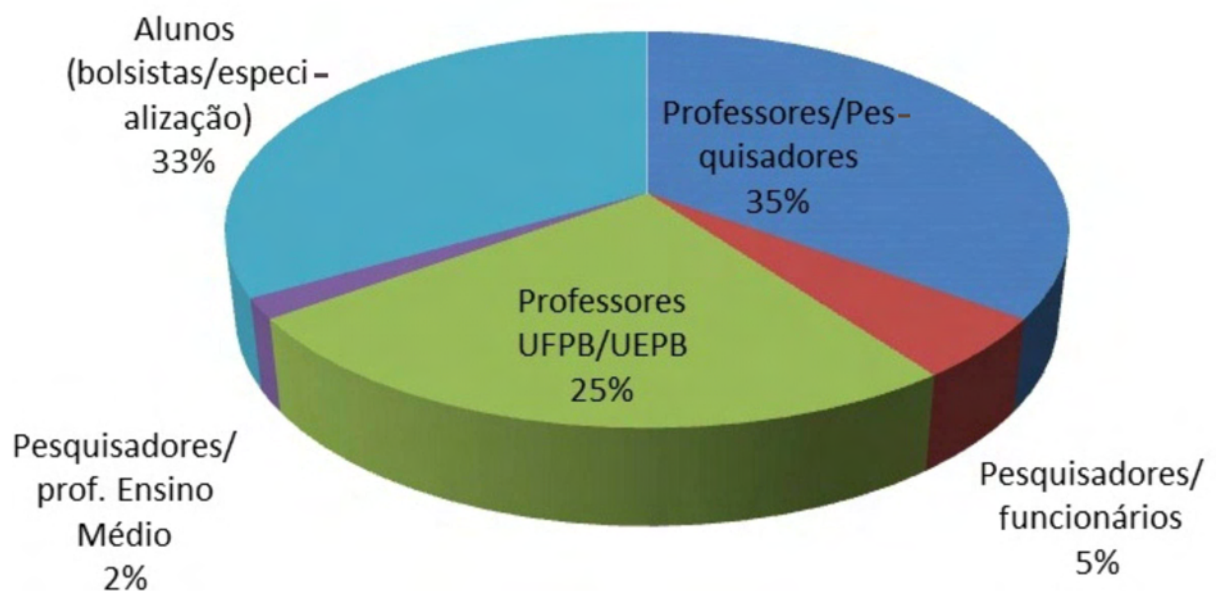
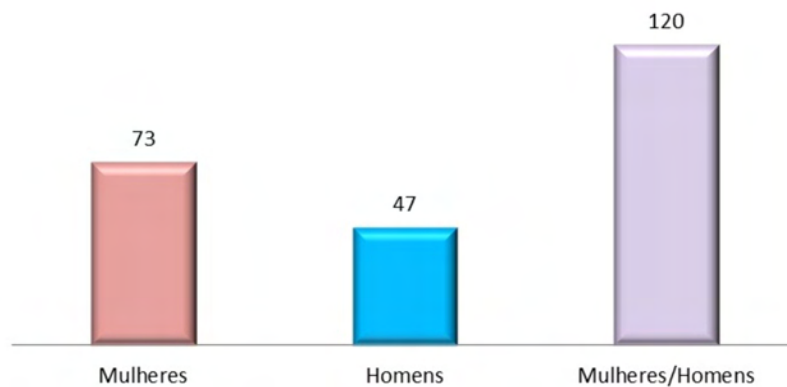


Gráfico 4: Categorias dos autores

Fonte: Dados da pesquisa

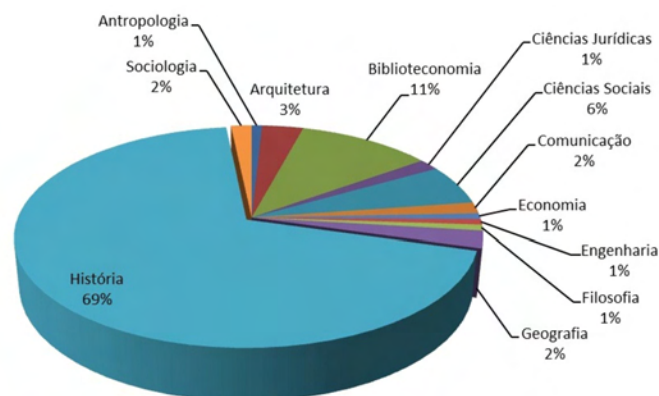
De acordo com o gráfico acima, 74% dos autores das produções do NDIHR são provenientes de seus Programas Permanentes, ou seja, constituem-se de professores/pesquisadores (32%), pesquisadores/funcionários (5%) e alunos bolsistas (35%) que se integram aos programas de Pesquisa e Documentação e Memória.

Ressalta-se a predominância do sexo feminino nas produções do NDIHR, como mostra o gráfico 5.

**Gráfico 5:** Autoria por gênero**Fonte:** Dados da pesquisa

Constata-se que, dos 120 autores, 73 (60,8%) são mulheres, e os homens perfazem um total de 47 (39,2%).

Aponta-se a existência de 120 autores que tiveram seus textos publicados pelo NDIHR. As diversas categorias de autores que publicaram seus trabalhos pelo NDIHR tinham vínculo com a instituição como professor/pesquisador, pesquisador/funcionário, pesquisador/professor do ensino médio, com projetos no Núcleo, e alunos (bolsistas dos projetos da instituição ou de Especialização em Organização de Arquivo, promovidos pelo Núcleo) e perfaziam o total de 90 (75%). Ressalta-se que a política de ensino do Núcleo, a partir de 1995, passa a publicar os trabalhos dessa categoria, na Revista *Debates Regionais*, nº 2, sob a denominação de “NDIHR, e a Pesquisa: Oficina de texto”. Porém, outros autores também publicaram seus trabalhos, porque tinham relação com as Linhas de Pesquisa da entidade, em número de 30 (25%). Todavia, esses profissionais e os que estavam se profissionalizando (alunos bolsistas) contribuíram para o perfil interdisciplinar do Núcleo, como pode ser observar no gráfico 5.

**Gráfico 6:** Autoria por formação**Fonte:** Dados da pesquisa

Ressalte-se a superioridade dos autores com formação em História (69%), o que demonstra a preocupação do NDIHR com a pesquisa histórica. Contudo, evidencia-se a significativa participação de autores de formação em Biblioteconomia (11%). A presença desses profissionais no Núcleo é percebida a partir de 1988, com o Projeto de Cadastro de Entidades Paraibanas, que vai se fortalecendo com os projetos de Organização de Arquivo da Arquidiocese da Paraíba e do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e consolidando com a execução dos três Cursos de Especialização em Organização de Arquivos e os demais Cursos de Extensão em Arquivologia.

FORMAÇÃO ACADÊMICA	SÉRIES						
	CADERNOS DE ESTUDOS REGIONAIS	TEXTOS NDIHR	MATERIAL DIDÁTICO	DEBATES REGIONAIS	NDIHR DOCUMENTOS / INSTRUMENTOS DE PESQUISA	LIVROS	TOTAL
Antropologia	-	1	-	-	-	-	1
Arquitetura	-	2	2	2	-	-	6
Biblioteconomia	-	-	-	5	19	-	24
Ciências Jurídicas	1	1	-	-	-	-	2
Ciências Sociais	1	1	-	2	-	-	4
Comunicação	-	-	1	-	-	-	1
Economia	-	1	-	-	-	-	1
Engenharia	1	-	-	-	-	-	1
Filosofia	-	-	-	1	-	-	1
Geografia	2	1	-	-	-	-	3
História	13	12	20	62	12	1	120
Sociologia	-	5	-	4	-	1	10
TOTAL							174(*)

Quadro 19: Formação acadêmica dos autores nas publicações do NDIHR

Fonte: Dados da pesquisa

OBS. (*) Vale salientar que alguns pesquisadores publicaram em mais de uma obra, e seus nomes foram contabilizados mais de uma vez.

O quadro 18 revela a formação dos autores em cada publicação do NDIHR. Constatam-se 12 diferentes formações acadêmicas, entretanto, em História, o número é inequivocamente mais expressivo. Nota-se a presença de historiadores em todas as publicações.

Os autores formados em Biblioteconomia são representados em número também significativo, inclusive, representam a maioria dos que publicaram em *Instrumentos de Pesquisa* e *NDIHR/DOCUMENTOS*.

Entre as publicações do NDIHR, observa-se a presença das seguintes temáticas: Estrutura de poder; Documentação e memória; Indústria e trabalho; Movimentos sociais urbanos e no

campo; História local; Ensino de História; Teoria e historiografia; Urbanização e modernização; Questão agrária; Cultura; Relações de trabalho; Regionalismo; Atividades produtivas e Relações Comerciais; Mulher e literatura; Sindicalismo; Relações comerciais; Economia pesqueira do Nordeste.

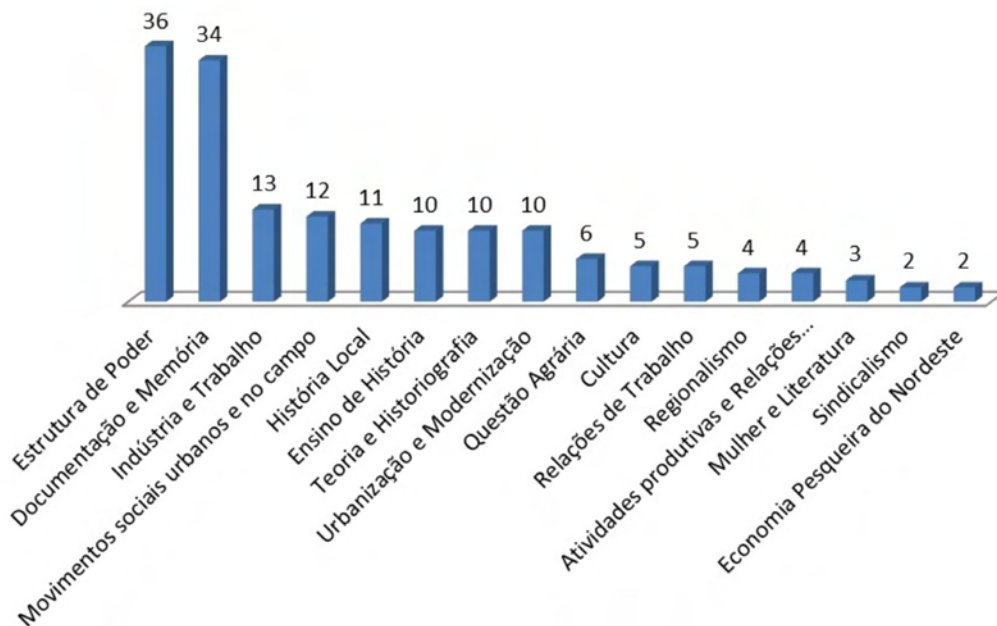


Gráfico 7: Linhas temáticas que prevaleceram nas publicações.

Fonte: Dados da pesquisa

Ressalta-se que a produção literária científica do NDHIR, identificada no recorte temporal deste estudo, é composta por um total de 185 trabalhos. Percebe-se que os autores que mais produziram foram aqueles das linhas temáticas de Estrutura de Poder, com 36 trabalhos (19%); Documentação e memória, 34 (18%); Indústria e trabalho, 13 (7%). As linhas com apenas um trabalho publicado perfazem 10% do total publicado.

5.2.1 Autores mais produtivos

Para compreender bem mais os autores, optou-se por selecionar aqueles que mais produziram/publicaram no NDIHR. Convém enfatizar que, do total de 120, foram selecionados apenas nove como sendo a elite e que foram representados no gráfico a seguir.

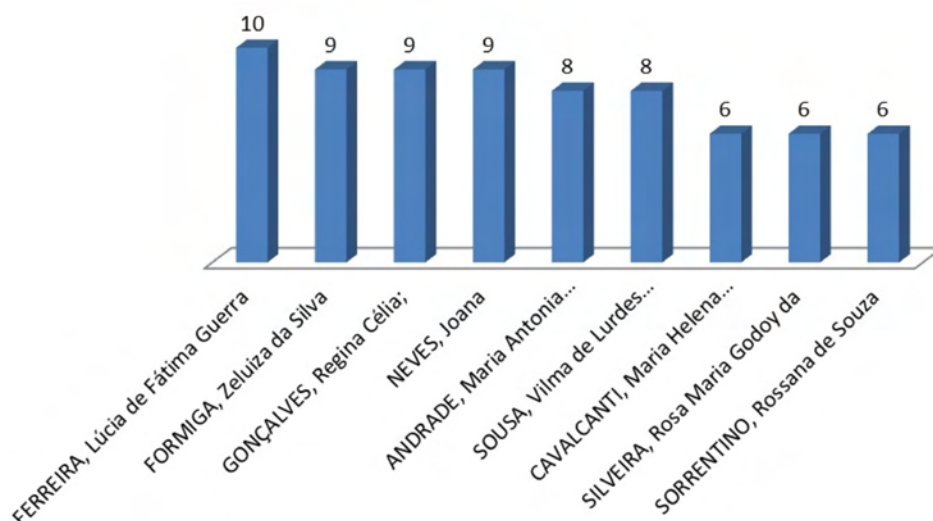


Gráfico 8: Autores com mais produção.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Esses autores produziram/produzem de forma única (individual) ou múltipla. Nota-se que Lúcia de Fátima Guerra Ferreira, com dez produções, lidera o “ranking”, com 6%; Zeluza da Silva Formiga, Regina Célia Gonçalves e Joana Neves assumem o segundo lugar com nove produções (5%); e Maria Antônia Alonso de Andrade está em terceiro lugar com oito produções (4%). Os demais autores, com menos de seis produções, correspondem a 61%. Percebe-se que o NDIHR foi um espaço socializador, no sentido de lançar, ou seja, de fazer nascerem vários novos autores.

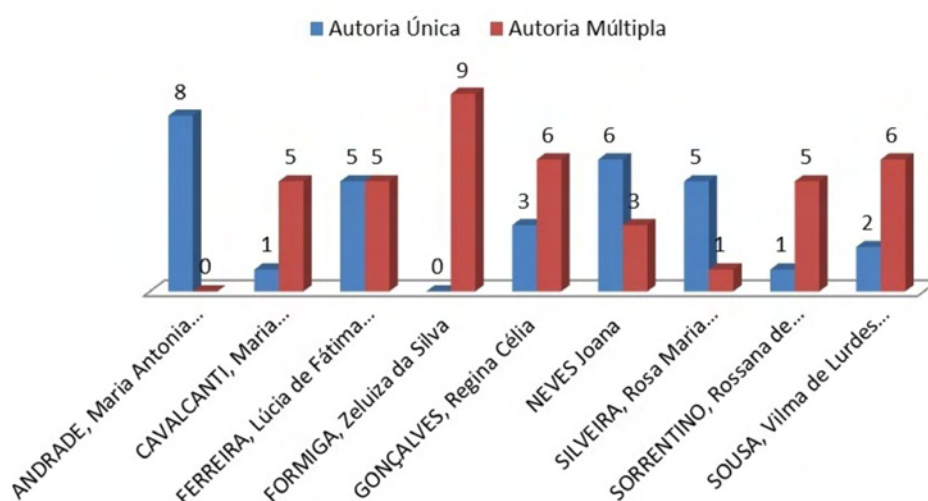


Gráfico 9: Autoria única e múltipla

Fonte: Dados da pesquisa

No NDIHR, a autoria única ou individual predomina sobre a autoria múltipla. Podem-se fazer algumas aferições sobre o gráfico 9, por exemplo: Maria Antônia Alonso de Andrade lidera a autoria única, com oito trabalhos, porém, como coordenadora da Linha de Estrutura de Poder, ela fazia com que todos os membros de sua equipe publicassem seus trabalhos individualmente.

A Professora Zeluiza da Silva Formiga tem uma característica peculiar: todos os trabalhos que publicou foram em parceria com outros autores, o que revela sua personalidade de trabalhar em equipe.

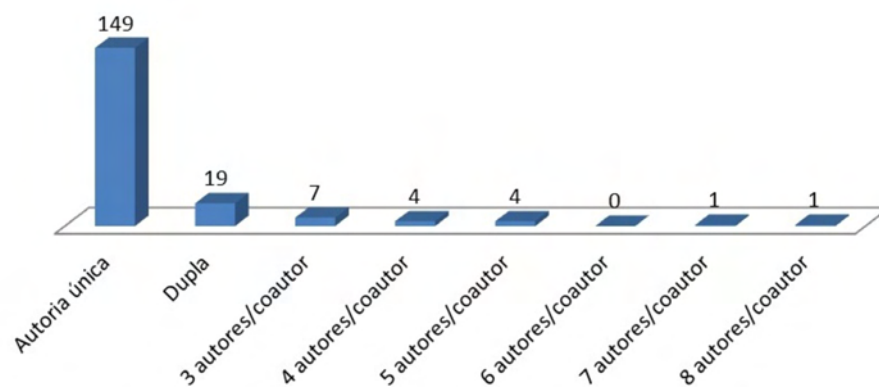


Gráfico 10: Autoria e coautoria das publicações do NDIHR
Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 10 revela esta característica das produções do NDIHR: a tradição em publicar trabalhos de autoria única, porque, mesmo numa instituição de caráter interdisciplinar, as equipes que se formavam para estudar determinada temática levavam em conta o objetivo da instituição - a formação do professor/pesquisador.

5.3 GESTORES E PUBLICAÇÕES

Antes de o NDIHR ser regulamentado, a Coordenação era exercida por um professor indicado pelo Reitor. Após 1979, com a aprovação do Estatuto dos Núcleos, a escolha do coordenador passou a ser realizada através de eleição. Nos primeiros anos, os coordenadores permaneceriam à frente do Núcleo pelo prazo de um ano. A partir de 1992, esse tempo foi alargado para dois anos, e os docentes que desenvolviam projetos no Núcleo podiam exercer a função de coordenadores e vice-coordenadores¹⁷.

¹⁷ Ver apêndice J.

No Quadro 19, apresentam-se os nomes dos coordenadores do Núcleo em cujas gestões houve publicações, os anos em que exerceram a função e a quantidade de publicações durante o respectivo período de gestão.

GESTORES	ANOS DE ATUAÇÃO	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES
Rosa Maria Godoy Silveira	1976 - 1982 1990	07
Neiliane Maia	1983 - 1984 1992 - 1994	22
Maria Antônia Alonso de Andrade	1985 - 1989	21
Irene Rodrigues da Silva Fernandes	1991	05
Laura Helena Baracuhy	1993 - 1994	01
Lúcia de Fátima Guerra Ferreira	1994 - 1996	06
Regina Célia Gonçalves	1996 - 1998	01
Raimundo Barroso	1999-2000	04
TOTAL		67

Quadro 20: Gestores e a produção do NDIHR

Fonte: Publicações do NDIHR. Acervo NDIHR. Pesquisa e elaboração do quadro pela autora

Como vemos no Quadro 19, até o final da década de 1990, o Núcleo não deixou de publicar os resultados de suas pesquisas e, mesmo havendo mudança de Coordenador, foi mantida uma política de publicação. Destacam-se as gestões de Neiliane Maia, com 22 obras publicadas (35%), e Maria Antônia Alonso de Andrade, com 21 (21,32%). Cada uma delas atuou na gestão do Núcleo durante cinco anos.

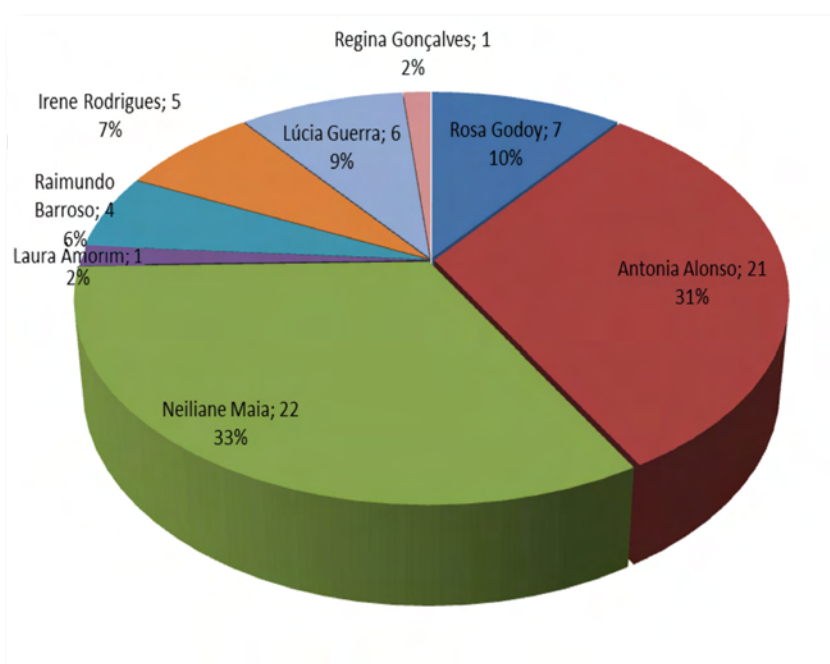


Gráfico 11: Quantificação da produção do NDIHR por gestão

Fonte: Publicações do NDIHR. Acervo NDIHR

O conjunto das publicações do NDHIR, entre os anos de 1976 e 1999, representa muito mais do que o resgate de fontes históricas paraibanas. No contexto em que foram produzidas, elas significaram um posicionamento político diante da chamada história tradicional e desencadearam uma luta entre grupos de intelectuais, o que pode ser entendido melhor através do pensamento de Bourdieu (2009) sobre a luta de classes, ao explicitar o embate entre os professores que trabalhavam com a História tradicional e os professores que vieram para renovar com a História Processo.

A expressão ‘luta de classe’ pode ser repensada através da concepção de Bourdieu (2009) sobre as disputas que perpassam os campos de poder e os *habitus* de classe. Mas não foi esse o eixo com o qual se trabalhou, e embora se tenha pensado algumas vezes e até citado os embates e as querelas, não foi esse o objeto deste estudo. Evidencia-se, na análise das publicações do NDIHR, que, em nenhum momento, houve disputa entre os ‘professores de fora’ e os ‘professores locais’, e a concepção de História-processo que veio com alguns ‘professores de fora’ foi adotada pelos professores locais ou, como se podem considerá-los, professores não tradicionalistas, e ambos os grupos passaram a trabalhar juntos, a pesquisar, a produzir e a dividir as mesmas ideias e os mesmos ideais. A disputa à qual se refere se desenvolveu entre os professores que trabalhavam a História-processo e os diletantes da História tradicional que formavam, entre outros, os quadros dos pesquisadores do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e alguns membros antigos do Departamento de Filosofia e História da UFPB.

As produções do NDIHR não tinham as características que se exige hoje para uma produção científica, como, por exemplo, a atribuição de ISBN ou ISSN e a indexação de acordo com os critérios *Qualis* que, na época, não existiam. Entretanto, o ciclo da produção do conhecimento é parte integrante do produto intelectual do NDIHR: da pesquisa à comunicação da informação sobre os seus resultados como conhecimento científico. Hoje os Periódicos têm as seguintes funções:

Registro de informações (registro público)	Disseminação da informação (meio de comunicação)	Atribuição de prestígio e reconhecimento (instituição social)
a) Controle de qualidade (validação) b) Armazenamento (arquivo científico) c) Estabelecimento da prioridade	a) Informação científica (informação preliminar - diálogo científico) b) Informação pedagógica e histórica c) Informação sobre ciência (cientista e instituições) d) Conteúdos de literatura (recuperação; periódicos de alerta; periódicos secundários)	a) Para autores (prêmio) b) Para instituições (status) c) Para editores e avaliadores (recompensa) d) Para assinantes (credenciais) e) Para publicadores (prestígio e lucro)

Ilustração 14: Funções dos periódicos primários
Fonte: adaptação de Meadows (1999, p.17).

O NDIHR, enquanto manteve sua política de publicação, preocupava-se mais com o conteúdo temático, a interdisciplinaridade e as questões teórico-metodológicas, que precisavam ser reformulados. Hoje, são outras preocupações dos pesquisadores, principalmente com o desenvolvimento tecnológico, que avança rapidamente, e os profissionais que precisam se preocupar com a recuperação da informação como parte integrante do seu cotidiano.

Por essa razão, todo trabalho intelectual de estudiosos e pesquisadores depende de um intrincado sistema de comunicação, que compreende os canais formais e informais, os quais os cientistas utilizam tanto para comunicar os resultados que obtêm quanto para se informarem dos resultados alcançados por outros pesquisadores. Assim, toda pesquisa envolve atividades diversas de comunicação e produz pelo menos uma publicação formal. (MUELLER, 2000, p.21 e 22)

As publicações do Núcleo também não tiveram regularidade, por falta de uma política editorial de publicação da Universidade Federal da Paraíba. Isso interferiu, inclusive, na questão de financiamento das publicações. Segundo Garcia (2005), essa política da UFPB só se explicita no Plano Estratégico de Ações da Instituição de 1994, cujo “objetivo estratégico é de implementar uma política editorial que valorize a produção acadêmica da Instituição e que fortaleça e amplie a utilização do saber nela produzido” (GARCIA, 2005, p.78).

Garcia (2005) afirma, em seu trabalho, que, durante algum tempo, ainda foi possível se publicar, pois

a Editora Universitária foi competente em usar o que se constituía em fortalezas institucionais e oportunidades ambientais, ou seja: um parque editorial; e acervo de estudos/pesquisas para colocar a disposição da sociedade. Porém as dificuldades, a abnegação de poucos, e o longo tempo ultrapassando barreiras minaram-lhe as forças.

As ameaças e debilidades, que residiam na obsolescência gráfica e na carência financeira para atender as necessidades de modernização e de investimento na capacitação de recursos humanos, não foram enfrentadas, e suplantaram as oportunidades favoráveis, com rebatimento nas unidades produtoras dos periódicos. Descuidou-se das potencialidades de fontes de financiamento nacional e internacional e de parcerias que deviam ser encetadas com setores produtivos regionais. (GARCIA, 2005, p.78)

Fato importante ocorreu em 2003, quando o governo atentou para as revistas acadêmicas e criou os Fundos Institucionais de Apoio à Revista Acadêmica (FIAR), com o objetivo de incentivar e fortalecer a divulgação das revistas acadêmicas. Garcia (2005) revela que

[...] o Fundo Institucional de Apoio a Revistas Acadêmicas (FIAR), para incentivar e fortalecer a divulgação de revistas acadêmicas, entendendo a importância de uma política institucional de fomento a editoração científica e de fortalecimento aos cursos de pós-graduação. Dentro desse princípio, o FIAR coaduna-se com o significado de estratégia[...] (GARCIA, (2005) p. 79).

Portanto, as produções do NDIHR, elaboradas antes de toda essa valorização, eram feitas como se podia, com ou sem financiamento, como era o caso dos TEXTOS UFPB/NDIHR.

Assim, a análise da produção do NDIHR não pode ser feita com os critérios da Base Qualis de Periódicos Científicos, ou seja: “A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero” (BRASIL, 2004). A análise que se pode fazer começa pelo seu conteúdo, no qual se valoriza o método científico de uma História-processo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: NAS ÁGUAS DO LETHE OU DO MNEMOSYNE?

O Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), como instituição criada há trinta e cinco anos para dar sustentação à pesquisa e ao ensino superior, firmou-se como um local de produção de informação histórica e historiográfica. Há que se ressaltar a socialização dessa informação através da produção literária científica, divulgada em eventos científicos, em sala de aula, por meio do intercâmbio e de ações de salvamento de fontes documentais primárias. O arcabouço teórico-metodológico adotado pelos pesquisadores, expresso nos resultados de suas pesquisas publicados, reforça a concepção do Núcleo como entidade que atua para preservar e conservar a memória local e agente no processo de instituição de uma nova maneira de ‘fazer história’.

A problematização desta pesquisa partiu de dois questionamentos: Como se configura a produção literária científica do NDIHR e como se caracterizam as práticas de produção e disseminação da informação no Núcleo?

Sobre o primeiro questionamento, tem-se que a produção literária científica do NDIHR, descrita e analisada neste trabalho, forma um corpus de 67 publicações, divididas em seis séries e dois livros, a saber: a Série Cadernos de Estudos Regionais, com cinco publicações; Textos UFPB/ NDIHR, com 36 textos; Debates Regionais, com três números; NDIHR Documentos, com quatro instrumentos; Instrumentos de Pesquisa, com 13 publicações e Materiais Didáticos, com dez produções.

Publicadas entre os anos de 1976 e 1999, a produção literária do NDHIR perfaz o total de 185 trabalhos científicos, em diversos gêneros textuais e iconográficos: guias, catálogos, inventários, artigos, resumos, resenhas, relatórios, diagnósticos, projetos, levantamento fotográfico e mapeamentos.

Observou-se a presença das seguintes temáticas: Estrutura de Poder; Documentação e memória; Indústria e trabalho; Movimentos sociais urbanos e no campo; História local; Ensino de História; Teoria e Historiografia; Urbanização e modernização; Questão agrária; Cultura; Relações de trabalho; Regionalismo; Atividades produtivas; Relações comerciais; Mulher e literatura; Sindicalismo; Relações comerciais e Economia pesqueira do Nordeste.

Essas temáticas englobam dois importantes programas do Núcleo: o Programa de Documentação e Memória, que produziu 34 trabalhos, que correspondem a 18% da produção relacionada neste estudo, e o Programa de Pesquisa, responsável por 82% da produção.

Contabilizamos um total de 120 autores-colaboradores que publicaram seus trabalhos pelo NDIHR e em cujo perfil observamos 12 diferentes formações acadêmicas. À formação acadêmica em História coube o número mais expressivo, visto que os historiadores colaboraram em todas as publicações. Os autores com formação em Biblioteconomia representam o segundo número mais expressivo e são maioria nas Séries Instrumentos de Pesquisa e NDIHR/DOCUMENTOS.

Informação relevante para a definição do perfil dos autores-colaboradores foi o vínculo com a Universidade Federal da Paraíba. Enquanto mantinham o vínculo com o Núcleo, exerciam as funções de professor/pesquisador, pesquisador/funcionário, pesquisador/professor de ensino médio, com projetos no Núcleo e alunos (bolsistas de cursos de graduação participantes de projetos da instituição ou de Curso de Especialização em Organização de Arquivo promovido pelo Núcleo).

O segundo questionamento a que nos referimos diz respeito a como se caracterizam as práticas de produção e disseminação da informação no Núcleo. Em relação às publicações em autoria única, coautoria e autoria múltipla, o NDIHR publicava trabalhos com autoria única. Atribuímos essa prática à política de formação de equipes de trabalho interdisciplinares, que se formavam com o objetivo de estudar determinadas temáticas, levando em consideração os objetivos da instituição, ou seja, a formação de professores que também desenvolvessem a vocação para a pesquisa na Universidade Federal da Paraíba.

No andamento das nossas pesquisas, a dimensão histórica e a importância do NDIHR para o fortalecimento dos três pilares da universidade brasileira (Ensino, Pesquisa e Extensão) se destacaram. Historicamente, o Núcleo vivenciou três fases, que influenciaram o número e a temática de produções literárias científicas que produziu e disseminou, as quais denominamos de fase de implantação, de consolidação e de crise. Deixemos registrado que essas fases não são estanques, elas se imbricam, entretanto, foram perceptíveis as diferenças em relação à produção literária científica. Constatamos que, na primeira fase, a de implantação (1976-1980), houve apenas cinco publicações, concentradas em apenas uma série, Cadernos de Estudos Regionais, e no resgate de fontes documentais coloniais, com a confecção do Catálogo do Arquivo Histórico Ultramarino. Essa fase revela o momento em que o Núcleo “experimentava” as ações a serem desenvolvidas a posteriori.

De acordo com os documentos que analisamos e os depoimentos que ouvimos, podemos afirmar que as temáticas, nessa fase, ainda não haviam alcançado maturidade para revelar quais delas iriam se consolidar entre as elencadas pelos pesquisadores/professores fundadores do Núcleo.

Na segunda fase, a de consolidação (1981-1996), destacam-se produções de pesquisas, como os Textos UFPB/NDIHR, e o início da produção de Materiais Didáticos sobre a história dos municípios paraibanos (História local). Publicaram-se 56 títulos em 16 anos. Esses números nos levaram a inferir que houve o fortalecimento das pesquisas e, nesse momento, os Textos se tornaram o principal veículo de divulgação dessas pesquisas.

Observando os títulos das publicações desse período e a documentação pesquisada, pode-se concluir que o motivo do aumento do número de publicações se deva ao desenvolvimento do Programa de Documentação e Memória do Núcleo, responsável por projetos de organização de arquivos privados no estado da Paraíba, que deram origem aos instrumentos de pesquisa de cada acervo organizado.

Na terceira fase, a de crise, o Núcleo vivencia uma era de queda expressiva de publicações, pois nenhuma das linhas temáticas se desenvolveu após o ano de 2000, assim como nenhuma produção surgiu após 1999, apesar de a produção do NDIHR revelar um elemento extremamente importante para a pesquisa em ciências humanas, afinal, a documentação que a instituição amealhou, ao longo dos seus anos de vida, permite a realização de pesquisas em áreas distintas do conhecimento e sugere novas temáticas a serem pesquisadas na documentação existente em seu arquivo: administração pública, cidade, escravidão, ensino, indústria, memória da UFPB, questão agrária, gênero, jornais imperiais e alternativos, marcas de leitura, urbanização e modernização, música, movimentos sociais, povos indígenas e indigenismo, trabalho, arquivos, demografia, movimento estudantil etc. Abandono é uma das palavras que poderíamos escolher para caracterizar o NDIHR neste momento.

O pioneirismo do Núcleo deixou suas marcas na produção do conhecimento sobre a história paraibana, as quais podem ser identificadas em suas produções literárias científicas, que serviram como ponta de lança e como instrumento de defesa de uma nova concepção de História. O mapeamento dessas produções possibilitou-nos observar o NDIHR como uma Instituição-memória transformadora e marco na historiografia paraibana.

O caminho percorrido pelo NDIHR deu à história da Paraíba uma nova perspectiva de pesquisa, o conjunto de parâmetros por ele definido – pesquisar as fontes primárias da história regional e local de forma interdisciplinar, formando equipes para estudar os mesmos objetos sob

os vários olhares – e os Programas Permanentes determinaram um modelo de funcionamento da pesquisa e confirmaram a missão que seu projeto de implantação propunha realizar. A associação do ensino e da pesquisa interdisciplinar sobre temas relevantes para a compreensão do processo histórico regional foi uma prática de vanguarda que possibilitou a utilização de metodologias integradoras e que agregassem diversos Departamentos, como os de História, Geografia, Ciências Jurídicas, Ciências Sociais, Arquitetura, Comunicação, Biblioteconomia, Letras, Economia e Metodologia da Educação. Portanto, o Núcleo aglutinou vários centros da UFPB: o Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA), o Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN), o Centro de Tecnologia (CT), o Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) e o Centro de Educação (CE).

Em suas ações de pesquisa, o Núcleo identificou informações de importantes acervos históricos, recolheu-as, cuidou de sua preservação e de sua conservação, organizou-as, registrou-as e publicou-as. Outra ação de destaque do NDIHR se caracterizou pelo referenciamento e a aquisição de fontes históricas, como é o caso dos relatórios de Presidente de Província e da documentação do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa.

Convém ressaltar que o salvamento de fontes documentais significou muito mais do que a simples ação de salvamento ‘físico’ de fontes primárias. Quando o Núcleo produziu seus instrumentos de pesquisa, realizou ações de representação das informações históricas sobre a Paraíba e garantiu que outros pesquisadores tivessem acesso a essas informações.

As produções literárias científicas do Núcleo são instrumentos de publicização das informações históricas e historiográficas produzidas pelos autores e atores que construíram essa instituição-memória. Outras formas ocorreram em eventos, congressos, simpósios, seminários, encontros, visitas dirigidas na própria instituição e em outras instituições, ação que marca o trabalho do NDIHR com os usuários internos (alunos, professores e funcionários) e externos da UFPB.

Feitas as considerações sobre os questionamentos que guiaram nossa pesquisa, podemos afirmar que seu objetivo geral - Analisar as ações do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), órgão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como Núcleo de pesquisa produtor e disseminador de produção literária científica, entre os anos de 1976 e 1999, foi alcançado em todos os seus aspectos. Entretanto, antes de encerrar minha abordagem, resta uma explicação sobre o subtítulo destas considerações finais.

A pergunta “NAS ÁGUAS DO LETHE OU DO MNEMOSYNE?” refere-se aos dois rios que tratam da memória (Mnemosyne) e do esquecimento (Lethe). Eles percorrem caminhos

diferentes, mas convergem para o mesmo oceano de dúvidas: lembrar e esquecer o quê? Se prestarmos atenção, fica evidente que lembramos e esquecemos a mesma coisa, ou seja, a “vida passada” ou “vida já vivida”.

Ao pensar nessa questão do lembrar e do esquecer, encontramos a semelhança dos fenômenos de funcionamento de ambos com a história atual do NDIHR, pois, a cada estratégia do lembrar, existe uma analogia com o esquecer, como se ambos os mecanismos fossem os lados de uma mesma moeda. Na atual fase de crise do NDIHR, questiona-se: A UFPB agirá como aquele indivíduo que bebe do Rio do Esquecimento e esquece a história e a relevância que o NDIHR teve para a sua própria história? Ou agirá como o indivíduo que bebe das águas do Rio da Lembrança e preserva sua memória e sua história?

Apesar de todas as contribuições para a história da UFPB, a memória do próprio Núcleo, materializada em seu arquivo, sofre com a conjuntura de crise em que se encontra. Portanto, há uma pergunta que ainda procura por sua resposta: A UFPB terá sua memória arquivada? O que escolherá? Preservar ou esquecer a própria história?

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Lynaldo Cavalcanti. Entrevista cedida ao NDIHR em 12/09/1990, em João Pessoa, tendo como entrevistadores: Claudio José Lopes Rodrigues; Zélia Melo; Rosa Maria Godoy Silveira e de Maria das Dores Limeira Santos.

ALEM, Silvio Frank. Apresentação. Cadernos de Estudos Regionais, ano IV, n. 4, p. 11-13. Jun. 1981.

ARÓSTEGUI, Julio. A pesquisa Histórica: teoria e método. Bauru-SP: Edusc, 2006.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Dicionário Brasileiro de Terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: www.arquivonacional.gov.br/download/dic_term_arq.pdf. Acesso em 22 out. 2009.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Informação e Memória: as relações na pesquisa. Revista História e Reflexão, Dourados, v. 1, nº 2, p. 1-20, jul/dez 2007.

_____. Informação e patrimônio arqueológico: formação de memórias e construção de identidades. Anais IX ENANCIB: diversidade cultural e políticas de informação, São Paulo, 2008, p. 1-12. (CD ROOM)

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Portugal: Edições 70, 2010.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. Fundamentos de Metodologia Científica: um guia para a iniciação científica. 2. ed. São Paulo: MAKRON BOOKS, 2000.

BARROS, Ruston Lemos de. Apresentação. Cadernos de Estudos Regionais, ano III, n. 2, p. 9-12. Jun. 1980.

_____. O Centro de Ciências Humanas Letras e Artes: das Origens à Democratização (1960/1984). João Pessoa, 1996. (Projeto de Pesquisa)

BASTOS, Elide Rugai. Interdisciplinaridade o CPDOC e o pensamento social brasileiro.

In: CAMARGO, Célia et al. CPDOC 30 anos. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 153-178. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br> Acesso em: 15 nov. 2011.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos Permanentes: tratamento documental. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

_____. Arquivos Permanentes: tratamento documental. 2. ed. rev. amp. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BERNHEIM, Carlos Tünnermann; CHAUI, Marilena de Souza. Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior. Brasília: UNESCO, 2008.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORKO, H. Information science: what is it? American Documentation, v. 19, n.1, 1968.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRAGA, K. S. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MULLER, S. P. M. Métodos para pesquisa em Ciências da Informação, Brasília: Thesaurus, 2007.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). QUALIS DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS. Critérios de qualificação de periódicos científicos da área. Disponível em <http://qualis.capes.gov.br>. Acesso em: . 2004.

BURKE, Peter. O controle do conhecimento: Igrejas e Estado. In: _____. Uma História Social do Conhecimento: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUCKLAND, Michael K. (1991): Information and Information Systems. New York.

CALLADO, Antonio. Epígrafe. In: NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL. Cadernos de Estudos Regionais, ano 4, n.4, Jun. 1981, p.7.

CAMARGO, Célia Reis. “Os Centros de Documentação das Universidades: tendências e Perspectivas”. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). Arquivos, Patrimônio e Memória: Trajetória e Perspectivas. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. Disponível em: <<http://www.capurro.de/enancib>>. Acesso em: 26/12/2003.

CAPURRO, Rafael; BIRGER Hjørland. O Conceito de Informação. Perspectiva em Ciência da Informação, v. 12, n.1, p. 148-207, jan/abr. 2007.

CATROGA, Fernando. Memória, História e Historiografia. Coimbra: Quarteto, 2001.

CAVALCANTE, Lúcia Eugênia. Memória, Informação e Acervo. In: PINTO, Virginia Bentes et all (org). Ciência da Informação: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações. Fortaleza: UFC, 2007. p. 183-200.

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL. Debates regionais: Fazer História: (Des)construção e (In)certeza, João Pessoa, nº 3, 1996.

DIAS, Margarida Maria Santos. Intrepida ab origine: O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local – 1905/1930. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda, 1995.

DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVISTICA. Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo, São Paulo, 1996.

DIEHL, Astor Antonio. Cultura Historiográfica: memória, identidade representação. Bauru: Edusc, 2002.

DOUMENGE, François. Epígrafe. In: NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL. Cadernos de Estudos Regionais, ano 3, n.2, Jun. 1980, p.5.

FEBVRE, Lucien. Combates pela História. Lisboa: Editorial Presença, 1977. v. 1.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio século xxi: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERRERA, Lúcia de Fátima Guerra. A organização de Arquivos e a Construção da Memória. In: Boletim do Arquivo Eclesiástico da Paraíba, ano I, n. 2, jul/dez, 1994.

_____. O Ensino Superior e a Formação dos Intelectuais Paraibanos – CCHLA. João Pessoa, maio de 2000. (Projeto de Pesquisa)

FIOREZE, Romeu. Metodologia da pesquisa: como planejar, executar e escrever um trabalho científico. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2002.

FREIRE, G. H. A. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v.11, n.1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO. Os porquês do Brasil, entrevista com Michel Shoyans, Nov. 1977, p. 20. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=os+porqu%C3%AAs+do+brasil&site=&periodo=acervo&x=0&y=0>. Acesso em: Jun. 2011.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Critérios para consolidação dos periódicos científicos da Universidade Federal da Paraíba. In: Revista Conceito. João Pessoa, v. 6, ADUF/JP, 2005. p. 78 - 84

GASPARI, Élio. A história do Brasil: o passado do país está sendo escrito em inglês. In: Veja. São Paulo, n. 168, 24 nov.1971.

GEERTZ, Clifford James. Uma descrição densa: Por uma teoria Interpretativa da cultura. In: _____. A Interpretação das culturas. Tradução de Fanny Wrolbel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 13-41.

GODINHO, V.M. Epígrafe. In: NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL. Cadernos de estudos regionais, ano 2, n. especial, Dez. 1979, p. 5.

GONÇALVES, Regina Célia; et al. História Local: Nova Metodologia de Ensino. DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 263-277, 2º sem. 1993.

GONZÁLEZ DE GÓMES, Maria Nelida. A Informação como Instância de Integração de Conhecimento, Meios e Linguagens. Questões Epistemológicas, Consequências Políticas. In:

GONZÁLEZ DE GÓMES, Maria Nélida; DILL ORRICO, Evelyn Goyannes (Org.). Políticas de Memória e Informação: reflexos na organização do conhecimento. Natal: EDUFRN, 2006. p. 29-84.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

IMPLANTAÇÃO DE CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL – CUIBÁ – MT - JOÃO PESSOA - PB. [1975].

JAGUAR. Entrevista com Ralph Della Cava. 17 nov. 1977

LE COADIC, Yves-François. A Ciência da Informação. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

_____. A Ciência da Informação. 2. ed. rev. atual. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

_____. História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

LOPES, José Sergio Leite. Movimentos sociais e classes populares: uma linha de pesquisa subsidiária estratégica. In: CAMARGO, Célia et al. CPDOC 30 anos. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 153-178. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br> Acesso em: 15 nov. 2011.

MADRUGA, Ana Glória Cornélio. Apresentação. Caderno de Estudos Regionais, João Pessoa, ano III, nº 3, p. 9-10, dez. 1980.

MASSI, Fernanda Peixoto. Brazilianismos, “Brazilianists” e discursos brasileiros. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 29-44, 1990.

MEADOWS, A. J. Mudança e crescimento. In: _____. A Comunicação Científica. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. p. 1-38.

MINAYO, M. C. S. et al. (orgs.). Construção dos instrumentos qualitativos e quantitativos. In: _____. Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 133-156.

MINAYO, M.C.S. & SANCHES, O. Métodos Qualitativos e Quantitativos: oposição ou complementaridade? Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep. 1993.

MOREIRA, Regina da Luz. Brazilianistas, historiografia e centros de documentação. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 66-74, 1990.

MOVIMENTO. Os livros de março. São Paulo, nº 84, 1977.

MOVIMENTO. Um brazilianista no planalto. São Paulo, nº 79, 3 jan. 1977.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A Ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, B. S.; CÉNDON, B.V.; KREMER, J.M.. (org). Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 21 – 34.

NEVES, Joana. Como se Estuda a História. In: Revista de Ciências Humanas, UFPB – CCHLA. João Pessoa, ano 2, n 4, p. 65 a 91, out./dez. 1980.

NEVES, Joana. Subsídios para estruturação do setor de acervo do NDIHR. 1979. (Mimeo)

NEVES, Joana; FORMIGA, Zeluiza da Silva. Apresentação. In: MEDEIROS, Maria do Céu; SÁ, Ariane Norma de Menezes. O Trabalho na Paraíba: das origens á transição para o trabalho livre. João Pessoa: UFPB, 1999. 126 p. (Coleção História Temática da Paraíba, v. 1).

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

NOVAIS, Fernando; CARDOSO, Fernando Henrique. Anotações para um preâmbulo a quatro mãos. In: LOVE, J. A locomotiva: São Paulo na federação brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

JAGUARIBE, Sérgio de Magalhães Gomes (Jaguar). O pasquim, Rio de Janeiro, n. 438, 17 Nov. 1977.

OLIVEIRA, Carmen Irene Correia de; DILL ORRICO, Evelyn Goyannes. Memória e discurso: um diálogo promissor. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. (org.). O que é memória social. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria/Programa de Pós-Graduação em memória social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005. p. 73 – 87.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg Rodrigues. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. Comunicação oral apresentada ao GT-01- Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação. IX ENANCIB: Diversidade Cultural e Políticas de informação. São Paulo: USP, 2008.

PACHECO, Leila Maria Serafim. A informação enquanto artefato. In: Informare, Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, rio de Janeiro, v.1, n.1, jan./jun. 1995. p. 20-24.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. Ciência da Informação. v. 24, n.1, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/531>. Acesso em: 22 out. 2009.

PIRES, D. José Maria. Proêmio. Guia do Arquivo Eclesiástico da Paraíba. João Pessoa, 1992. p. 1-2.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em: 10 Fev. 2012.

PLANO ESTRATÉGICO DE AÇÕES 1993/1996. (Reitorado Neroaldo Pontes de Azevedo). João Pessoa: Ed. Universitária, 1994.

RICŒUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROBREDO, Jaime. Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem revisitada e contemporânea da Ciência da Informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentária, arquivística e museológicas. 4. ed. revisada. Brasília, DF: Edição de Autor, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna. Estudos Avançados. São Paulo: v. 2, n. 2, p 46-71, 1988.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. Perspectivas em Ciência da Informação, v.1, n.1, 1996.

SEVÁ, Oswaldo. Documento á comissão de Implantação do NDIHR/UFPB – junho/79.

SILVA, Armando Malheiros da. A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objeto científico. Porto: Afrontamento, 2006.

SILVA, Armando Malheiros da, et all . Arquivística - Teoria e Prática de uma Ciência da Informação. 3. ed. Porto: Afrontamentos, 2009.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Apresentação. In: Cadernos de Estudos Regionais, João Pessoa, Ano1, nº 1, p. 7, 1976.

_____. A Luta do Historiador. Revista de Ciências Humanas, UFPB – CCHLA. João Pessoa, ano 2, n 4, p. 13 a 21, out./dez. 1980.

_____. A Pesquisa Histórica na UFPB – Implantação de um Centro de Documentação. Revista de Ciências Humanas, UFPB – CCHLA. João Pessoa, ano 2, n 4, p. 249 a 265, out./dez. 1980.

_____. Recuperar a memória, fazer história. Debates Regionais: fazer história: (des) construção e (in)certeza, n. 3, p.11-19, 2º sem./ 1996.

_____. Entrevista concedida a bolsistas para o Projeto NDIHR 2º Anos: Resgate e Construção de uma História, Ataides Cassimiro da Silva, Gorgina Alves da Fonseca e Vera Lúcia da Silva, em 21.05.1998.

_____. Educação em/para os direitos humanos: entre a universalidade e as particularidades, uma perspectiva histórica. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos. João Pessoa: UFPB, 2007. p. 245 – 273.

_____. Entrevista concedida a Adeilma Bastos, em 17 de julho de 2007.

_____. Movimentos sociais, memória e história. Revista Universidade e Sociedade, Distrito Federal, v.18, n. 42, p. 185-193, jun. de 2008.

_____. Memória e Ensino de História. Anais do XIV Encontro Estadual de História. João Pessoa, ANPUH/PB, 2010.

TESSITORE, Viviane. Como Implantar Centros de Documentação. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial de São Paulo 2003 (Coleção Como Fazer, n. 9). Disponível em: <http://www.unesdoc.unesco.org/images/0013/001344/134422.pdf> Acesso em: 04 Mar.2012

UFPB. Portaria R/GR/nº 015, de 01 de junho de 1976.

UFPB–CONSEPE. Resolução Nº 26/79.

UFPB – CONSUNI. Resolução Nº 164/79, 14 de maio de 1979

UFPB – CONSEPE. Resolução Nº 26/96.

UFPB – CONSEPE. Resolução Nº 07 / 97.

UFPB – CONSEPE Resolução Nº 20/97.

UFPB/NDIHR. Proposta de elucidação do termo Linha temática – 15 de novembro de 1976.

UFPB/NDIHR. Regulamento, 1979.

UFPB/NDIHR. Regulamento, 1997

UFPB/NDIHR. Livros de Atas nº 1 – 1979 – 1991.

UFPB/NDIHR. Livros de Atas nº 2 – 1991 – 1998.

UFPB/NDIHR. Relatório de atividades: Período: 1976 - 1980. João Pessoa, PB. Abr. 1980.

UFPB/NDIHR. Relatórios de Atividades. Anos: 1978, 1979, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1994-1996.

UFPB/NDIHR. Resolução Nº 01/91, 29 de maio de 1991.

WERSIG, G. Information Science: The study of postmodern knowledge usage. Information Processing and Management, v. 29, n. 2, p.229-239, 1993.

ZEMAN, Jíri. O Significado Filosófico da Noção de Informação. O Conceito de Informação na Ciência Contemporânea - Colóquios Filosóficos Internacionais de Royaumont. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 154-179.

APÊNDICES

APÊNDICE A:

1. Inventário das pesquisas e produtos do Programa de Documentação e Memória Regional (1976- 1999) - Projetos de referênciação realizados
2. Linhas Temáticas e Projetos de Pesquisa (1976-1999)

1. Inventário das pesquisas e produtos do Programa de Documentação e Memória Regional (1976- 1999) - **Projetos de referência realizados**

PROJETO	Arrolamentos de Acervos Cartoriais para a História da Paraíba.
PROPONENTE	Professora Diana Soares de Galiza, do Departamento de História da UFPB, para Dissertação de Mestrado junto ao Curso de Mestrado em História, da UFPE
ÓRGÃO (S) DE APOIO	NDIHR/UFPB
COORDENAÇÃO GERAL	Rosa Maria Godoy Silveira
PESQUISADORES NDIHR	Diana Soares de Galiza,
ESTAGIÁRIOS	Marileuza Fernandes de Brito, Rosilda Maria de Carvalho, Élide de Lima Barbosa, Lúcia de Fátima Guerra, Maria Santana de Souza e Simone Ferreira de Lima
PERÍODO	1976 - 1977
RESULTADOS	Instrumento de Pesquisa Cadernos de Estudos Regionais: Ano II.Série Documentação/1 João Pessoa, UFPB/NDIHR 1979 (nº.Especial) Dissertação de Mestrado publicada pela Ed.Universitária da UFPB, sob o título: O Declínio da Escravidão na Paraíba.
ÁREAS DE INTERESSE DO NDIHR	Programa de Documentação e Memória Regional, e Linhas Temáticas que desenvolvem estudos de natureza sócio-econômico - político e sobre a história do cotidiano.
FORMAS DE ACESSO	Atendimento ao público no Arquivo do NDIHR/UFPB Central de Aulas Bloco F, Cidade Universitária Campus I CEP: 58.051-970 João Pessoa PB Fone: (0xx83) 216-7159

PROJETO	Documentos do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa
PROPONENTE	NDIHR/UFPB
COORDENAÇÃO GERAL	Rosa Maria Godoy Silveira
PESQUISADORES NDIHR	Professora Elza Régis de Oliveira
ESTAGIÁRIOS	Elide de Lima Barbosa, Lúcia de Fátima Guerra Ferreira, Maria Aparecida Ramalho Galvão e Maria Santana de Sousa
PERÍODO	1977 a 1978

RESULTADOS	Instrumento de Pesquisa: Catálogo de Documentos Paraibanos do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa 1593 – 1865 (2 volumes datilografados) Microfilmes dos documentos (16 rolos)
ÁREAS DE INTERESSE DO NDIHR	Programa de Documentação e Memória Regional e Linhas Temáticas de modo geral.
FORMAS DE ACESSO	Atendimento ao público no Arquivo do NDIHR/UFPB Central de Aulas Bloco F, Cidade Universitária Campus I CEP: 58.051-970 João Pessoa PB Fone: (0xx83) 216-7159

PROJETO	Levantamento de Fontes para a História da Agricultura do Norte – Nordeste (Paraíba 1850 – 1950)
PROPONENTE	Guillermo Palácios
ÓRGÃO (S) DE APOIO	Escola Interamericana de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas – FGV e UFPB
COORDENAÇÃO GERAL	Inês Caminha Rodrigues
BOLSISTAS	Gilzinete Feitosa Guedes Pereira, Elide de Lima Barbosa, Maria Aparecida da Silva, Maria de Lourdes Batista de Vasconcelos, Maria Santana de Souza, Maria Salete de Lima, Miriam Marinho Brunet, Vanda Lúcia Miculis, Vera Lúcia Caminha Pessoa da Costa e Vitória Régia Oliveira Costa.
PERÍODO	1977 a 1978
RESULTADOS	Listagem da bibliografia levantada, organizada por instituição.
ÁREAS DE INTERESSE DO NDIHR	Programa de Documentação e Memória Regional,
FORMAS DE ACESSO	Atendimento ao público no Arquivo do NDIHR/UFPB Central de Aulas Bloco F, Cidade Universitária Campus I CEP: 58.051-970 João Pessoa PB Fone: (0xx83) 216-7159

PROJETO	Levantamento de Registros Paroquiais na Paróquia de Nossa Senhora das Neves da Cidade da Paraíba
PROPONENTE	Professora Élide de Lima Barbosa, para Dissertação de Mestrado junto ao Curso de Mestrado em História da UFPR.
ÓRGÃO (S) DE APOIO	NDIHR/UFPB
COORDENAÇÃO GERAL	Rosa Maria Godoy Silveira
PESQUISADORES NDIHR	Élide de Lima Barbosa
COLABORADORES	Nancy Azevedo da Silva e José Carlos Gomes da Silva (Funcionários do NDIHR)

PERÍODO	1982 a 1984
RESULTADOS	Instrumento de Pesquisa: Fichas de Registros cobrindo o período de 1833 a 1889 Batismo, (18.990 registros) Casamento (2.196 registros) Óbito (6.704) Banco de Dados (em fase de digitação dos dados)
ÁREAS DE INTERESSE DO NDIHR	Programa de Documentação e Memória Regional, e estudos de demografia histórica
FORMAS DE ACESSO	Atendimento ao público no Arquivo do NDIHR/UFPB Central de Aulas Bloco F, Cidade Universitária Campus I CEP: 58.051-970 João Pessoa PB Fone: (0xx83) 216-7159

PROJETO	Consolidação do Acervo do NDIHR
PROPONENTE	NDIHR/UFPB
ÓRGÃO (S) DE APOIO	CNPq
COORDENAÇÃO GERAL	Rosa Maria Godoy Silveira
PESQUISADORES NDIHR	Maria do Céu Medeiros, Zeluza da Silva Formiga e Joana Neves
AUXILIARES DE PESQUISA	Felicidade Lúcio Ribeiro e Gloriete Pimentel Rodrigues
TÉCNICOS NDIHR	Cristiano Zenaide Paiva, Edna Maria Henriques dos Santos e Mércia Eliane Cardoso
ASSESSORIA FGV/CPDOC	Célia Camargo
PERÍODO	1985 a 1986
RESULTADOS	Instrumentos de Pesquisa: Catalogação dos Relatórios de Presidentes de Província do Nordeste Levantamento dos Periódicos Avulsos do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano Cadastramento dos Acervos de Instituições Organização e Catalogação da documentação Micrográfica, Audiovisual, bibliográfica e hemerográfica do Acervo NDIHR
ÁREAS DE INTERESSE DO NDIHR	Programa de Documentação e Memória Regional e Linhas Temáticas de Modo Geral
FORMAS DE ACESSO	Atendimento ao público no Arquivo do NDIHR/UFPB Central de Aulas Bloco F, Cidade Universitária Campus I CEP: 58.051-970 João Pessoa PB Fone: (0xx83) 216-7159

PROJETO	Inventário de Obras Antigas e/ou Raras
PROPONENTE	Pró-Memória/Biblioteca Nacional/PLANOR – UFPB
ÓRGÃO (S) DE APOIO	Biblioteca Nacional/PLANOR – UFPB/NDIHR/FAPE
COORDENAÇÃO GERAL	Rosa Maria Godoy Silveira (NDIHR) e Humberto Cavalcanti de Melo (IHGP)
PESQUISADORES NDIHR	Felicidade Lúcio Ribeiro, Gloriete Pimentel Rodrigues, Joana Neves, Neiliane Maia e Zeluiza da Silva Formiga
EQUIPE DO IHGP	Umbelino José Peregrino de Araújo Albuquerque, José Batista de Melo Neto, Sérgio de Matos Vieira Costa, Leonilda Góis Diniz, Maria do Perpétuo Socorro dos Santos Ferreira, Luzia Inácia Simões e Jairo Félix de Araújo
PRÓ-MEMÓRIA/PB	Normanda de Freitas Lira
MUSEU DA ABOLIÇÃO	Ângela Sumavielle
TÉCNICO NDIHR	Nancy Azevedo da Silva
PERÍODO	1986 a 1987
RESULTADOS	Instrumentos de Pesquisa: Seleção e Inventário de 1.000 obras antigas e/ou raras (atualmente publicadas através do Projeto Tradição Cultural da Paraíba: Organização e Preservação do Acervo Documental do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano) Restauração/encadernação dos Relatórios oficiais do século XIX Organização do acervo museológico
ÁREAS DE INTERESSE DO NDIHR	Programa de Documentação e Memória Regional e Linhas Temáticas de Modo Geral.
FORMAS DE ACESSO	Atendimento ao público no Arquivo do NDIHR/UFPB Central de Aulas Bloco F, Cidade Universitária Campus I CEP: 58.051-970 João Pessoa PB Fone: (0xx83) 216-7159

PROJETO	Guia de Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros: Acervos das Capitais
PROPONENTE	Núcleo de História Indígena e do Indigenismo – NHII/USP
ÓRGÃO (S) DE APOIO	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP e Reitoria da Universidade de São Paulo – USP
COORD. GERAL	John Manuel Monteiro - USP

COORD. EXECUTIVA NA PARAÍBA	Neiliane Maia – UFPB
PESQUISADORES NDIHR	Maria do Céu Medeiros e Ruston Lemos de Barros
AUXILIARES DE PESQUISA	Ana Cristina Marinho Lúcio, Maria da Vitória Barbosa Lima e Solange Pereira da Rocha
PERÍODO	Outubro de 1989 a Março de 1990
RESULTADOS	Instrumento de Pesquisa: Guia de Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros: Acervos das Capitais/ coordenação John Manuel Monteiro. – São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo / FAPESP, 1994
ÁREAS DE INTERESSE DO NDIHR	Programa de Documentação e Memória Regional , História do Índio e do Indigenismo na América do Sul
FORMAS DE ACESSO	Atendimento ao público na Biblioteca Sílvio Frank Alem. NDIHR/UFPB Central de Aulas Bloco F, Cidade Universitária Campus I - CEP: 58.051-970 João Pessoa PB

PROJETO	Cadastro de Entidades Paraibanas
PROPONENTE	NDIHR
ÓRGÃO (S) DE APOIO	CNPq.
COORD. GERAL	Lúcia de Fátima Guerra
PESQUISADORES NDIHR	Neiliane Maia, Maria das Dores Limeira, Zeluiza da Silva Formiga
BOLSISTAS	Ana Christina Farias de Carvalho, Josineide da Silva Bezerra, Laudereida Eliana Marques Morais Tânia Maria da Silva e Sandra
PERÍODO	1988 a 1990
RESULTADOS	Fichas cadastrais
ÁREAS DE INTERESSE DO NDIHR	Programa de Documentação e Memória Regional,
FORMAS DE ACESSO	Atendimento ao público no Arquivo do NDIHR/UFPB Central de Aulas Bloco F, Cidade Universitária Campus I CEP: 58.051-970 João Pessoa PB Fone: (0xx83) 216-7159

PROJETO	Organização, implantação e estruturação do arquivo da Ação Pastoral Franciscana	
LINHA TEMÁTICA	Questão agrária	
COORDENADOR	Maria Beatriz Ferreira Lavieri Irene Rodrigues da Silva Fernandes	NDIHR História
PESQUISADORES	-	-
BOLSISTAS	Tereza Cristina Nunes de Oliveira Patrícia Sousa Montenegro Viviane de Lima Franca	PIBIC PIBIC PIBIC
CONSULTORIA	-	-
FINANCIADOR	-	
DURAÇÃO	Início: julho/93	Término: agosto/97

PROJETO	Projeto Resgate “Barão Rio Branco”: Capitania da Paraíba
PROPONENTE	Ministério da Cultura/Brasil
ÓRGÃO (S) DE APOIO	Governo do Estado da Paraíba; Universidade Federal da Paraíba
COORD. GERAL	Esther Bertolletti (Assessora do MINC)
COORD. PEDAGÓGICA	Rosa Maria Godoy Silveira
PESQUISADORES	Elza Régis de Oliveira, Mozart Vergetti de Menezes, Maria da Vitória Barbosa Lima.
BOLSISTAS	----
PERÍODO	1997 a 2002
RESULTADOS	Catálogo (impresso); 57 microfilmes; 6 cds.
ÁREAS DE INTERESSE DO NDIHR	Programa de Documentação e Memória Regional,
FORMAS DE ACESSO	Atendimento ao público no Arquivo do NDIHR/UFPB Central de Aulas Bloco F, Cidade Universitária Campus I CEP: 58.051-970 João Pessoa PB Fone: (0xx83) 216-7159

2) Linhas Temáticas e Projetos de Pesquisa (1976-1999)

LINHA TEMÁTICA	PROJETOS DESENVOLVIDOS	PERÍODO
Formação histórica da rede urbana	Tipologia funcional de cidades e formação histórica das cidades nordestinas	1976 – 1980
	Município e poder no Estado da Paraíba	1980
Relações comerciais da Paraíba	Relações comerciais da Paraíba	1977 – 1978
Manifestações culturais	João Pessoa – 400 anos: evolução urbana e arquitetura	1984
	Cidades esquecidas	1996 – 1997
	A situação atual dos Cocos na Paraíba	1993 – 1994
	Regionalismo comparado: historiografia e literatura	1996 – 1998
	Revistas brasileiras na Constituição da história da arquitetura moderna brasileira (1936-1955)	1999 - 2000
	Classificação histórica e cultural das cidades paraibanas	1998 – 1999
Educação e Sociedade	História local: Nova metodologia do ensino de base	1992 – 1993
	Livro didático de História da Paraíba	1992 – 1999
	História, Sociedade e Educação no Brasil	1997 – 2000
	História do ensino superior na Paraíba	1989 – 1990
	Resgate do processo histórico e cultural do município de Cabedelo	1994 – 1996
	Resgate do processo histórico e cultural do município de Areia	1995 – 1996
	Resgate do processo histórico e cultural do município de Guarabira	1996 – 1999
	NDIHR 20 Anos – Resgate da construção de uma História	1996 – 1998
	Memória da produção científica do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (1974-1998)	1998 – 2000
	Resgate do processo histórico e cultural do município de Conde	1991 – 1996
	Resgate do processo histórico e cultural do município de Pedras de Fogo	1998 – 1993
	Resgate do processo histórico e cultural do município de Ingá	1989 – 1993
	Resgate do processo histórico e cultural do município de Patos	1982 – 1983
	Universidade e Ensino: História da UFPB	1980 – ?

LINHA TEMÁTICA	PROJETOS DESENVOLVIDOS	PERÍODO
Estrutura de Poder	História Oral da Paraíba (1930-64)	1978 – 1981
	Memória política na Paraíba	?
	Processo político partidário e eleições	1982 – 1993
	Representação política ao nível municipal no Nordeste: câmara de vereadores	1982 – ?
	As eleições municipais de 1985 em João Pessoa	1985
	Eleições de 1986 na Paraíba	1986
	Processo político e eleições de 1990 na Paraíba	1990 – 1993
	Elites políticas regionais	1990
	Teias invisíveis de pegar fantasmas: um estudo sobre o comportamento eleitoral nas eleições de 1990 no município de Cuité/PB	1992 – 1993
	Medicina social e pobreza no Nordeste (1850-1930)	1992 – 1993
	Extrato das ordenações do reino de Portugal relativo a interferência do estado na vida privada dos cidadãos	1992 – 1993
	Interferência da legislação lusitana na vida íntima dos cidadãos	1996
	Classe média na Paraíba: perfil e representações	1986 – 1987
	Política e cultura: a trajetória de um intelectual na política paraibana	1995 – 1997
	Memória nordestina: espaço e poder	1994 – 1996
	Nordeste e desenvolvimento sustentável: a questão regional na globalização e seu paradigma de desenvolvimento	1999

LINHA TEMÁTICA	PROJETOS DESENVOLVIDOS	PERÍODO
Movimentos sociais urbanos	Intelectuais públicos e crise regional: um estudo historiográfico comparativo entre o pensamento de Gilberto Freyre e Celso Furtado sobre a região Nordeste	1999
	Centro de ciências Humanas, Letras e Artes: das origens a democratização (1960-1984)	1996 – 1998
	Resgate histórico da participação política da mulher na Paraíba: Estado e sociedade (1928-1940)	1997 – 1999
	Paraíba 1994: processo eleitoral	1994
	Movimentos sociais urbanos e estado no Nordeste: temas de referência	1986 – 1997
	Subprojetos	
	1. Evolução da estrutura urbana de João Pessoa (1960-1986)	
	2. Setor público e informal de ocupação em João Pessoa	
	3. Discurso e ação estatal (1979-1986)	
	4. Associações de moradores e formalização do movimento	
	5. Conflitos urbanos: denúncias, reivindicações e enfrentamentos	
	Movimentos sociais urbanos e estado no Nordeste: temas de referência	1987 - 1992
	Subprojetos	
	1. Políticas públicas, conflito e participação popular	
	2. Conflitos de interesse e estruturação do espaço urbano	
	3. Processo associativo, liderança, estado e conflito	
	4. Banco de dados: mapeamento dos conflitos urbanos de João Pessoa	

LINHA TEMÁTICA	PROJETOS DESENVOLVIDOS	PERÍODO
Sexo e relações de gênero	As relações de gênero no processo de trabalho no setor têxtil paraibano: estudo das trajetórias femininas – da artesã à operária	1990 – 1992
	Violência Domestica contra a mulher Paraibana	1990 – 1992
	Gênero e universidade na Paraíba	1996
	Projeto Norte-Nordeste de estudos e capacitação em saúde da mulher, menina e adolescente	1993 – 1994
	Ação pedagógica contra a discriminação de gênero	1995 – 1997
	Participação da mulher na contexto histórico da Paraíba	1983 - ?
	A mulher e violência de gênero no estado: o judiciário e a polícia	1993
	Violência doméstica: questão de polícia e da sociedade	1998 – 1999
	Projeto integrado mapeamento da violência contra a mulher (Fortaleza, Natal, João Pessoa, Salvador)	1998 – 1999
	Projeto integrado mapeamento da violência contra a mulher na cidade de João Pessoa	1997 – 2000
Questão agrária	Resistência camponesa ao processo de modernização agrícola: a história recente dos conflitos de terra na Paraíba	1991 – 1993
	A formação da propriedade da terra (ocupação e organização do espaço agrário ?)	1991 – 1993
	Política sesmarial portuguesa na Paraíba colonial	1996 – 1997
	Regularização fundiária e modernização agrícola da Paraíba (1822-1870)	1996 – 2000
	Balanço crítico da historiografia sobre a questão agrária na Paraíba	?
	História das atividades sócio-jurídicas no Brasil: classes sociais, desenvolvimento econômico, Estado e legislação trabalhista agrária (1963-1973)	1998 – 1999

APÊNDICE B:

- 1. INVENTÁRIO DO PROJETO:** Operação Especial Pesquisa Histórica (NDIHR – PROJETO RONDON - OPERAÇÃO ESPECIAL PESQUISA HISTÓRICA) – 1976

- 2. INVENTÁRIO DO PROJETO:** Cadastro das Entidades Paraibanas - 1987

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

PESQUISA DA MESTRANDA LAUDEREIDA ELIANA MARQUES MORAIS

MAPEAMENTO DO ACERVO DO NDIHR/UFPB

LEVANTAMENTO DOS PROJETOS

PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA REGIONAL

INVENTÁRIO N° 0001

TÍTULO DO PROJETO: Operação Especial Pesquisa Histórica (NDIHR – PROJETO RODON - OPERAÇÃO ESPECIAL PESQUISA HISTÓRICA)

OBJETIVO: “Proceder a localização das Instituições e entidades de interesse históricos no Estado da Paraíba – levantamento, arrolamento e divulgação da documentação encontrada” p. 1

LINHA TEMÁTICA: (Sem linha temática)

EQUIPE:

COORDENADOR(A): Inês Caminha Lopes Rodrigues

COORD. ADJUNTO(A):

SUPERVISOR(A):

PESQUISADOR(ES): Inês Caminha Lopes Rodrigues, Rosa Maria Godoy Silveira, Emilia Augusta Lins Freire

BOLSISTAS DE APERFEIÇOAMENTO:

BOSISTAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA:

ESTAGIÁRIOS: 120 alunos de universitários

AUXILIARES DE PESQUISA:

CONSULTOR(A)/ASSESSOR(A):

PERÍODO: de setembro a dezembro de 1976 – 1ª fase da Operação Especial Pesquisa Histórica

FINANCIAMENTO:

RESULTADOS:

Produção branca:

Literatura cinzenta: Ficha cadastral, Boletins de divulgação do NDIHR e apostilhas contendo normas de orientação para o levantamento de arquivos.

RESULTADO FINAL DA PESQUISA	JOÃO PESSOA	C.GRANDE	PATOS	CAJAZEIRAS
Entidades levantadas	72	30	45	26
Entidades cadastradas	84	24	35	23
Entidades não cadastradas	16	06	10	03

PROJETOS CORRELACIONADOS: Cadastro de Entidades Paraibanas

OBSERVAÇÃO: Ainda não foi encontrada a documentação original do projeto. As datas do documento estão assim na frente 02 de 1977 e no final 09.02.1976. O período da pesquisa é de setembro a dezembro de 1976 a data final deve ser um erro de datilografia.

DOCUMENTO PESQUISADO: Relatório de Atividades desenvolvidas no Núcleo de Documentação Histórica Regional na 1ª fase de “Operação Especial Pesquisa Histórica”

LOCALIZAÇÃO: Grupo DA: Documentação Administrativa – sub série - 3 Relatórios de atividades

DATA DO DOCUMENTO PESQUISADO: 09.02.1976

DATA DA PESQUISA: 26 04 2011

Pesquisador(a): Laudereida E. M. Moraes

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

PESQUISA DA MESTRANDA LAUDEREIDA ELIANA MARQUES MORAIS

MAPEAMENTO DO ACERVO DO NDIHR/UFPB

INVENTÁRIO DOS PROJETOS

PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA REGIONAL

INVENTÁRIO N° 02

TÍTULO DO PROJETO: Cadastro das Entidades Paraibanas

OBJETIVO: Constituição de um conjunto de informações sobre o acervo das entidades paraibanas, além do estreitamento das relações de intercâmbio destas com o NDIHR e a elaboração de um catálogo.

LINHA TEMÁTICA: (Este programa não tem linha)

EQUIPE:

COORDENADOR(A): Lúcia de Fátima Guerra Ferreira (DH/UFPB)

COORD. ADJUNTO(A): Zeluiza da Silva Formiga Brandão (DH/UFPB)

SUPERVISOR(A): (Não tem)

PESQUISADOR(ES):

Maria das Dores Limeira Ferreira dos Santos (DH/UFPB)

Maria Cândida R. Gonçalves (funcionária do NDIHR)

Cristiano Zenaide Paiva (funcionário do NDIHR)

BOLSISTAS DE APERFEIÇOAMENTO:

Laudereida Eliana marques Moraes (História)

Tânia Maria da Silva (Biblioteconomia)

BOSISTAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA:

Sandra Valéria Alves Sales (Arquitetura)

Anna Christina Farias de Carvalho (História)

Kátia Barbosa da Costa (História)

ESTAGIÁRIOS (1987):

Deusimar Marques

Cléris Renata

Sandra Valéria

Marcos Antonio

AUXILIARES DE PESQUISA: (Não tem)

CONSULTOR(A)/ASSESSOR(A): Rosa Maria Godoy Silveira (DH/UFPB) e Neiliane Maia (UFPB)

PERÍODO: 1987 a fevereiro de 1990

FINANCIAMENTO: CNPq e FAPE

RESULTADO:

Produção Científica: (Não tem produção)

Literatura cinzenta:

- 1- Projeto de pesquisa (1987)
- 2- Relatórios do projeto e das bolsistas (1987-1989)
- 3- Correspondência (2 docs.)
- 4- Avaliação de desempenho profissional (estagiários e pesquisadores)
- 5- Carta de apresentação e ficha de coleta de dados I (Modelo)
- 6- Solicitação de bolsas (CNPq e FAPE – formulários preenchidos)
- 7- Relações das entidades a serem cadastradas
- 8- Mapa geral das entidades
- 9- Modelo de questionário (FIPLAN)

PROJETOS CORRELACIONADOS:

Curso de Extensão: Organização de Arquivos Privados (1991) [Proposta]

OBSERVAÇÃO:

- a) Municípios cadastrados: Areia, Alagoa Grande, Bayeux, Cabedelo, Campina Grande, Catolé do Rocha, Cuité, Guarabira, João Pessoa, Mamanguape, Monteiro, Patos, Picuí, Pombal, Princesa Isabel, Rio Tinto, Santa Rita, Sapé, Sousa e Taperoá.
- b) Apesar da não produção do catálogo, este projeto possibilitou que o NDIHR iniciasse o processo de organização de arquivos de algumas das entidades em João Pessoa e a criação do I, II e III Curso de Especialização em Organização de Arquivos.

LOCALIZAÇÃO: E1 P1 Cx 1-5

DATA: NDIHR-UFPB 31/03/2010

APÊNDICE C: Inventário da Produção do NDIHR (1976-1999)

1 REFERÊNCIAS DA SÉRIE DE TEXTOS DO NDHIR

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Rastros de Tragédia. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.1, ago. 1983. 70p.

Palavras-chave: Sociedade. Civil. aspectos sociais da Paraíba

EGLER, Claudio Antônio Gonçalves. Preço da Terra, Taxa de juros e Acumulação Financeira no Brasil. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.2, set.1983.61p.

Palavras-chave: Preço de Terra. Sistema Financeiro. Brasil

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Movimentos Sociais e Meios de Comunicação: Paraíba – 1917 – 1921. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.3, out. 1983.71p.

Palavras-chave: Movimentos sociais. meios de comunicação. Paraíba

ALEM, Silvio Frank. A Contribuição a História dos Socialismos no Brasil – A Construção do Partido Socialista Brasileiro (1945 – 1947). **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.4, maio. 1984. 90p.

Palavras-chave: Socialismo. Brasil. Partido Políticas

EGLER, Tamara Tania Cohen. Solo Urbano e Desenvolvimento Capitalista, **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.5, out. 1984.49p.

Palavras-chave: Solo Urbano. Capitalismo

NEVES, Joanas, Trabalho: O Capitalismo Adiantado e a Classe Operaria, Um Novo Sindicalismo. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.6, fev. 1985. 30p.

Palavras-chave: Trabalho. Classe Operária. Sindicalismo

LIMA, Jacob Carlos. Sobre Bananas e Bananeiros Produção Mercantil e Relação de Trabalho. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.7, jan.1985. 31p.

Palavras-chave: Bananas. Bananeiros. Relação de trabalho

ANDRADE, Maria Antonia Alonso de. Clientelismo e Máquina Estatal nas Eleições de 1982. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.8, fev.1985. 70 p.

Palavras-chave: Estrutura de poder. – eleição. Máquina estatal

NEVES, Joana. A Igreja Popular na Imprensa Paulista. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.9, fev.1985. 21p.

Palavras-chave: Imprensa. São Paulo. Igreja Popular

CAVALCANTI, Maria Nelly. A Fome não tem Partido. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.10, set.1985. 96p.

Palavras-chave: Eleições Paraíba . Trabalhadores Rurais. Alhandra (PB). Conde (PB)

LIMEIRA, Maria das Dores; FORMIGA, Zeluiza da Silva. UFPB: Implicações Políticas e Sociais de sua História. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.11, abr.1986. 21p.

Palavras-chave: História da UFPB. Política. Políticas sociais

ANDRADE, Maria Antonia Alonso de. Neo-Coronelismo e perspectivas Eleitorais na Nova República. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.12, out.1986. 21p.

Palavras-chave: Neo-Coronelismo. Eleições. Nova República

MAIA, Neiliane. Catolé do Rocha Notas à Propósito de um Domínio Oligárquico. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.13, maio.1986. 30p.

Palavras-chave: Catolé do Rocha (PB). Oligarquia

ROLIM, Francisco Sales Cartaxo. Cajazeiras o Domínio do Clientelismo Eleitoral. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.14, junho.1986. 29p.

Palavras-chave: Cajazeiras(PB). Eleições. Clientelismo

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Reconstrução Histórica das Eleições na Paraíba (1945 – 1978) Resultados e tendências. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.15, Nov.1986. 29p.

Palavras-chave: Eleições. Paraíba

ANDRADE, Plauto Mesquita. A Urbanização Desloca o Centro do Poder Político. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.16, set.1987. 53p.

Palavras-chave: Urbanização. Aspectos Políticos

ANDRADE, Maria Antonia Alonso de. As Eleições Municipais de 1985 em João Pessoa. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.17, out.1987. 34p.

Palavras-chave: Eleições Municipais. João Pessoa (PB)

ANDRADE, Maria Antonia Alonso de. Relações de Trabalho e Relações de Poder. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.18, out.1987. 24p.

Palavras-chave: Relações de Trabalho. Relações de Poder

ANDRADE, Maria Antonia Alonso de. 1986: A vitória do PMDB. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.19, out.1987. 38p.

Palavras-chave: PMDB

ANDRADE, Maria Antonia Alonso de. Notas sobre Clientelismo, Coronelismo e Representação Política. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.20, mar.1988. 21p.

Palavras-chave: Clientelismo. Coronelismo. Representação Política

WANDERLEY, Maria Angela Sitonio. As Eleições de 1982 em Princesa Isabel: A Reprodução do Velho Jogo Político. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.21, maio.1988. 28p.

Palavras-chave: Princesa Isabel (PB). Jogo Político

ANDRADE, Maria Antonia Alonso de. Notas sobre o Perfil dos Vereadores da área Metropolitana de João Pessoa. Eleitos em 1982. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.22, jul.1988. 21p.

Palavras-chave: João Pessoa (PB). Políticas. Vereadores

NEVES, Joana; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy; FORMIGA, Zeluiza da Silva. Ensino e História (Coletânea). **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.23, mar.1989. 37p.

Palavras-chave: Ensino. História

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. Processo de Ocupação do Espaço Agrário Paraibano. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.24, set.1990. 27p.

Palavras-chave: Agrária. Geografia. Paraíba

FERNANDES, Irene Rodrigues da Silva. A Capitania Real da Paraíba: Base Histórica de sua Formação Econômica – 1574 – 1799. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.25, abr.1991. 41p.

Palavras-chave: Paraíba. Colônia. Formações Econômicas

GONÇALVES, Regina Célia. Terra de Capim não dá Roçado. Um Estudo sobre a Representação dos Trabalhadores Rurais de Ingá (1960 -1990). **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.26, mar.1991. 37p.

Palavras-chave: Terra. Trabalhadores Rurais. Ingá. Paraíba

OBS.A partir daqui os nº ficam confusos, Sousa recebe o mesmo nº que GONÇALVES e o texto de GONÇALVES não existe no NDIHR

SOUSA, Vilma de Lurdes B. “Um Estudo sobre as Itaquatiaras do Ingá”. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.26, maio.1991.70p.

Palavras-chave: Itaquatiaras. Ingá. Paraíba

SORRENTINO, Rossana de Souza. Troca-se Ouro Branco por Capim “Um Estudo sobre a Economia no Município de Ingá (Século XIX – 1990)”. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.27, dez.1990. 37p.

Palavras-chave: Açúcar. Economia. Ingá. Paraíba

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; BARROS, Ruston Lemos; NEVES, Joana. Igreja: Sociedade, Moral e Poder. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.28, mar.1991. 66p.

Palavras-chave: Igreja. Sociedade. Moral. Poder

LAVIERE, João Roberto; LAVIERE, Maria Beatriz Ferreira. Evolução da Estrutura Urbana Recente de João Pessoa – 1960 / 1986. QUIROGA, Ana Maria . Evolução das Estruturas Urbanas do Nordeste: Elementos Indicativos para Estudos comparados. **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.29, jul.1991. 67p.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. “Escravidão e criminalidade na Paraíba. e BARROS, Ruston Lemos. “Perspectivas sexuais dos negros escravizados e menosprezo católico pelo seu destino” **Textos UFPB/NDIHR**, João Pessoa, n.30, dez.1994. 45p.

2 SÉRIE NDIHR DOCUMENTOS:

MEDEIROS, Maria do Céu; FORMIGA, Zeluiza da Silva. **Relatório de Presidentes de Província da Paraíba 1837 - 1888 Catálogo e Índice de Assuntos**. Documentos NDIHR, João Pessoa, n.1, ago.1988.

OBS. Não localizamos, no momento, os Documentos NDIHR n.2.

RIBEIRO, Felicidade Lúcio. **Catálogo Hemerográfico NDIHR/UFPB**. Documentos NDIHR, João Pessoa, n.3, mar.1996.

3 SÉRIE MATERIAIS DIDÁTICOS

3.1 História Local

Uma História de Patos

HISTÓRIA de Patos. João Pessoa: Co-edição Comissão do Quarto Centenário, Prefeitura de Patos, NDIHR/UFPB, 1985,123p.

Uma história de Pedras de Fogo

SORRENTINO, Rossana de Souza. (Coord.). **Uma História de Pedras de Fogo**. João Pessoa: NDIHR/UFPB, 1993,95p.

Uma história do Ingá

SORRENTINO, Rossana de Souza. (Coord.). **Uma História do Ingá**. João Pessoa: NDIHR/UFPB, 1993, 114p.

Uma história do Conde

CAVALTANTI Maria Helena. et al. **Uma História do Conde**. João Pessoa: NDIHR/PRAC/UFPB, 1996, 95p.

Uma história de Cabedelo

CAVALTANTI Maria Helena. (Coord). **Uma História de Cabedelo**. João Pessoa: NDIHR/PRAC/UFPB, ano II – N.4, Nov.1996, 146p.

Uma história de Areia

GONÇALVES, Regina Célia; et al . **Uma História de Areia**. João Pessoa: NDIHR/PRAC/UFPB, 1998, 179p.

3.2 HISTÓRIA TEMÁTICA DA PARAÍBA

MEDEIROS, Maria do Céu; SÁ, Ariane Norma de Menezes. **O Trabalho na Paraíba**; das origens á transição para o trabalho livre. João Pessoa: UFPB, 1999. 126 p. (Coleção História Temática da Paraíba, v. 1).

FERNANDES, Irene Rodrigues da Silva; AMORIM, Laura Helena Baracuhy. **Atividades Produtivas na Paraíba**. João Pessoa: UFPB, 1999. 104 p. (Coleção História Temática da Paraíba, v. 2).

GONÇALVES, Regina Célia et all. **A Questão Urbana na Paraíba**. João Pessoa: UFPB, 1999. 74 p. (Coleção História Temática da Paraíba, v. 3).

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et all. **Estrutura de Poder na Paraíba**. João Pessoa: UFPB, 1999. 137 p. (Coleção História Temática da Paraíba, v. 4).

4 SÉRIE DEBATES REGIONAIS

DEBATES REGIONAIS. **História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, 2º sem. 1993. 277p.

ALEM, Silvio Frank. “EPPUR SE MUOVE” – O Tempo, a História. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 01-27, 2º sem.1993.

FERNANDES, Irene Rodrigues da Silva. A Formação da Propriedade Privada na Paraíba: O Sistema Sesmarial. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 28 - 39, 2º sem.1993.

CATARINO, Acácio José Lopes. Aprendizes da Ordem: O Arsenal de Guerra no Recife Colonial. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 40-43, 2º sem.1993.

MELO, Josemir Camilo de. Os Engenheiros no Século XIX e a Formação da Classe Média no Nordeste. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 44 - 62, 2º sem.1993.

SÁ, Ariane Norma de Meneses. A Transição do Trabalho Escravo para o Livre. Paraíba, 1850 – 1888. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 63 - 72, 2º sem.1993.

PATRIOTA, Fernando. Caroá, Indústria da Seca. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 73 - 84, 2º sem.1993.

AMORIM, Laura Helena Baracuh. Aspectos Históricos das Relações Sócio-Econômicas na Paraíba (1970-1990). **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 85 - 104, 2º sem.1993.

GONÇALVES, Regina Célia; BEHAR, Regina Maria Rodrigues. Atividades pré-industriais na Paraíba: O mundo do Artesão Têxtil. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 105- 114, 2º sem.1993.

Palavras Chave: Economia. Organização do Trabalho

FERNANDES, João Azevedo. O Trabalho e a Origem da Sociedade: Uma revisão Evolucionista de F. Engels. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 115 - 125, 2º sem.1993.

LAVIERI, Maria Beatriz Ferreira. O que Nasce já É: História e Pre-História. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 126 - 132, 2º sem.1993.

Palavras Chave: História. Origens

CAVALCANTI, Carlos André Macêdo. Inquisição e Crimes Religiosos nas Ordens Régias do Arquivo Público de Pernambuco. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 133- 147, 2º sem.1993.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. Origem Social do Clero Paraibano. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino.** João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 148 - 155, 2º sem.1993.

Palavras Chave: Igreja. Sociedade

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. Os Duzentos Anos da “Outra” Revolução Francesa. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino.** João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 156 - 164, 2º sem.1993.

CORDEIRO JR., Raimundo Barroso. Legião Cearense do Trabalho: Uma Utopia de Sociedade Integral. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino.** João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 165 - 170, 2º sem.1993.

SANTANA, Martha Maria falcão de Carvalho e M. Poder e Centralização na Paraíba Pós-30. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino.** João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 171 - 180, 2º sem.1993.

BEHAR, Regina Maria Rodrigues. PCB: Política e Cultura. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino.** João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 181 - 185, 2º sem.1993.

OLIVEIRA, Armando Albuquerque de. Paraíba 1990: A Frente Paraíba Popular. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino.** João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 186 - 195, 2º sem.1993.

RIBEIRO, Felicidade Lúcio. Paraíba 1990: O Processo Eleitoral. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino.** João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 196 - 201, 2º sem.1993.

WANDERLEY, Maria Ângela Sitônio. Paraíba 1990: A Visão dos Eleitos. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino.** João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 202 - 215, 2º sem.1993.

COELHO, Waldeck Pinheiro. Paraíba 1990: As Repercussões do Resultado Eleitoral no Processo Político. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino.** João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 216 - 219, 2º sem.1993.

GAREIS, Maria da Guia Santos. A Influência dos Partidos Políticos nos Movimentos Comunitários. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino.** João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 229 - 237, 2º sem.1993.

MENESES, Marilda Aparecida. Trajetórias Migratórias e Representações dos Camponeses. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino.** João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 238 - 245, 2º sem.1993.

VASCONCELOS, Lúcio Flavio. Peru: Utopias e Transição Democrática. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino.** João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 246 - 252, 2º sem.1993.

SOUSA, Fabio Gutemberg R. Bezerra de. 1987: Um passeio pelas Terras e Histórias de Campina Grande. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 253 - 258, 2º sem.1993.

MENEZES, Jaldes Reis. Questões sobre a Produção Intelectual Autonomista. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 259 - 262, 2º sem.1993.

Palavras Chave: Relações de Poder. Partidos Políticos. Movimentos Sociais

CAVALCANTI, Maria Helena P.; GONÇALVES, Regina Célia; SORRENTINO, Rossana de Souza; SOUZA, Vilma de Lurdes Barbosa de. História Local: Nova Metodologia de Ensino. **DEBATES REGIONAIS. História – Pesquisa e Ensino**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, p. 263-277, 2º sem.1993.

Palavras Chave: Ensino de História

DEBATES REGIONAIS. **Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 09-20.1995.

FARIAS, Ana Maria. A modernidade e a identidade no urbano. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 09-20.1995.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Nos destinos de fronteira: a invenção do Nordeste (A produção imagético-discursiva de um espaço regional). **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 21-27.1995.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. O Nordeste em construção: regionalização e poder local. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 28-34.1995.

FLORES, Elio Chaves. Fragmentos da nação: do separatismo sulista ao coronelismo eletrônico. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 35-47.1995.

SANTANA, Martha Falcão de C. E. Moraes. Crise e identidade regional. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 48-62.1995.

VIEIRA, Flávio Lúcio Rodrigues. Cultura global e identidade regional. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 63-71.1995.

SOUSA, Antônio Clarindo Barbosa de. Entre o pão e a poesia: o atendimento às reivindicações populares em campina Grande entre 1982 e 1992. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 72-83. 1995.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos B. de. Campina Grande: primeiros passos na “construção” de uma cidade (1864-1945). **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 84-93.1995.

Palavras Chave: História. Identidades

ROSA, Cláudia Beltrão da. Hermenêutica, compreensão e história. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 94-103.1995.

ALVES, Francisco José. Histórias da história: uma crítica preliminar. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 104-111.1995.

Palavras Chave: Teoria da História

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. Balanço da Nova Historiografia Paraibana. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 112 - 118.1995.

GONÇALVES, Regina Célia. Visões de Artesãs: Breve Considerações sobre História Oral. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 119 - 126.1995.

FERREIRA, Lúcio Menezes. Idéias de Pré-Histórias no Brasil Oitocentista. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 127-134.1995.

OLIVEIRA, Carla Mary S. Historiografia do Barroco Paraibano. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 135-140.1995.

Palavras Chave: Historiografia e Memória

CIPRIANO, Maria do Socorro; SOUSA Antônio Clarindo B. de . As Outras Faces da Mulher Ateniense. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 141-152.1995.

PEREIRA, Auricélia Lopes Pereira. O Rei do Cangaço e os Vários Lampiões. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 153-159.1995.

Palavras Chave: História e Literatura

SÁ, Ariane Norma de Menezes. A Regulamentação do uso da Mão- de- Obra Livre no Brasil no Século XIX. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 160-166.1995.

LIMA, Luciano Mendonça. Derramando Susto: Escravos e o Quebra-Quilos em Campina Grande. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 167-177.1995.

MELLO, José Octávio de Arruda. O Partido de Representação Popular na Paraíba: Uma avaliação(1945-1964). **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 178-187.1995.

CITTADINO, Monique. O Processo Político Partidário na Paraíba (1945-1964). **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 188-200.1995.

Palavras Chave: História e Política

O NDIHR e a Pesquisa: Oficina de Textos

1 . Documentação e Memória

CASTRO, Ana Andréa Vieira de. Resistência Camponesa na Paraíba: Análise das Fotografias do Arquivo da CPT/JP-PB.

DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is). João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 201- 207.1995.

OLIVEIRA, Teresa Cristina Nunes de. Resistência Camponesa na Paraíba: Análise dos Documentos Textuais do Arquivo da CPT/JP-PB. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 208 221.1995.

MONTENEGRO, Patrícia Souza. Resistência Camponesa na Paraíba: Análise dos Recortes de Jornais do Arquivo da CPT/JP-PB. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 222 -241.1995.

FONSECA, Gorgina Alves da; CARVALHO, Claudia Farias de. Instituto Histórico e Geográfico Paraibano: Projeto de Organização e Preservação. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 242-247.1995.

JUSTINO, Maria das Graças; SILVA, Maria do Socorro. Acervo do NDIHR: A Produção Historiográfica Nordestina. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 248-261.1995.

2 Indústria e Trabalho

MENESES, Joedna Reis de . Ação Governamental e Industrialização na Paraíba. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 262-273.1995.

MEDEIROS, Ana Maria C. de, CARVALHO, Alexandro Donato. Acervos e Artesanato Têxtil na Paraíba. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 274-279.1995.

3. Identidade municipal

CAVALCANTI, Maria Helena Pereira. Historia Local identidade Municipal. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 280-283.1995.

LIMA, Maria Vitoria Barbosa. Os Periódicos e a Construção da Identidade Municipal. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 284-292.1995.

OLIVEIRA, Vanda Lucia Araujo de. A Pesquisa de Campo e as Construção da Identidade Municipal. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 293-297.1995.

CALAÇA, Suelídia Maria. A Pesquisa Bibliográfica e a Construção da Identidade Municipal. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 298-302.1995.

4. Questão Agrária

SILVA, Madriana Feitosa de Figueiredo. Ocupação do Espaço Agrário Paraibano Colonial na Visão dos Cronistas e Viajantes. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 303-312.1995.

OSIAS, Petrônio da Penha. Visão dos Cronistas e Viajantes sobre a ocupação do Espaço Agrário Paraibano no momento de Crise e Transição (Séculos XVII / XIX). **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 313-324.1995.

AZEVEDO, Beethoven Nóbrega de. Reflexão acerca da Aplicação da Lei de Terras na Paraíba. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 325-339.1995.

BEHAR, Regina Maria Rodrigues. Integração Ensino/Pesquisa: Realidade e Possibilidades. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 340-345.1995.

SILVA, Severino Bezerra da. Metodologia para Aplicação e Execução de Diagnósticos de ensino em Historia. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 346-350.1995.

SOUSA, Vilma de Lurdes Barbosa de. Algumas Reflexões acerca do ensino de História na Rede Pública de João Pessoa. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 351-355.1995.

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega. As condições do Ensino de Historia nas Escolas Públicas de João Pessoa. **DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is)**. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 356-362.1995.

Palavras Chave: Ensino de Historia

DEBATES REGIONAIS: fazer história: (des)construção e (in)certeza, n. 3, 2º sem./ 1996.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy da. Recuperar a memória, fazer história. **Debates Regionais: fazer história: (des)construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p.11-19.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Questão agrária e sindicalismo: novos e velhos temas. **Debates Regionais: fazer história: (des)construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 20-36

FREITAS, Adolfo Júlio de; SILVA, Elizabeth Soares da; DUARTE, Emeide Nóbrega; MORAES FILHO, Jorge Tavares de; MAUX, Maria Goretti da S.; SILVA, Maria Salete Jacinto; ALBUQUERQUE, Simone V. Beltrão de. Diagnóstico do Arquivo Permanente do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional. **Debates Regionais: fazer história: (des) construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 37-52.

LOBO, Isamar Gonçalves. História local: uma nova abordagem historiográfica. **Debates Regionais: fazer história: (des)construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 53-57.

DIAS, Margarida Maria Santos. Ensino de história: problemas e perspectivas. **Debates Regionais: fazer história: (des)construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 58-61.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. A rede de ensino público estadual na Paraíba (1889 a 1930): uma breve retrospectiva histórica. **Debates Regionais: fazer história: (des)construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 62-73.

MENEZES, Mozart Vergetti de. criança e memória. **Debates Regionais: fazer história: (des) construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 74- 82.

FLORES, Elio Chaves. A poética d tempo e o tempo da política: da proto-modernidade à modernidade revolucionária. **Debates Regionais: fazer história: (des)construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 83-92.

PATRÍCIO, Maria Cecília. O fenomenal hábito feminino: mudanças no comportamento através das roupas. Campina Grande (1920-1930). **Debates Regionais: fazer história: (des)construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 93-99.

SILVA, Eduardo Galdino da. Um olhar sobre a cidade: Campina Grande e a modernidade (1930-1940). **Debates Regionais: fazer história: (des)construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 100- 105.

CABRAL FILHO, Severino. A trajetória da panificação em Cajazeiras. **Debates Regionais: fazer história: (des)construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 106-136.

BEHAR, Regina. Arte e instrumentalização: considerações sobre o realismo socialista. **Debates Regionais: fazer história: (des)construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 137-152.

FERNANDES, Telma Dias. A história e a obra de arte: a representação política na literatura de Graciliano Ramos. **Debates Regionais: fazer história: (des)construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 153-164.

CHAVES, Gislaine da Nóbrega. A mulher na literatura popular: uma questão de gênero. **Debates Regionais: fazer história: (des)construção e (in)certeza**, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 165-178.

VASCONCELOS, Iris Helena Guedes de. História e literatura na narrativa puritana. **Debates Regionais**: fazer história: (des)construção e (in)certeza, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 179-186.

FAGUNDES, José Evangelista. A integração do Cono Sul – da ALALC ao MERCOSUL. **Debates Regionais**: fazer história: (des)construção e (in)certeza, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 187-199.

5 SÉRIE CADERNOS DE ESTUDOS REGIONAIS

Cadernos de Estudos Regionais: arrolamentos de acervos cartoriais para a história da Paraíba, ano II, n. especial, Dez. 1979. 292p.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy da. Apresentação. **Cadernos de Estudos Regionais**: arrolamentos de acervos cartoriais para a história da Paraíba, ano II, n. especial, p. 9-13. Dez. 1979.

NEVES, Joana. A documentação cartorial: utilização e abordagem teórica na Paraíba. **Cadernos de Estudos Regionais**: arrolamentos de acervos cartoriais para a história da Paraíba, ano II, n. especial, p. 15-26. Dez. 1979.

GALLIZA, Diana Soares de. Uma experiência de pesquisa com base em documentação de cartórios. **Cadernos de Estudos Regionais**: arrolamentos de acervos cartoriais para a história da Paraíba, ano II, n. especial, p. 27-40. Dez. 1979.

MAIA, Neiliane. Tipologia e cartórios da Paraíba. **Cadernos de Estudos Regionais**: arrolamentos de acervos cartoriais para a história da Paraíba, ano II, n. especial, p. 41-74. Dez. 1979.

BARROS, Ruston Lemos de. A documentação cartorial e a pesquisa experimental. **Cadernos de Estudos Regionais**: arrolamentos de acervos cartoriais para a história da Paraíba, ano II, n. especial, p. 75-96. Dez. 1979.

JUCÁ, Gisafran N. M.; BRITO, Marileuza Fernandes de; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy da; BARROS, Ruston Lemos de. Sugestões para um projeto de levantamento dos cartórios da Paraíba / Subsídios para a elaboração de Projeto Marieluza Fernandes de Brito / Alguns Modelos de fichas para coleta de dados. **Cadernos de Estudos Regionais**: arrolamentos de acervos cartoriais para a história da Paraíba, ano II, n. especial, p. 273-292. Dez. 1979.

Cadernos de Estudos Regionais, ano III, n. 2, Jun. 1980.

BARROS, Ruston Lemos de. Apresentação. **Cadernos de Estudos Regionais**, ano III, n. 2, p. 9-12. Jun. 1980.

MADRUGA, Antonio Moacyr. Considerações gerais em torno da temática “economia pesqueira do Nordeste”. **Cadernos de Estudos Regionais**, ano III, n. 2, p. 13-26. Jun. 1980.

RICHA, Arnaldo Chain. Projeto de implantação da linha temática: “Economia pesqueira do extremo Nordeste”. **Cadernos de Estudos Regionais**, ano III, n. 2, p. 27-50. Jun. 1980.

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL. Estudo sócio-econômico do estuário do Rio Paraíba. **Cadernos de Estudos Regionais**, ano III, n. 2, Jun. 1980. p. 51-134.

MADRUGA, Antonio Moacyr; RICHA, Arnaldo Chain. Levantamento fotográfico da área estuarina. **Cadernos de Estudos Regionais**, ano III, n. 2, p. 165-188. Jun. 1980.

Cadernos de Estudos Regionais, ano IV, n.4, Jun. 1981. 210p.

ALEM, Silvio Frank. Apresentação. **Cadernos de Estudos Regionais**, ano IV, n.4, p. 11-13. Jun. 1981.

KOURY, Mauro Guilherme. A concorrência: o trabalhador sob o capital. **Cadernos de Estudos Regionais**, ano IV, n.4, p.15-40. Jun. 1981.

GONÇALVES, Maria Cândida Rodrigues. O capitalismo selvagem e o conflito da grande Almagar. **Cadernos de Estudos Regionais**, ano IV, n.4, p. 41-72. Jun. 1981.

MELO, José Octávio de Arruda. Tensão social e lutas populares na Paraíba – 1962-1964. **Cadernos de Estudos Regionais**, ano IV, n.4, p. 73-100. Jun. 1981.

GONÇALVES, Maria Cândida Rodrigues. Entrevistas: com Antonio Dantas / com vanderley Caixe. **Cadernos de Estudos Regionais**, ano IV, n.4, p. 101-152. Jun. 1981.

AUED, Bernadete W. (Org.). Documentos: “Terras para os homens sem terra: reconstituição histórica das Ligas Camponesas na Paraíba”. **Cadernos de Estudos Regionais**, ano IV, n.4, p. 153-156. Jun. 1981.

AUED, Bernadete W.; OLIVEIRA, Clemilda S. de. (Seleção); GONÇALVES, Maria Cândida Rodrigues (Indexação). Documentos: O levantamento documental: Movimento Social e Partidos no Campo – Folha do Povo (1956-1960). **Cadernos de Estudos Regionais**, ano IV, n.4, p.157-210. Jun. 1981.

JULIÃO, Francisco (Org.); GONÇALVES, Maria Cândida Rodrigues (Indexação). Documentos: O levantamento documental: Movimento Social e Partidos no Campo – A Liga (1962-1964). **Cadernos de Estudos Regionais**, ano IV, n.4, p.157-210. Jun. 1981.

6 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

FIGUEIREDO, Mércia Eliane C. de. **Catálogo coletivo de periódicos**. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, v.1, n. 1, 1983. 25 p.

OLIVEIRA, Elza Régis de. **Catálogo de Documentos Paraibanos do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa 1593 – 1865**. (2 volumes datilografados) .Falta a data

MONTEIRO, John Manuel (Coord.). **Guia de Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros: Acervos das Capitais**. São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo / FAPESP, 1994.

INSTRUMENTOS DE PESQUISA DO ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Guia do Arquivo Eclesiástico da Paraíba**. João Pessoa, Arquidiocese/NDIHR, 1992, 51p.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Inventário do Arquivo Eclesiástico da Paraíba**. João Pessoa, Arquidiocese/NDIHR, 1992, 122p.

MORAIS, Laudereida Eliana Marques. **Catálogo do Jornal “A Imprensa” 1897 – 1968**. João Pessoa, Arquidiocese/NDIHR, 1992, 17p.

CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Catálogo dos Projetos Arquitetônicos**. João Pessoa, Arquidiocese/NDIHR, 1992, 13p.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. (Coord.). **Catálogo dos processos de Ordenação**. João Pessoa, Arquidiocese/NDIHR, 1992, 52p.

SILVA, Tânia Maria. **Catálogo de Periódicos**. João Pessoa, Arquidiocese/NDIHR, 1992, 16p.

PIMENTEL, Gloriete; FORMIGA, Zeluiza (Coords.). **Catálogo da Coleção de Fotografias**. João Pessoa, Arquidiocese/NDIHR, 1992, 42p.

INSTRUMENTOS DE PESQUISA DO ACERVO GERAL DO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO PARAIBANO – IHGP

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; FORMIGA, Zeluiza; ARAÚJO, Walkiria Toledo de . (Orgs.). **Guia do Acervo Documental do Instituto Histórico Geográfico Paraibano – IHGP**. João Pessoa: Editora Universitária/NDIHR, 1997, 52p.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; FORMIGA, Zeluiza. (Orgs.). **Inventário das Séries do “Arquivo Flávio Maroja” do IHGP**. João Pessoa: Editora Universitária/NDIHR, 1997, 105p.

NEVES, Joana; PIMENTEL, Gloriete; FORMIGA, Zeluiza. **Catálogo da seção de obras raras do IHGP I Jornais Antigos**. João Pessoa: Editora Universitária/NDIHR, 1997, 79p.

SILVA, Ataides Cassimiro da, et al. **Catálogo da seção de obras raras do IHGP II Revistas e Boletins Antigos**. João Pessoa: Editora Universitária/NDIHR, 1997, 51p.

PIMENTEL, Gloriete; FORMIGA, Zeluiza. Silva, Tânia Maria. **Catálogo da seção de obras raras do IHGP III Livros Antigos**. João Pessoa: Editora Universitária/NDIHR, 1997, 290p.

INSTRUMENTO DE PESQUISA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO EM ARQUIVO

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. NEVES, Dulce Amélia de Brito. (Orgs.). **Arquivos Privados: Instrumentos de Pesquisa**. João Pessoa: Editora Universitária/NDIHR, 1997. 52p.

7 LIVRO

ALONSO, Maria Antonia. **Clientelismo e Máquina Estatal nas Eleições de 1982**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB. NDIHR, 1986.

ALEM, Silvio Frank. **E no Entanto se move**. NEVES Joana. (Seleção, Organização e apresentação). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB. NDIHR, 1996. 104p.

APÊNDICE D: Inventário dos Cadernos de Estudos Regionais

QUADRO DOS CADERNOS DE ESTUDOS REGIONAIS Cadernos de Estudos Regionais: Ano 1 – Nº 1 – 1976 – p. 80

AUTORES	ÁREA DE ATUAÇÃO	TÍTULO DO TEXTO/ARTIGO	TEMÁTICA	Nº DO VOLUME /DATA/ Nº DE PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
SILVEIRA, Rosa Maria Godoy	História	Apresentação do Caderno de Estudos Regionais nº 1	História – Paraíba - Portugal	Ano 1 - n.º 1 – 1976 – p. 07 a 10	Caderno de Estudos Regionais tem 80 páginas
OLIVEIRA, Elsa Regis de.	História	Fontes para a História da Paraíba em Portugal.	História – Paraíba	Ano I - n.1 - 1976 - p. 11- 26	
GOMES, Simone Queiroga de Castro	História	A Paraíba na “Corografia Brasileira”	História – Paraíba	Ano I - n.1 - 1976 - p. 27- 41	
GALLIZA, Diana Soares de	História	O Fandango e sua Representação na Paraíba.	História – Paraíba - Fandangos	Ano I - n.1- 1976 - p. 42- 52	
MELLO, Maria Martha Pimentel de	História	Artesão alemães no Recife	História – Alemães – Artesão Pernambuco	Ano I - n.1 - 1976 - p. 53- 80	

QUADRO DOS CADERNOS DE ESTUDOS REGIONAIS Cadernos de Estudos Regionais: arrolamentos de acervos cartoriais para a história da Paraíba Ano 2 N° especial – dezembro de 1979 – Série DOCUMENTAÇÃO 1

AUTORES	ÁREA DE ATUAÇÃO	TÍTULO DO TEXTO/ARTIGO	TEMÁTICA	Nº DO VOLUME /DATA/ Nº DE PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
SILVEIRA, Rosa Maria Godoy da	História	Apresentação. Cadernos de Estudos Regionais: arrolamentos de acervos cartoriais para a história da Paraíba,		ano II, n. especial, p. 9-13. Dez. 1979.	Essa revista pertence a série Documentação 1 Publicação UFPB/ NDIHR
NEVES, Joana	História	A documentação cartorial: utilização e abordagem teórica na Paraíba.		ano II, n. especial, p. 15-26. Dez. 1979.	
GALLIZA, Diana Soares de para a história da Paraíba -	História	Uma experiência de pesquisa com base em documentação de cartórios		ano II, n. especial, p. 27-40. Dez. 1979.	
MAIA, Neiliane..	Ciência Jurídica	Tipologia e cartórios da Paraíba		ano II, n. especial, p. 41-74. Dez. 1979.	
BARROS, Ruston Lemos de..	História	A documentação cartorial e a pesquisa experimental		ano II, n. especial, p. 75-96. Dez. 1979.	
BRITO, Marileuza Fernandes de	História	Subsídios para a elaboração de Projeto		ano II, n. especial, p. 275-282. Dez. 1979	VII - Sugestões para um projeto de levantamento dos cartórios da Paraíba
JUCÁ, Gisafran N. M.; BRITO, Marileuza Fernandes de; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy da; BARROS, Ruston Lemos de.	História História História História	Alguns Modelos de fichas para coleta de dados.		ano II, n. especial, p. 283-292. Dez. 1979.	VII - Sugestões para um projeto de levantamento dos cartórios da Paraíba VIII- Apêndice Alguns documentos Cartoriais de interesse para História da Paraíba

QUADRO DOS CADERNOS DE ESTUDOS REGIONAIS Cadernos de Estudos Regionais: série monografia 2
ano 3 n. 2, p. 9-12. Jun. 1980. Temática Economia Pesqueira do Nordeste

AUTORES	TÍTULO DO TEXTO/ARTIGO	TEMÁTICA	Nº DO VOLUME /DATA/Nº DE PÁGINAS
BARROS, Ruston Lemos de	Apresentação. Cadernos de Estudos Regionais	Economia Pesqueira do Nordeste	ano III n. 2, p. 9-12. Jun. 1980.
MADRUGA, Antonio Moacyr	Considerações gerais em torno da temática “economia pesqueira do Nordeste”.	Economia Pesqueira do Nordeste	, ano III, n. 2, p. 13-26. Jun. 1980.
RICHA, Arnaldo Chain	Projeto de implantação da linha temática: “Economia pesqueira do extremo Nordeste”	Economia Pesqueira do Nordeste	ano III, n. 2, p. 27-50. Jun. 1980.
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL	Estudo sócio-econômico do estuário do Rio Paraíba	Economia Pesqueira do Nordeste	ano III, n. 2, Jun. 1980. p. 51-134.
MADRUGA, Antonio Moacyr; RICHA, Arnaldo Chain.,	Levantamento fotográfico da área estuarina.	Economia Pesqueira do Nordeste	ano III, n. 2, p. 165-188. Jun. 1980.

QUADRO DOS CADERNOS DE ESTUDOS REGIONAIS Cadernos de Estudos Regionais: Conflitos Sociais no Campo Ano IV. Nº 4 – Junho de 1981 – Série Especial/1 João Pessoa

AUTORES	TÍTULO DO TEXTO/ARTIGO	TEMÁTICA	Nº DO VOLUME /DATA/Nº DE PÁGINAS
ALEM, Silvio Frank	Apresentação	Questão Agrária	ano IV, n.4, p. 11-13. Jun. 1981
KOURY, Mauro Guilherme	A concorrência: o trabalhador sob o capital	Questão Agrária	ano IV, n.4, p.15-40. Jun. 1981.
GONÇALVES, Maria Cândida Rodrigues.	O capitalismo selvagem e o conflito da grande Almagar	Questão Agrária	ano IV, n.4, p. 41-72. Jun. 1981
MELO, José Octávio de Arruda	Tensão social e lutas populares na Paraíba – 1962-1964	Questão Agrária	ano IV, n.4, p. 73-100. Jun. 1981.
GONÇALVES, Maria Cândida Rodrigues.	Entrevistas: com Antonio Dantas / com vanderley Caixe.	Questão Agrária	., ano IV, n.4, p. 101-152. Jun. 1981
AUED, Bernadete W. (Org.).	Documentos: “Terras para os homens sem terra: reconstrução histórica das Ligas Camponesas na Paraíba”.	Questão Agrária	ano IV, n.4, p. 153-156. Jun. 1981.
AUED, Bernadete W.; OLIVEIRA, Clemilda S. de. (Seleção); GONÇALVES, Maria Cândida Rodrigues (Indexação)	Documentos: O levantamento documental: Movimento Social e Partidos no Campo – Folha do Povo (1956-1960).	Questão Agrária	ano IV, n.4, p.157-210. Jun. 1981.
JULIÃO, Francisco (Org.); GONÇALVES, Maria Cândida Rodrigues (Indexação),	Documentos: O levantamento documental: Movimento Social e Partidos no Campo – A Liga (1962-1964).	Questão Agrária	ano IV, n.4, p.157-210. Jun. 1981.

APÊNDICE E: Inventário dos Textos NDIHR

Nº DE ORDEM	TÍTULO DO TEXTO	AUTORES	TEMÁTICA	RECORTE ESPACIAL	Nº DO TEXTO – DATA – Nº DE PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
01	Rastros de Tragedia	KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro	Sociedade Civil – Aspectos sociais da Paraíba	Paraíba	Nº 1 Agosto/1983. Nº p. 70	Apoio CNPq
02	Preço da Terra, Taxa de juros e Acumulação Financeira no Brasil.	EGLER, Claudio Antônio Gonçalves	Preço de Terra – Sistema – Financeiro – Brasil	Brasil	Nº 2 Setembro/1983 Nº p. 61	
03	Movimentos Sociais e Meios de Comunicação: Paraíba – 1917 – 1921	RUBIM, Antonio Albino Canelas	Movimentos sociais – Meios de comunicação	Paraíba	Nº 3 Outubro/1983 Nº p. 71	
04	A Contribuição a História dos Socialismos no Brasil – A Construção do Partido Socialista Brasileiro (1945-1947)	ALEM, Silvio Frank	Socialismo Brasil – Partido Políticas	Brasil	Nº 4 Maio/1984 Nº p. 90	
05	Solo Urbano e Desenvolvimento Capitalista.	EGLER, Tamara Tania Cohen	Solo Urbano – Capitalismo	Brasil	Nº 5 Outubro/1984 Nº p. 49	
06	Trabalho: O Capitalismo Adiantado e a Classe Operária, Um Novo Sindicalismo.	NEVES, Joana	Trabalho – Classe Operária – Sindicalismo	Brasil	Nº 6 Fevereiro/1985 Nº p. 30	
07	Sobre Bananas e Bananeiros Produção Mercantil e Relação de Trabalho.	LIMA, Jacob Carlos	Bananeiros – Produção Mercantil – Relação de trabalho	São Paulo – Brasil	Nº 7 Janeiro/1985 Nº p. 31	
08	Clientelismo e Máquina Estatal nas Eleições de 1982	ANDRADE, Maria Antonia Alonso de	Estrutura de poder – Eleição – Máquina estatal		Nº 8 Fevereiro/1985 Nº p. 70	
09	A Igreja Popular na Imprensa Paulista	NEVES, Joana	Imprensa Paulista – Igreja Popular	São Paulo – Brasil	Nº 9 Fevereiro/1985 Nº p. 21	
10	A Fome não tem Partido.	CAVALCANTI, Maria Nelly.	Eleições Paraíba – Trabalhadores	Alhandra/PB Conde /PB	Nº 10 Setembro/1985 Nº p. 96	
11	UFPB: Implicações Políticas e Sociais de sua História	LIMEIRA, Maria das Dores FORMIGA, Zeluiza da Silva	História da UFPB – Política – Políticas sociais		n. 11 Abril/1986 Nº p. 21	
12	Neo-Coronelismo e perspectivas Eleitorais na Nova República	ANDRADE, Maria Antonia Alonso de	Neo-Coronelismo – Eleições – Nova República		Nº 12 Outubro/1986 Nº 21	
13	Catolé do Rocha Notas à Propósito de um Domínio Oligárquico	MAIA, Neiliane	Catolé do Rocha (PB) – Oligarquia		Nº 13 Maio/1986. Nº p. 30	

Nº DE ORDEM	TÍTULO DO TEXTO	AUTORES	TEMÁTICA	RECORTE ESPACIAL	Nº DO TEXTO – DATA – Nº DE PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
14	Cajazeiras o Domínio do Clientelismo Eleitoral.	ROLIM, Francisco Sales Cartaxo	Cajazeiras(PB) –Eleições – Clientelismo	Paraíba	Nº14 junho/1986 N° p. 29	
15	Reconstrução Histórica das Eleições na Paraíba (1945 – 1978) Resultados e tendências	SILVEIRA, Rosa Maria Godoy	Eleições	Paraíba	Nº15 Novembro/1986 N° p. 29	
16	A Urbanização Desloca o Centro do Poder Político	ANDRADE, Plauto Mesquita	Urbanização –Aspectos Políticos	-	setembro/1987 N° p. 53	
17	As Eleições Municipais de 1985 em João Pessoa	ANDRADE, Maria Antonia Alonso de	Eleições Municipais –João Pessoa (PB)	Paraíba	Nº17 outubro/1987 N° p. 34	
18	Relações de Trabalho e Relações de Poder	ANDRADE, Maria Antonia Alonso de	Relações de Trabalho – Relações de Poder	-	Nº18, outubro/1987 N° p. 24	
19	1986: A vitória do PMDB.	ANDRADE, Maria Antonia Alonso de	Eleições – PMDB	Paraíba	outubro/1987 N° p. 38	
20	Notas sobre Clientelismo, Coronelismo e Representação Política	ANDRADE, Maria Antonia Alonso de	Clientelismo –Coronelismo –Representação Política	-	Nº 20 março/1988 N° p. 21	
21	As Eleições de 1982 em Princesa Isabel: A Reprodução do Velho Jogo Político	WANDERLEY, Maria Angela Sitonio	Princesa Isabel (PB) – Jogo Político	-	Nº 21 maio/1988 N° p. 28	
22	Notas sobre o Perfil dos Vereadores da área Metropolitana de João Pessoa. Eleitos em 1982	ANDRADE, Maria Antonia Alonso de	João Pessoa (PB) – Políticas – Vereadores	-	Nº 22 julho/1988 N° p. 21	
23	Ensino e História	NEVES, Joana SILVEIRA, Rosa Maria Godoy FORMIGA, Zeluiza da Silva	Ensino de História	-	Nº 23 março/1989 N° p. 37	(Coletânea)
24	Processo de Ocupação do Espaço Agrário Paraibano	MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes	Agrária – Geografia – Paraíba	Paraíba	n.24, set.1990. 27p.	
25	A Capitania Real da Paraíba: Base Histórica de sua Formação Econômica – 1574 – 1799	FERNANDES, Irene Rodrigues da Silva	Paraíba – Colônia – Formações Econômicas	Paraíba	Nº 25 abril/1991 N° p. 41	
26	“Um Estudo sobre as Itaquatiaras do Ingá”	SOUSA, Vilma de Lurdes B.	Itaquatiaras – Ingá	Paraíba	Nº 26 Maio/1991 N° p. 70	-

Nº DE ORDEM	TÍTULO DO TEXTO	AUTORES	TEMÁTICA	RECORTE ESPACIAL	Nº DO TEXTO – DATA – Nº DE PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
27	Troca-se Ouro Branco por Capim “Um Estudo sobre a Economia no Município de Ingá (Século XIX – 1990)”	SORRENTINO, Rossana de Souza	Açúcar – Economia – Ingá (PB)	Paraíba	Nº 27 Dezembro/1990 Nº p.37	-
28	Religião Poder e Estado Subsídio Para o Estudo da Moral Cristã e Repressão Sexual na Igreja Igreja e Ideologia no Brasil	FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra BARROS, Ruston Lemos NEVES, Joana	Igreja – Repressão Sexual Ideologia – Sociedade – Moral – Poder	Brasil	Nº 28 Março/1991 Nº p.66	Coletânea Igreja: Sociedade, Moral e Poder
29	Evolução da Estrutura Urbana Recente de João Pessoa – 1960 / 1986 - Evolução das Estruturas Urbanas do Nordeste: Elementos Indicativos para Estudos comparados.	LAVIERE, João Roberto LAVIERE, Maria Beatriz Ferreira QUIROGA, Ana Maria .	Estrutura Urbana – João Pessoa	Paraíba	Nº 29 Julho/1991 Nº p.67	-
30	“Escravidão e criminalidade na Paraíba - “Perspectivas sexuais dos negros escravizados e menosprezo católico pelo seu destino”	FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra BARROS, Ruston Lemos	Escravidão – Criminalidade – sexualidade – Religião	Paraíba	Nº 30 Dezembro/1994 Nº p. 45	Coletânea Primeiro texto com 20 páginas e o segundo com 25

APÊNDICE F: Inventário dos Debates Regionais

DEBATES REGIONAIS: História – Pesquisa e Ensino. João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 01, 2º sem. 1993. 277p.

Nº DE ORDEM	AUTOR / ÁREA DE ATUAÇÃO	TÍTULO DO TEXTO/ARTIGO	TEMÁTICA	Nº DO VOLUME /DATA/ Nº DE PÁGINAS
01	AMORIM, Laura Helena Baraculhy – História FERNANDES, Irene Rodrigues da Silva – História	Apresentação	-	Nº 01 2º sem. 1993
02	ALEM, Silvio Frank – História	“EPPUR SE MUOVE” – O Tempo, a História	Economia - Organização do Trabalho	Nº 01 2º sem. 1993. p. 01-27
03	FERNANDES, Irene Rodrigues da Silva – História	A Formação da Propriedade Privada na Paraíba: O Sistema Sesmarial	Economia Paraibana - Organização do Trabalho	nº 01, p. 28 - 39, 2º sem. 1993.
04	CATARINO, Acácio José Lopes – História	Aprendizes da Ordem: O Arsenal de Guerra no Recife Colonial	Economia - Organização do Trabalho Pernambuco	nº 01, p. 40-43, 2º sem. 1993
05	MELO, Josemir Camilo de – História	Os Engenheiros no Século XIX e a Formação da Classe Média no Nordeste	Economia - Organização do Trabalho Nordeste	nº 01, p. 44 - 62, 2º sem. 1993
06	SÁ, Ariane Norma de Menezes – História	A Transição do Trabalho Escravo para o Livre. Paraíba, 1850 – 1888	Economia - Organização do Trabalho Paraíba	nº 01, p. 63 - 72, 2º sem. 1993.
07	PATRIOTA, Fernando – História	Caroá, Indústria da Seca	Economia - Organização do Trabalho	nº 01, p. 73 - 84, 2º sem. 1993
08	AMORIM, Laura Helena Baraculhy – História	Aspectos Históricos das Relações Sócio-Econômicas na Paraíba (1970-1990)	Economia Paraibana - Organização do Trabalho	nº 01, p. 85 - 104, 2º sem. 1993.
09	GONÇALVES, Regina Célia – História BEHAR, Regina Maria Rodrigues – História	Atividades pré-industriais na Paraíba: O mundo do Artesão Têxtil	Economia Paraibana - Organização do Trabalho	nº 01, p. 105- 114, 2º sem. 1993
10	FERNANDES, João Azevedo – História	O Trabalho e a Origem da Sociedade: Uma revisão Evolucionista de F. Engels.	História. Origem	nº 01, p. 115 - 125, 2º sem. 1993.
11	LAVIERI, Maria Beatriz Ferreira – Arquitetura	O que Nasce já É: História e Pre-História	História. Origens	nº 01, p. 126 - 132, 2º sem. 1993
12	CAVALCANTI, Carlos André Macêdo – História	Inquisição e Crimes Religiosos nas Ordens Régias do Arquivo Público de Pernambuco	Igreja. Sociedade Pernambuco	nº 01, p. 133- 147, 2º sem. 1993

Nº DE ORDEM	AUTOR / ÁREA DE ATUAÇÃO	TÍTULO DO TEXTO/ARTIGO	TEMÁTICA	Nº DO VOLUME /DATA/ Nº DE PÁGINAS
13	FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra – História	Origem Social do Clero Paraibano	Igreja. Sociedade Paraibana	, nº 01, p. 148 - 155, 2º sem. 1993
14	SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de – História/UFCG	Os Duzentos Anos da “Outra” Revolução Francesa.	Relações de Poder. Partidos Políticos. Movimentos Sociais	nº 01, p. 156 - 164, 2º sem. 1993
15	CORDEIRO JR., Raimundo Barroso – História	Legião Cearense do Trabalho: Uma Utopia de Sociedade Integral	Relações de Poder. Partidos Políticos Movimentos Sociais Ceará	nº 01, p. 165 - 170, 2º sem. 1993
16	SANTANA, Martha Maria Falcão de Carvalho e M – História	Poder e Centralização na Paraíba Pós-30.	Relações de Poder. Partidos Políticos. Movimentos Sociais Paraíba	nº 01, p. 171 - 180, 2º sem. 1993
17	BEHAR, Regina Maria Rodrigues – História	PCB: Política e Cultura.	Relações de Poder. Partidos Políticos. Movimentos Sociais	nº 01, p. 181 - 185, 2º sem. 1993
18	OLIVEIRA, Armando Albuquerque de – Filosofia	Paraíba 1990: A Frente Popular.	Relações de Poder. Partidos Políticos. Movimentos Sociais Paraíba	nº 01, p. 186 - 195, 2º sem. 1993
19	RIBEIRO, Felicidade Lúcio – História	Paraíba 1990: O Processo Eleitoral	Relações de Poder. Partidos Políticos. Movimentos Sociais Paraíba	nº 01, p. 196 - 201, 2º sem. 1993
20	WANDERLEY, Maria Ângela Sitônio – Sociologia	Paraíba 1990: A Visão dos Eleitos	Relações de Poder. Partidos Políticos. Movimentos Sociais Paraíba	nº 01, p. 202 - 215, 2º sem. 1993
21	COELHO, Waldeck Pinheiro	Paraíba 1990: As Repercussões do Resultado Eleitoral no Processo Político.	Relações de Poder. Partidos Políticos. Movimentos Sociais Paraíba	nº 01, p. 216 - 219, 2º sem. 1993
22	GAREIS, Maria da Guia Santos	A Influência dos Partidos Políticos nos Movimentos Comunitários	Relações de Poder. Partidos Políticos. Movimentos Sociais	nº 01, p. 229 - 237, 2º sem. 1993
23	MENESES, Marilda Aparecida	Trajetórias Migratórias e Representações dos Camponeses	Relações de Poder. Partidos Políticos. Movimentos Sociais	nº 01, p. 238 - 245, 2º sem. 1993
24	VASCONCELOS, Lúcio Flavio – História	Peru: Utopias e Transição Democrática	Relações de Poder. Partidos Políticos. Movimentos Sociais	nº 01, p. 246 - 252, 2º sem. 1993

Nº DE ORDEM	AUTOR / ÁREA DE ATUAÇÃO	TÍTULO DO TEXTO/ARTIGO	TEMÁTICA	Nº DO VOLUME /DATA/ Nº DE PÁGINAS
25	SOUSA, Fabio Gutemberg R. Bezerra de	1987: Um passeio pelas Terras e Histórias de Campina Grande.	Relações de Poder. Partidos Políticos. Movimentos Sociais Campina Grande/PB	nº 01, p. 253 - 258, 2º sem. 1993
26	MENEZES, Jaldes Reis – História	Questões sobre a Produção Intelectual Autonomista	Relações de Poder. Partidos Políticos. Movimentos Sociais	nº . 01, p. 259 - 262, 2º sem. 1993
27	CAVALCANTI, Maria Helena P.; GONÇALVES, Regina Célia – História SORRENTINO, Rossana de Souza; SOUZA, Vilma de Lurdes Barbosa de –	História Local: Nova Metodologia de Ensino.	Ensino de História Paraíba	nº 01, p. 263-277, 2º sem. 1993

DEBATES REGIONAIS. Identidade (s) Regional (is). João Pessoa, UFPB/NDHIR, nº 02, p. 09-20.1995.

Nº DE ORDEM	NOME DO AUTOR ÁREA DE ATUAÇÃO	TÍTULO DO TEXTO/ARTIGO	TEMÁTICA	Nº DO VOLUME /DATA/ Nº DE PÁGINAS
01	FARIAS, Ana Maria	A modernidade e a identidade no urbano	História e Identidade	nº 02, p. 09-20.1995
02	ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de – História	Nos destinos de fronteira: a invenção do Nordeste (A produção imagético-discursiva de um espaço regional).	História e Identidade	nº 02, p. 21-27.1995
03	GURJÃO, Eliete de Queiroz – História	O Nordeste em construção: regionalização e poder local	História e Identidade	nº 02, p. 28-34.1995
04	FLORES, Elio Chaves – História	Fragmentos da nação: do separatismo sulista ao coronelismo eletrônico	História e Identidade	nº 02, p. 35-47.1995
05	SANTANA, Martha Falcão de C. E. Moraes – História	Crise e identidade regional	História e Identidade	nº 02, p. 48-62.1995
06	VIEIRA, Flávio Lúcio Rodrigues – História	Cultura global e identidade regional	História e Identidade	nº 02, p. 63-71.1995
07	SOUSA, Antônio Clarindo Barbosa de – História	Entre o pão e a poesia: o atendimento às reivindicações populares em campina Grande entre 1982 e 1992	História e Identidade	nº 02, p. 72-83. 1995
08	SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos B. de	Campina Grande: primeiros passos na “construção” de uma cidade (1864-1945).	História e Identidade	nº 02, p. 84-93.1995
09	ROSA, Cláudia Beltrão da – História	Hermenêutica, compreensão e história	Teoria da História	nº 02, p. 94-103.1995
10	ALVES, Francisco José	Histórias da história: uma crítica preliminar	Teoria da História	nº 02, p. 104-111.1995
11	FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra – História	Balanço da Nova Historiografia Paraibana.	Historiografia e Memória	nº 02, p. 112 - 118.1995
12	GONÇALVES, Regina Célia – História	Visões de Artesãs: Breve Considerações sobre História Oral	Historiografia e Memória	nº 02, p. 119 - 126.1995

Nº DE ORDEM	NOME DO AUTOR ÁREA DE ATUAÇÃO	TÍTULO DO TEXTO/ARTIGO	TEMÁTICA	Nº DO VOLUME /DATA/ Nº DE PÁGINAS
13	FERREIRA, Lúcio Menezes	Idéias de Pré-Histórias no Brasil Oitocentista	Historiografia e Memória	Nº02, p. 127 -152. 1995
14	OLIVEIRA, Carla Mary S. – História	Historiografia do Barroco Paraibano	Historiografia e Memória	nº 02, p. 135-140.1995
15	CIPRIANO, Maria do Socorro; SOUSA Antônio Clarindo B. de – História	As Outras Faces da Mulher Ateniense	História e Literatura	nº 02, p. 141-152.1995
16	PEREIRA, Auricélia Lopes Pereira	O Rei do Cangaço e os Vários Lâmpioes	História e Literatura	nº 02, p. 153-159.1995
17	SÁ, Ariane Norma de Menezes – História	A Regulamentação do uso da Mão- de- Obra Livre no Brasil no Século XIX	História e Política	nº 02, p. 160-166.1995
18	LIMA, Luciano Mendonça	Derramando Susto: Escravos e o Quebra- Quilos em Campina Grande	História e Política	nº 02, p. 167-177.1995
19	MELLO, José Octávio de Arruda – História	O Partido de Representação Popular na Paraíba: Uma avaliação(1945-1964)	História e Política	nº 02, p. 178-187.1995
20	CITTADINO, Monique –História	O Processo Político Partidário na Paraíba (1945-1964)	História e Política	nº 02, p. 188-200.1995
21	CASTRO, Ana Andréa Vieira de – História	Resistência Camponesa na Paraíba: Análise das Fotografias do Arquivo da CPT/JP-PB	Documentação e Memória	nº 02, p. 201- 207.1995
22	OLIVEIRA, Teresa Cristina Nunes de – História	Resistência Camponesa na Paraíba: Análise dos Documentos Textuais do Arquivo da CPT/JP-PB	Documentação e Memória	nº 02, p. 208 221.1995
23	MONTENEGRO, Patrícia Souza – História	Resistência Camponesa na Paraíba: Análise dos Recortes de Jornais do Arquivo da CPT/JP-PB	Documentação e Memória	nº 02, p. 222 -241.1995
24	FONSECA, Gorgina Alves da – História ARVALHO, Claudia Farias de – História	. Instituto Histórico e Geográfico Paraibano: Projeto de Organização e Preservação	Documentação e Memória	nº 02, p. 242-247.1995

Nº DE ORDEM	NOME DO AUTOR ÁREA DE ATUAÇÃO	TÍTULO DO TEXTO/ARTIGO	TEMÁTICA	Nº DO VOLUME /DATA/ Nº DE PÁGINAS
25	JUSTINO, Maria das Graças; SILVA, Maria do Socorro	Acervo do NDIHR: A Produção Historiográfica Nordestina	Documentação e Memória	nº 02, p. 248-261.1995.
26	MENESES, Joedna Reis de – História	Ação Governamental e Industrialização na Paraíba	Indústria e Trabalho	nº 02, p. 262-273.1995
27	MEDEIROS, Ana Maria C. de, CARVALHO, Alexandro Donato	Acervos e Artesanato Têxtil na Paraíba.	Indústria e Trabalho	. nº 02, p. 274- 279.1995
28	CAVALCANTI, Maria Helena Pereira	Historia Local identidade Municipal	Identidade municipal	nº 02, p. 280-283.1995
29	LIMA, Maria Vitoria Barbosa – História	Os Periódicos e a Construção da Identidade Municipal.	Identidade municipal	nº 02, p. 284-292.1995
30	OLIVEIRA, Vanda Lucia Araujo de	A Pesquisa de Campo e as Construção da Identidade Municipal	Identidade municipal	nº 02, p. 293-297.1995
31	CALÇA, Suelídia Maria	A Pesquisa Bibliográfica e a Construção da Identidade Municipal	Identidade municipal	nº 02, p. 298-302.1995.
32	SILVA, Madriana Feitosa de Figueiredo – História	Ocupação do Espaço Agrário Paraibano Colonial na Visão dos Cronistas e Viajantes	Questão Agrária	nº 02, p. 303-312.1995
33	OSIAS, Petrónio da Penha – História	Visão dos Cronistas e Viajantes sobre a ocupação do Espaço Agrário Paraibano no momento de Crise e Transição (Séculos XVII / XIX)	Questão Agrária	nº 02, p. 313-324.1995
34	AZEVEDO, Beethoven Nóbrega de – História	Reflexão acerca da Aplicação da Lei de Terras na Paraíba	Questão Agrária	nº 02, p. 325-339.1995
35	BEHAR, Regina Maria Rodrigues – História	Integração Ensino/Pesquisa: Realidade e Possibilidades	Questão Agrária	nº 02, p. 340-345.1995
36	SILVA, Severino Bezerra da – Educação	Metodologia para Aplicação e Execução de Diagnósticos de ensino em História.	Questão Agrária	nº 02, p. 346-350.1995
37	SOUZA, Vilma de Lurdes Barbosa de – História	Algumas Reflexões acerca do ensino de História na Rede Pública de João Pessoa	Questão Agrária	.. nº 02, p. 351- 355.1995
38	ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega – História	As condições do Ensino de História nas Escolas Públicas de João Pessoa	Questão Agrária	nº 02, p. 356-362.1995

DEBATES REGIONAIS: fazer história: (des)construção e (in)certeza, n. 3, 2º sem./ 1996

Nº DE ORDEM	NOME DO AUTOR ÁREA DE ATUAÇÃO	TÍTULO DO TEXTO/ARTIGO	TEMÁTICA	Nº DO VOLUME /DATA/Nº DE PÁGINAS
01	SILVEIRA, Rosa Maria Godoy da – História	Recuperar a memória, fazer história	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p.11-19
02	MEDEIROS, Leonilde Servolo de	Questão agrária e sindicalismo: novos e velhos temas	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 20-36
03	FREITAS, Adolfo Júlio de – Biblioteconomia SILVA, Elizabeth Soares da; DUARTE, Emeide Nóbrega – Biblioteconomia MORAES FILHO, Jorge Tavares de; MAUX, Maria Goretti da S.; SILVA, Maria Salete Jacinto; ALBUQUERQUE, Simone V. Beltrão de	Diagnóstico do Arquivo Permanente do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 37-52
04	LOBO, Isamar Gonçalves	História local: uma nova abordagem historiográfica	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 53-57
05	DIAS, Margarida Maria Santos – História	Ensino de história: problemas e perspectivas	-	, n. 3, 2º sem./ 1996. p. 58-61
06	PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira	A rede de ensino público estadual na Paraíba (1889 a 1930): uma breve retrospectiva histórica	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 62-73.
07	MENEZES, Mozart Vergetti de – História	Criança e Memória	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 74- 82
08	FLORES, Elio Chaves	A poética do tempo e o tempo da política: da proto-modernidade à modernidade revolucionária	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 83-92
09	PATRÍCIO, Maria Cecília	O fenomenal hábito feminino: mudanças no comportamento através das roupas. Campina Grande (1920-1930)	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 93-99

Nº DE ORDEM	NOME DO AUTOR ÁREA DE ATUAÇÃO	TÍTULO DO TEXTO/ARTIGO	TEMÁTICA	Nº DO VOLUME /DATA/Nº DE PÁGINAS
10	SILVA, Eduardo Galdino da	Um olhar sobre a cidade: Campina Grande e a modernidade (1930-1940)	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 100- 105
11	CABRAL FILHO, Severino – História	A trajetória da panificação em Cajazeiras	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 106-136
12	BEHAR, Regina – História	Arte e instrumentalização: considerações sobre o realismo socialista	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 137-152
13	FERNANDES, Telma Dias	A história e a obra de arte: a representação política na literatura de Graciliano Ramos	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 153-164
14	CHAVES, Gislaíne da Nóbrega	A mulher na literatura popular: uma questão de gênero	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 165-178
15	VASCONCELOS, Iris Helena Guedes de	História e literatura na narrativa puritana.	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 179-186
16	FAGUNDES, José Evangelista	A integração do Cono Sul – da ALALC ao MERCOSUL	-	n. 3, 2º sem./ 1996. p. 187-199

APÊNDICE G: Inventário dos Instrumentos de Pesquisa

INSTRUMENTOS DE PESQUISA DO NDIHR

N ° DE ORDEM	TÍTULO	NOMES DOS AUTORES E ÁREA DE ATUAÇÃO	TEMÁTICA	PESQUISADORES	DATA DA PUBLICAÇÃO – N° DE PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
01	Catálogo coletivo de periódicos Do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional	FIGUEIREDO, Mércia Eliane C. de.			, v.1, n. 1, 1983. 25 p.	
02	Catálogo de Documentos Paraibanos do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa 1593 – 1865.	OLIVEIRA, Elza Régis de				(2 volumes datilografados)

INSTRUMENTOS DE PESQUISA DO ARQUIVO ECLESIAÍSTICO DA ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA

Nº DE ORDEM	TÍTULO	NOMES DOS AUTORES E ÁREA DE ATUAÇÃO	PESQUISADORES	DATA DA PUBLICAÇÃO – Nº DE PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
01	Guia do Arquivo Eclesiástico da Paraíba.	FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra		1992, 51p.	Arquidiocese/NDIHR
02	Inventário do Arquivo Eclesiástico da Paraíba	FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra		, 1992, 122p	Arquidiocese/NDIHR
03	Catálogo do Jornal “A Imprensa” 1897 – 1968	MORAIS, Laudereida Eliana Marques		1992, 17p.	Arquidiocese/NDIHR
04	Catálogo dos Projetos Arquitetônicos	CARVALHO, Anna Christina Farias de.		1992, 13p.	Arquidiocese/NDIHR
05	Catálogo dos processos de Ordenação	FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. (Coord.).		1992, 52p.	Arquidiocese/NDIHR,
06	Catálogo de Periódicos	SILVA, Tânia Maria		1992, 16p	Arquidiocese/NDIHR
07	Catálogo da Coleção de Fotografias	PIMENTEL, Gloriete; FORMIGA, Zeluiza (Coords.).		1992, 42p	Arquidiocese/NDIHR.

INSTRUMENTOS DE PESQUISA DO ACERVO GERAL DO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO PARAIBANO – IHGP

Nº ORDEM	TÍTULO	NOMES DOS AUTORES E ÁREA DE ATUAÇÃO	TEMÁTICA	PESQUISADORES	DATA DA PUBLICAÇÃO – Nº DE PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
01	. Guia do Acervo Documental do Instituto Histórico Geográfico Paraibano – IHGP	FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; FORMIGA, Zeluiza; ARAÚJO, Walkiria Toledo de . (Orgs.)			1997, 52p.	Editora Universitária/ NDIHR
02	Inventário das Séries do “Arquivo Flávio Maroja” do IHGP	FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; FORMIGA, Zeluiza. (Orgs.)			1997, 105p.	Editora Universitária/ NDIHR
03	. Catálogo da seção de obras raras do IHGP I Jornais Antigos	NEVES, Joana; PIMENTEL, Gloriete; FORMIGA, Zeluiza			1997, 79p.	Editora Universitária/ NDIHR
04	Catálogo da seção de obras raras do IHGP II Revistas e Boletins Antigos	SILVA, Ataiades Cassimiro da, et al.			1997, 51p	Editora Universitária/ NDIHR,,
05	. Catálogo da seção de obras raras do IHGP III Livros Antigos	PIMENTEL, Gloriete; FORMIGA, Zeluiza. SILVA, Tânia Maria			1997, 290p	Editora Universitária/ NDIHR

INSTRUMENTO DE PESQUISA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO EM ARQUIVO

Nº DE ORDEM	TÍTULO	NOMES DOS AUTORES E ÁREA DE ATUAÇÃO	TEMÁTICA	PESQUISADORES	DATA DA PUBLICAÇÃO – Nº DE PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
01	Arquivos Privados: Instrumentos de Pesquisa	FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. NEVES, Dulce Amélia de Brito. (Orgs.)			1997. 52p.	Editora Universitária/ NDIHR

APÊNDICE H: Inventário dos Materiais Didáticos

1 MATERIAIS DIDÁTICOS/EXTENSÃO: História Local

TÍTULO	AUTORES	TEMÁTICA	DATA DA PUBLICAÇÃO – Nº DE PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
Uma História de Patos	NEVES, Joana - História e RODRIGUES, Therezinha Gloriete Pimentel - História Arquivologia.	História - Patos PB	1985, p. 123	Co-edição Comissão do Quarto Centenário, Prefeitura de Patos, NDIHR/UFPB
Uma história de Pedras de Fogo	SORRENTINO, Rossana de Souza. (Coord.). História, GONÇALVES, Regina Célia, História, CAVALCANTI, Maria Helena - História, SOUZA, Vilma de Lurdes Barbosa de - História.	História - Pedra de Fogo (PB)	Ano I – nº2, abri/1993, p. 95	Assessoria do NDIHR Rosa Maria Godoy Silveira, Joana Neves . Coordenadora do NDIHR Laura Helena Baracuh Amorim Publicação do NDIHR/UFPB pela Ed. universitária
Uma história do Ingá	SORRENTINO, Rossana de Souza. (Coord.). História, GONÇALVES, Regina Célia - História, CAVALCANTI, Maria Helena - História, SOUZA, Vilma de Lurdes Barbosa de - História,	História - Ingá (PB)	Ano I abril/1993, p. 114	Assessoria do NDIHR Rosa Maria Godoy Silveira, Joana Neves . Coordenadora do NDIHR Laura Helena Baracuh Amorim Publicação do NDIHR/UFPB pela Ed. universitária
Uma história do Conde	CAVALTANTI Maria Helena - (coord.) – História, SORRENTINO Rossana de Souza - História, GONÇALVES, Regina Célia - História, SOUZA, Vilma de Lurdes Barbosa de – História e CALAÇA, Suelídia Maria - História.	História - Conde (PB)	Ano II – Nº 3 -junho/1996 - p. 95 PRAC – Nº 6 junho/1996	Esta é uma publicação também da Série Extensão da UFPB – Assessoria do NDIHR Joana Neves - Coordenadora do NDIHR Regina Célia Gonçalves – Publicação do NDIHR/PRAC pela Ed. Universitária - Pesquisadores e organização de dados - Alexandre Felipe Fiúza, Alômia Abrantes da Silva e Ana Luisa Candido Barbosa

TÍTULO	AUTORES	TEMÁTICA	DATA DA PUBLICAÇÃO – Nº DE PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
Uma história de Cabedelo	CAVALTANTI Maria Helena – História (Coord), SORRENTINO, Rossana de Souza – História, GONÇALVES, Regina Célia - História SOUZA, Vilma de Lurdes Barbosa de - História e CALAÇA, Suelídia Maria.	História - Cabedelo (PB)	ano II – N.4, Nov. 1996, p. 146	Assessoria do NDIHR Joana Neves e Severino Bezerra da Silva Coordenadora do NDIHR Regina Célia Gonçalves – Publicação do NDIHR, Pesquisadores e organização de dados - Alexandre Felipe Fiúza, Alômia Abrantes da Silva Anailton Ferreira Alves Edson Ferreira Macedo Isamar Gonçalves Lobo Maria Vitória Barbosa de Lima Vanda Lúcia de Oliveira
Uma História de Areia	GONÇALVES, Regina Célia – História, FIÚZA, Alexandre Felipe – História, SORRENTINO, Rossana de Souza – História SOUZA, Vilma de Lurdes Barbosa de – História, SILVA, Severino Bezerra da	História - Areia (PB)	1998, 179p	Assessoria do NDIHR Joana Neves e Coordenadora do NDIHR Regina Célia Gonçalves – (História)– Pesquisadores e organização de dados - Alexandre Felipe Fiúza - Alômia Abrantes da Silva - Anailton Ferreira Alves - Edson Ferreira Macedo - Isamar Gonçalves Lobo

2) MATERIAIS DIDÁTICOS - HISTÓRIA TEMÁTICA DA PARAÍBA

TÍTULO DO LIVRO/	AUTORES E ÁREA DE ATUAÇÃO	TEMÁTICA	TEXTOS	DATA DA PUBLICAÇÃO – N° DE PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
O Trabalho na Paraíba das Origens À transição para o Trabalho Livre	MEDEIROS, Maria do Céu (História) e SÁ, Ariane Norma de Menezes (História)	Paraíba - História - Trabalho – Paraíba - sec. XVI ao XIX - Trabalhadores	Texto 1 – O trabalho na Paraíba escravista. (MEDEIROS) Texto 2 – A Transição do Trabalho escravo para o livre na segunda metade do século XIX (SÁ)	V. 1. IV – 1999 – p. 126	Esse volume contém dois textos. Publicado pelo NDIHR através da Ed. Universitária da UFPB
Atividades Produtivas na Paraíba	FERNANDES, Irene Rodrigues (História) E AMORIM, Laura Helena Baracuy (História)	Paraíba – História – Atividades econômicas	Texto 1 – A Economia Paraibana na Fase de Isolamento Relativo (1585 - 1930) – (FERNANDES) Texto 2 – A Economia Paraibana na Etapa de Articulação Comercial (1930 – 1990) (AMORIM) Texto 3 – A Economia Paraibana na Fase da Integração Produtiva (1970 – 1990) (AMORIM)	V. 2. IV – 1999 – p. 103	Esse volume contém três textos. Publicado pelo NDIHR através da Ed. Universitária da UFPB

TÍTULO DO LIVRO/	AUTORES E ÁREA DE ATUAÇÃO	TEMÁTICA	TEXTOS	DATA DA PUBLICAÇÃO – N° DE PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
A Questão Urbana na Paraíba	GONÇALVES, Regina Célia (História) – LAVIERI, Maria Beatriz Ferreira (Arquitetura) – LAVIERI, João (Arquitetura) – RABAY, Glória (Comunicação)	Paraíba – História - Urbanismo	Texto 1 – Questão Urbana na Paraíba (GONÇALVES) Texto 2 – Evolução Urbana de João Pessoa Pós 60 (LAVIERI a e b) – Texto 3 – Movimentos de Moradores: Conflito e Disciplinamento (RABAY)	V.3. IV – 1999 – p. 74	Esse volume contém três textos. Publicado pelo NDIHR através da Ed. -Universitária da UFPB
Estrutura de Poder na Paraíba	SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (História)- SILVA, Eliete de Queiroz Gurjão (História) – ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro (História)- CITTADINO, Monique (História)	Paraíba – História - Política	Texto 1 – Poder e Política na Paraíba: Colônia e Império (SILVEIRA) Texto 2 – A Paraíba Republicana (1889 – 1945) (SILVA) Texto 3 – O Processo Político na Paraíba (1954 -1964) (ARAÚJO) Texto 4 – A Política Paraibana e o Estado Autoritário (1964 – 1968) (CITTADINO)	V. 4. IV – 1999 – p. 137	Esse volume contém quatro textos. Publicado pelo NDIHR através da Ed. Universitária da UFPB

APÊNDICE I: Inventário dos TEXTOS NDIHR: publicação e coordenação

Nº DE ORDEM	ANOS DE PUBLICAÇÃO	Nº DOS TEXTOS PUBLICADO POR ANO	QUANTIDADE	COORDENADORES DO NDIHR NOS ANOS DAS PUBLICAÇÕES
01	1983	1, 2 e 3	03	Neiliane Maia
02	1984	4 e 5	02	Neiliane Maia e Maria Antonia Alonso de Andrade
03	1985	6, 7, 8, 9 e 10	05	Maria Antonia Alonso de Andrade
04	1986	11, 12, 13, 14 e 15	05	Maria Antonia Alonso de Andrade
05	1987	16, 17, 18 e 19	04	Maria Antonia Alonso de Andrade
06	1988	20, 21 e 22	03	Maria Antonia Alonso de Andrade
07	1989	23	01	Maria Antonia Alonso de Andrade e Rosa Maria Godoy Silveira
08	1990	24 e 27	02	Rosa Maria Godoy Silveira
09	1991	25, 26, 28 e 29	05	Rosa Maria Godoy Silveira e Irene Rodrigues da Silva Fernandes
10	1992	-	0	Irene s Rodrigues da Silva Fernandes e Maria Ângela Sitônio Wanderley
11	1993	-	0	Neiliane Maia
12	1994	30	01	Neiliane Maia e Laura Helena Baracuhy

APÊNDICE J: Inventário dos coordenadores do NDIHR

NÚMERO	NOME/DEPARTAMENTO DOS COORDENADORES	PERÍODO DE GESTÃO	NOME / DEPARTAMENTO DOS VICE COORDENADORES	PERÍODO DE GESTÃO	OBSERVAÇÃO/ LOCALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO
01	Renato José Pinto Ortiz Departamento de Ciências Sociais – UFPB	Mar. à 29 de Jun. de 1976	Rosa Maria Godoy Silveira Departamento de Filosofia e História – UFPB	Março à 29 Jun. 1976	Portaria nº 628 Dispensado a pedido Renato Ortiz em 29/06/1976
02	Rosa Maria Godoy Silveira Departamento de Filosofia e História – UFPB	29 Jun. de 1976 à Set. de 1977	Ivanice Frazão de Lima e Costa Departamento de Filosofia e História	10 Ago. 1976 à Set. 1977	Portaria nº 629 de 29/06/1976 Rosa Godoy Assumiu a Coordenação do NDIHR Portaria nº 651 de 10/08/1976 Ivanice Frazão assume a vice-coordenação do NDIHR
03	Rosa Maria Godoy Silveira Departamento de Filosofia e História – UFPB	Set. 1977 a Mar. de 1978	Maria Antonia Alonso de Andrade	Nov. 1977 a Mar. 1978	Portaria nº 593 de 29/11/1977- Maria Antonia Alonso assume a vice coordenação do NDIHR
04	Rosa Maria Godoy Silveira Departamento de Filosofia e História – UFPB	Mar. de 1978 a Mai. de 1979	Maria Antonia Alonso de Andrade	Mar. 1978 a Mai. 1979 Jun. 1979 a Mai. 1980	-
05	Rosa Maria Godoy Silveira Departamento de Filosofia e História – UFPB	Mai. de 1979 a Mar. de 1980	Claudio Antonio Gonçalves Egler	Jun. 1979 a Mar. de 1980 Mai. 1980 a Jul. 1981	PORTARIA R/DP/Nº 513 de 15/06/1979 - Claudio Egler vice coordenador do NDIHR
06	Rosa Maria Godoy Silveira Departamento de Filosofia e História – UFPB	01 Mai. 1980 a 31 Jul. 1981	Neiliane Maia	01 Mai. 1980 a 31 Jul. 1981	Portaria R/DP/nº 1097 de 18/09/1981 Rosa Godoy como coordenadora no período de 01/05/1980 a 31/07/1981 Portaria R/DP/ nº 1098 de 18/09/1981 Neiliane Maia como vice coordenadora no período de 01/05/1980 a 31/07/1981

NÚMERO	NOME/DEPARTAMENTO DOS COORDENADORES	PERÍODO DE GESTÃO	NOME / DEPARTAMENTO DOS VICE COORDENADORES	PERÍODO DE GESTÃO	OBSERVAÇÃO/ LOCALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO
07	Rosa Maria Godoy Silveira Departamento de Filosofia e História – UFPB	Ago. 1981 a Ago. 1982	Joana Neves Departamento de Filosofia e História	21 Set. 1981 a Ago. 1982	Portaria R/DP/nº 1103 de 21/09/1981 Joana Neves como vice coordenação do NDIHR no período de 01/08/1982 até 31/09/1983
08	Neiliane Maia	Ago. 1982 a Jul. 1983	Joana Neves (afastou – se em Mar. 1983) Vice Coordenador interino: Mauro Guilherme Pinheiro Koury/Depart de Sociologia	Ago. 1982 a Jul. 19	Portaria R/DP/ nº 739 de 15/09/1982 Neiliane maia como coordenadora do NDIHR no período de 1/08/1982 a 31/07/1983
09	Mauro Guilherme Pinheiro Koury Departamento de Sociologia	Ago. 1983 a Set. 1984	Neiliane Maia	Ago. 1983 a Set. 1984	Ata do CTC
10	Mauro Guilherme Pinheiro Koury Departamento de Sociologia	Set. 1984 a Set. 1984	Tamara Tania Cohen Egler	Set. 1984 a Set. 198	Ata do CTC
11	Maria Antonia Alonso de Andrade	Out. 1984 a Set. 1985	Tamara Tania Cohen Egler	Out. 1984 a Set. 1985	Ata do CTC
12	Maria Antonia Alonso de Andrade	Set. 1985 a Nov. 1986	Rosa Maria Godoy Silveira	Set. 1985 a Nov. 1986	Ata do CTC
13	Maria Antonia Alonso de Andrade	Nov. 1986 a Nov. 1988	Neiliane Maia	Nov. 1986 a Nov. 1988	Ata do CTC
14	Maria Antonia Alonso de Andrade	Nov. 1987 a Nov. 1988	Neiliane Maia Departamento de História	Nov. 1987 a Nov. 1988	Ata do CTC
15	Rosa Maria Godoy Silveira Departamento de História	Nov. 1988 a Nov. 1990	Lourdes Maria Bandeira Neiliane Maia	Nov. 1989 a Nov. 1990	Ata do CTC

NÚMERO	NOME/DEPARTAMENTO DOS COORDENADORES	PERÍODO DE GESTÃO	NOME / DEPARTAMENTO DOS VICE COORDENADORES	PERÍODO DE GESTÃO	OBSERVAÇÃO/ LOCALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO
16	Irene Rodrigues da Silva Fernandes Departamento de História (afastou-se em 09.91)	Nov. 1990 a Set. 1991	Maria Ângela Sitônio Wanderley (assumiu a coordenação em 09.91)	Nov. 1990 a Set. 1991	Ata do CTC
17	Maria Ângela Sitônio Wanderley Departamento de Ciências Sociais	Set. 1991 a Nov. 1991	Não aparece nas atas a/o vice	-	Ata do CTC
18	Neiliane Maia Departamento de História	Nov. 1991 a Nov. 1992	Rosa Maria Godoy Silveira/Depart. De História (afastou-se em 03.92) Assumindo Jacob Carlos Lima - Ciências Sociais para complementar o mandato	Dez. 1992 a Dez. 1994	Ata do CTC de 06/11/1991 Ata do CTC de 06/07/1992
19	Laura Helena Baraculhy Amorim (afastou-se em 03.94) Departamento de História	Nov. 1992 a Mar. 1994	Maria Ignez Novais Ayala Departamento de Letras (afastou-se em 03.94)	Nov. 1994 a Mar. 1994	Ata do CTC de 04/11/1992 A partir desta gestão o tempo de gestão do NDIHR passou a ser de 2 anos – não foi encontrada em ata esta mudança
20	Lúcia de Fátima Guerra Ferreira Departamento de História	Mar. 1994 a Mar. 1996	Ariane Norma de Menezes Sá Departamento de História (afastou-se em 02.95) Cláudia Beltrão da Rosa Departamento de História	Mar. 1994 à Fev. 1995 e Mar. 1995 à Mar. 1996	Ata do CTC de 18/03/1994
21	Regina Célia Gonçalves Departamento de História	Mar. 1996 a Mar. 1998	Dulce Amélia de Brito Neves Departamento de Biblioteconomia e Documentação	Mar. 1996 a Mar. 1998	Ata do CTC
22	Raimundo Barroso Cordeiro Júnior Departamento de História	Abr. 1998 à Abr. 2000	Doralice Sátyro Maia Departamento de Geografia	Abr. 1998 à Abr. 2000	Ata do CTC
23	Neiliane maia	Abr. 2000 à Mar. 2001	Eduardo Henrique Guimarães/ Depart. De História	Abr. 2000 à Mar. 2001	Ata do CTC
24	Lúcio Flávio Sá Peixoto de Vasconcelos Departamento de História	Abr. 2001 a Mar. 2003	Severino Bezerra da Silva Departamento de Educação	Abr. 2001 a Mar. 2003	

NÚMERO	NOME/DEPARTAMENTO DOS COORDENADORES	PERÍODO DE GESTÃO	NOME / DEPARTAMENTO DOS VICE COORDENADORES	PERÍODO DE GESTÃO	OBSERVAÇÃO/ LOCALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO
25	Flávio Lúcio Rodrigues Vieira Departamento de História	Abr. 2003 à Mar. 2005	Severino Bezerra da Silva Departamento de Educação fica no cargo até 28/05/2004 - e entra Carlos Xavier de Azevedo Netto	Abr. 2003 à 28 Mai. 2004 e 28 Mai. 2004 à Mar. 2005	Portaria - P/SRH/nº 762 de 28/05/2003 - renuncia ao cargo de Vice- Coordenador do NDIHR - Portaria - P/SRH/ nº 763 de 28/05/2003 – assume o cargo de vice coordenador o Prof. Carlos Xavier de Azevedo Netto
26	Carlos Xavier de Azevedo Netto Departamento de Ciência da Informação	Abr. 2005 à Mar. 2007	Flávio Lúcio Rodrigues Vieira Departamento de História	Mar. 2005 à Mar. 2007	Ata do CTC
27	Carlos Xavier de Azevedo Netto Departamento de Ciência da Informação	Abr. 2007 à Mar. 2009	-	-	Não existe eleição e Carlos continua sendo o Coordenador do Núcleo
28	Carlos Xavier de Azevedo Netto Departamento de Ciência da Informação	Abr. 2009 à Mar. 2011	Élio Chaves Flores Departamento de História	-	Ata do CTC – o Prof. Dr. Élio renuncia por carta ao cargo de Vice coordenador (informação obtida do Prof. Dr. Carlos Xavier Netto) sem a data desta renuncia
29	Carlos Xavier Netto Departamento Ciência da Informação	Abr. 2011 à Mar. 2012	-	-	Não existe eleição continua sendo o coordenador do Núcleo o Prof. Dr. Carlos Xavier Netto